



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ENSINO MÉDIO INTEGRADO, REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: um estudo com jovens dos
cursos de Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA**

Nivaldo Moreira Carvalho

Brasília, março de 2010

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

**ENSINO MÉDIO INTEGRADO, REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: um estudo com jovens dos
cursos de Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA**

Nivaldo Moreira Carvalho

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB, como parte dos requisitos para a obtenção de título de Mestre em Educação – Área de concentração: Políticas Públicas e Gestão da Educação; Linha de pesquisa: Educação e políticas públicas – gênero, raça/etnia e juventude.

Brasília, 22 de março de 2010

**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

**ENSINO MÉDIO INTEGRADO, REPRESENTAÇÕES DE GÊNERO E
PERSPECTIVAS PROFISSIONAIS: um estudo com jovens dos
cursos de Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA**

Nivaldo Moreira Carvalho

Orientador (a): Prof^ª. Dr^ª. Wivian Weller

BANCA EXAMINADORA

Prof^ª. Dr^ª. Wivian Jany Weller (Orientadora)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª. Sílvia Cristina Yannoulas (Membro)
Serviço Social da Universidade de Brasília

Prof^ª. Dr^ª. Edla Eggert (Membro)
Faculdade de Educação - UNISINOS

Prof. Dr. Erlando Rêses (Suplente)
Faculdade de Educação da Universidade de Brasília

Brasília, 22 de março de 2010

Dedico este trabalho à minha esposa Judácia e ao meu filho Hiago, pela paciência, carinho e compreensão que tiveram em todos os momentos em que não pude estar presente.

AGRADECIMENTOS

Acredito que nada é por acaso. Cada um de nós tem a responsabilidade e a liberdade de trilhar o seu caminho por mais árduo que seja. Neste caminho, no entanto, nunca estamos sozinhos, afinal muitas pessoas amigas, e que nos amam muito, sempre estão presentes e torcendo por nós.

A Deus, pelo dom da vida, por nos fazer acreditar cada vez mais nas pessoas.

À minha família, minha esposa Judácia e meu filho Hiago, pelo amor, apoio e compreensão.

À professora Wivian, pela amigável e responsável orientação. Sempre presente, atenciosa e amiga, sem ela não teria chegado onde estou.

À “tia” Margarida, ao “tio” Joaquim e filhos(as) - Welvenuti, Joalvenuti, Joceny e Welberti, por me acolherem em sua casa, sempre que preciso, dando-me espaço afetivo e receptivo.

Aos (às) professores (as), alunos(as), equipe diretiva e funcionários(as) do IF Baiano – Campus Guanambi, pela colaboração durante o trabalho de campo.

Aos jovens e às jovens dos cursos Técnicos em Agropecuária e Agroindústria, pela grande colaboração a esta pesquisa.

Aos (às) colegas do Grupo de Pesquisa em educação e políticas públicas: Gênero, raça/etnia e juventudes - GERAJU, em especial a Catarina pelos esclarecimentos, amizade, carinho e apoio nesta caminhada.

Aos colegas do Projeto Gestor, pelo apoio, amizade, carinho e angústias partilhadas.

Às professoras e aos professores Bernardo Kipnis, Olgamir Francisco de Carvalho, Remi Castioni, Ronaldo Marcos de Lima Araujo e Wivian Weller, pelos valiosos ensinamentos.

Às professoras e aos professores da banca de qualificação e da banca examinadora, pelas considerações e atenções dispensadas.

A todas as pessoas que de uma forma ou de outra contribuíram para o meu engrandecimento e para o sucesso deste trabalho.

Meus agradecimentos.

RESUMO

CARVALHO, Nivaldo Moreira. **Ensino Médio Integrado, representações de gênero e perspectivas profissionais: um estudo com jovens dos cursos de Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2010.

A presente dissertação desenvolve um estudo comparativo entre jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino, bem como entre cursos com características diferentes de uma mesma instituição, buscou-se conhecer as experiências dos (as) estudantes em relação aos cursos e ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Guanambi. As expectativas em relação ao futuro profissional e às representações de gênero dos alunos e alunas dos cursos de Agropecuária e Agroindústria desse Campus constituem o foco principal deste estudo. O trabalho de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2008. Como instrumentos de coleta de dados, optamos pela realização de grupos de discussão e registros etnográficos. Foram realizados oito grupos de discussão com jovens de ambos os sexos do terceiro e do primeiro ano dos respectivos cursos. Os resultados aqui apresentados referem-se às análises de quatro grupos de discussão, sendo dois do terceiro ano do curso Técnico em Agropecuária e dois do primeiro ano do curso Técnico em Agroindústria. Para as análises utilizamos o método documentário que tem sua origem na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e foi adaptado para a pesquisa qualitativa, ou seja, para a análise de dados tais como grupos de discussão, entrevistas narrativas, imagens e filmes por Ralf Bohnsack. Observamos que o anseio por uma vaga no mercado de trabalho bem como o próprio ingresso no Ensino Superior são os objetivos mais claros que fizeram estes (as) jovens optarem por uma instituição que oferecesse um ensino com maiores possibilidades, neste caso, o Ensino Médio Integrado. A busca por melhores condições de vida e ascensão econômica atrai tanto os (as) jovens do meio rural como os (as) jovens da zona urbana. Cada um (a) desses (as) jovens procura aqueles cursos que mais se aproximam de suas características – urbana ou rural – daí a importância de se oferecerem diferentes cursos com tais características e que possam atender a diversidade ou pluralidade da juventude. A chance de mudar de vida, de sair de repente de uma condição de miséria ou de pobreza motiva cada vez mais esses (as) jovens a procurar uma opção melhor para atingirem seus objetivos: trabalho, lazer e até constituição da família. Em contrapartida, ao lado dessas situações de crescimento, ascensão e mudança de vida está também a exclusão, o preconceito e a discriminação. Nos discursos dos (das) jovens do curso Agropecuária e nas respectivas representações de gênero foram relatadas situações de discriminação e de não-reconhecimento das mulheres no que diz respeito à inserção no mercado de trabalho em uma profissão vista como “masculina” e no tratamento diferenciado no âmbito da escola. Essas situações de preconceito não se resumem apenas aos alunos e alunas, mas perpassam também pelos (as) docentes, bem como por muitos componentes da administração escolar.

Palavras-chave: Ensino Médio, Educação Profissional, Gênero, Juventude, Grupos de Discussão, Pesquisa Qualitativa.

ABSTRACT

CARVALHO, Nivaldo Moreira. **Integrated High School, gender representations and professional perspectives: a study with young people from the classes of Agricultural and Agribusiness on Guanambi/BA.** Dissertation (Masters). Education Program of the University of Brasília, 2010.

The present dissertation develops a comparative research between young males and young females and courses with different characteristics at the same institution, in order to knowing the students' experiences regarding to the courses and to the Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Guanambi. The expectations of professional future and gender representations of students from the Agriculture and Agribusiness courses, at this Campus constitute the main focus of this research. The field work has developed during the second semester of 2008. As data gathering tools, we chose by realization of discussion groups and ethnographic records. Eight discussion groups were made, with young people of both sexes that are studying at the third and first year of the respective courses. The results here presented refer to the analysis of four discussion groups, being two from the third year of the Technical Course on Agriculture and two of the first year of the Technical Course on Agribusiness. For the analysis it was used the documentary method who has its origins on Knowledge Sociology from Karl Mannheim and was adapted for qualitative research, for data analysis like discussion groups, narrative interviews, pictures and movies by Ralf Bohnsack. We can observe that the eagerness for a spot on the work market as well as the ingress on the Superior Education are the most clear objectives that made these young people choose an institution that could provide education with better possibilities, in this case, the Integrated High School. The search for better conditions of life and economical arise attracts both young people from the country and the city. Each one of those young people looks for those courses that most approximate of their characteristics – urban or rural – therefore the importance of being offered different courses with such characteristics that may fill the diversity or plurality of youth. The chance of changing life, leaving a condition of misery and poverty motivates even more these young people to find a better option to fulfill their objectives: work, leisure and even build a family. In opposite, alongside of these sceneries of growing, arising and life changing, it is also located the exclusion, preconception and discrimination. On the speech of the young people of Agriculture course and on the respective gender representations, it were related situations of discrimination and non-recognition of the women about their insertion on the work market in a profession that is seen as “manly” and on the differentiated treatment on the school scope. These situations of preconception do not summarize only to students, but also touches the teachers, as well as many components of the school administration.

Keywords: High School, Professional Education, Gender, Youth, Discussion Groups, Researches Qualitative.

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 – Total de matrículas na EAFAJT, por ano e por sexo.....	43
TABELA 2 – Total de matrículas na EAFAJT no curso Técnico em Agropecuária, por ano e por sexo.....	43
TABELA 3 – Total de matrículas na EAFAJT no curso Técnico em Agroindústria, por ano e por sexo.....	44
TABELA 4 – Total de matrículas na EAFAJT no curso Técnico em Informática, por ano e por sexo.....	44

LISTA DE ABREVIATURAS

CEFET – Centro Federal de Educação Tecnológica

CGAE – Coordenação Geral de Assistência ao Educando

EAC – Encontro de adolescentes com Cristo

EAF – Escola Agrotécnica Federal

EFAJIT - Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira

FETAG – Federação dos Trabalhadores na Agricultura

IFET – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia

MEC – Ministério da Educação

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PROEJA – Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	12
PARTE I – REFERENCIAL TEÓRICO-METODOLÓGICO	18
CAPÍTULO I – EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, JUVENTUDES E GÊNERO	19
1.1 Educação profissional no Brasil	19
1.2 Juventudes: um termo no plural	24
1.3 Juventudes e relações de gênero	28
1.3.1 Gênero e identidades sexuais	31
CAPÍTULO II – PROCEDIMENTOS TEÓRICO-METODOLÓGICOS	33
2.1 A abordagem etnográfica na pesquisa educacional	34
2.2 Grupos de discussão e o método documentário de interpretação	36
PARTE II – TRABALHO DE CAMPO	40
CAPÍTULO III – NO CAMINHO COM A PESQUISA	41
3.1 O município de Guanambi e a Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira...	41
3.2 A escola, os(as) jovens e os grupos de discussão	45
CAPÍTULO IV – OS GRUPOS FEMININOS	48
4.1 Grupo Esperança (3º ano, do curso Técnico em Agropecuária)	48
4.1.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJ) e pelo curso de Agropecuária: “... vim pra cá por influência dos meus pais e também pela minha irmã...”	49
4.1.2 As Relações de gênero na escola e na sociedade: “A verdade é essa homem pode quase tudo nessa escola, mulher quase nada”	55
4.1.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição de família: “... se eu ganhar um salário mínimo não sei se vou ter nenhum filho @ <u>pra sofrer o que eu sofri@...</u> ”	67
4.2 Grupo Liberdade (1º ano, do curso Técnico em Agroindústria)	72
4.2.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJ) e pelo curso de Agroindústria: “... na minha cidade tem muita gente que veio pra cá, aí sempre comentava que a escola era muito boa os professores muito bom...”	74
4.2.2 As relações de gênero na escola e na sociedade: “homem tem prioridade, mulher não”	77

4.2.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família: “Estudar é a porta a porta para ser feliz...”	85
CAPÍTULO V – OS GRUPOS MASCULINOS.....	90
5.1 Grupo Vitória (3º ano, do curso Técnico em Agropecuária)	90
5.1.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJ) e pelo curso de Agropecuária: “... a maior importância, a grande importância que a escola teve pra mim foi me ensinar a andar com minhas próprias pernas...”	92
5.1.2 As relações de gênero na escola e na sociedade: “... o homem sempre tem::: a liberdade né, muito mais liberdade que a mulher né,”	94
5.1.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família: “eu pretendo trabalhar né? um um ou dois anos depois (1) ver se consigo entrar numa faculdade”	101
5.2 Grupo União (1º ano, do curso Técnico em Agroindústria)	106
5.2.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJ) e pelo curso de Agroindústria: “... a gente acha que vai abrir novas portas pro mercado de trabalho...”	107
5.2.2 As relações de gênero na escola e na sociedade: “... os homens aqui na escola têm mais direito que a mulher, a mulher não tem direito...”	110
5.2.3. Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família: “... acho que o sonho de todo mundo é ter uma boa formação, trabalhar, construir uma família, comprar sua casa, seu carro...”	121
CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE COMPARATIVA DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO E ALGUMAS PROPOSIÇÕES A PARTIR DESTE ESTUDO.....	125
6.1 As percepções e expectativas sobre a escola e o curso.....	125
6.2 As relações de gênero na escola e na sociedade.....	127
6.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família..	131
6.4 Algumas proposições a partir deste estudo.....	133
REFERÊNCIAS	135
APÊNDICES	139

INTRODUÇÃO

Historicamente, homens e mulheres fazem parte de uma cultura onde as disputas são constantes entre dominados e dominantes, pois são muitas as formas que as pessoas inventaram para exercer a dominação sobre as outras. A luta de uma classe para manter os seus privilégios, e o embate de outra que almeja condições dignas e justas de vida estão a cada dia mais acirrados. Essa situação perpassa, inclusive, pela sexualidade, que tem um papel importantíssimo nas relações de poder na sociedade, no interior da qual as relações de gênero adquirem uma força preponderante. Dessa forma, a dominação masculina em nossa cultura tem uma relação intrínseca com as relações de poder, com as questões de autoafirmação e dominação. Além do mais, não é difícil visualizar em nosso meio a supremacia masculina em detrimento da feminina nos mais variados setores da sociedade. No entanto, devemos ter o cuidado de não tomarmos como naturais alguns conceitos que são construídos histórica e socialmente.

Embora façamos parte de um mundo cada vez mais unificado, globalizado, em que as distâncias entre as pessoas se minimizam cada vez mais, isso não implica dizer que as diferenças diminuíram ou acabaram, talvez tenham até aumentado e provocado grandes consequências. O preconceito e a discriminação, por exemplo, que podem ser percebidos a cada dia com maior ostentação, acontece, na maioria das vezes, por não aceitarmos o “outro”, ou seja, aquele que diverge da nossa maneira de ser, pensar, sentir. De acordo com Weeks (2001), o etnocentrismo exacerbado pode nos levar a situações de discriminação e de não reconhecimento do outro na sua diversidade, tanto social quanto cultural e até mesmo sexual. Assim, a “consciência de que a forma como nós fazemos as coisas não é a única forma de fazê-las pode causar um salutar abalo em nosso etnocentrismo, forçando-nos a perguntar por que as coisas são como são hoje em dia” (WEEKS, 2001, p.45).

Para Dayrell (2005), o jovem, principalmente no Brasil, depara-se com uma realidade na qual não consegue satisfazer os seus anseios e objetivos, pois já não vê sentido no trabalho. Este se apresenta de forma precarizada, forçando o jovem a fazer “bicos” para sobreviver e não preenchendo mais a sua existência. Não podemos esquecer, contudo, da importância e do significado que tem o trabalho na vida dos (as) jovens. É por meio dele que as pessoas conseguem transformar e modificar o meio em que vivem. Entretanto, devemos ficar atentos para as desigualdades existentes em seu meio, para que possamos, senão saná-las, pelo menos minimizá-las. Do contrário, uma

sociedade dupla seria criada, “como se fossem dois mundos que se excluem reciprocamente, embora parecidos na forma: nos dois podem ser encontradas as mesmas coisas e imagens, mas as oportunidades são completamente desiguais” (DAYRELL, 2005, p. 21).

A presente investigação foi desenvolvida no âmbito do grupo de pesquisa GERAJU - Educação e Políticas públicas: gênero, raça/etnia e juventude, do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade de Brasília/UnB.

Antes de explicitar os objetivos deste estudo gostaríamos de descrever brevemente o caminho percorrido até aqui. A minha trajetória de vida se mistura um pouco com a educação. A maior parte dos meus estudos foi realizada em escolas públicas, sendo que cursei o Ensino Fundamental em duas instituições distintas: da primeira a quarta série no Grupo Escolar Antônio Batista; e, da quinta a oitava série e o Ensino Médio no Centro Educacional Municipal Dom José Pedro Costa – ambas as instituições localizadas na cidade de Candiba/BA (minha cidade de origem). Conclui o Ensino Médio em 1996. Nessa época não tínhamos muitas opções, ou se cursava o Magistério de 1º. Grau – que era o único curso de Ensino Médio que existia na cidade – ou teria que buscar meios para estudar em outras cidades. Em 2001 ingressei na Universidade do Estado da Bahia – UNEB – onde cursei Licenciatura Plena em Educação Física e em 2005 fiz uma especialização em Educação Física Escolar na Faculdade de Guanambi – FG, as duas localizadas na cidade de Guanambi/BA.

A minha primeira experiência profissional se realizou exatamente graças ao curso de Magistério. Em 1997 comecei a lecionar na segunda série do Ensino Fundamental em uma escola particular, e, em 1998 passei a lecionar algumas disciplinas do Ensino Médio em escolas públicas e particulares nos municípios de Candiba e Guanambi. No ano de 2004 fui aprovado em um concurso público para a Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira – Guanambi – BA, para o cargo de Assistente de Alunos, onde exerci algumas outras funções, dentre elas a de Coordenador no Núcleo de Assistência às Pessoas Portadoras de Necessidades Especiais. Em 2007, na mesma instituição, através de outro concurso, passei a trabalhar como professor de Educação Física, cargo que exerço até hoje.

O meu interesse em estudar este tema não surgiu por acaso, desde o meu ingresso na EFAJ, em 2004, pelo fato de trabalhar diretamente com os (as) estudantes da instituição algo me inquietava: o baixo número de alunas que ali estudavam. Até então não pensava em fazer mestrado para estudar essas questões, além do mais, por estar no

período probatório não seria possível se afastar para cumprir tal tarefa, mas com o passar do tempo, essas inquietações só aumentaram. Em 2007, surgiu a oportunidade de cursar o Mestrado em Educação pela Universidade de Brasília – UnB, através do Projeto Gestor – um Convênio entre a UnB e a Secretaria de Educação Média e Tecnológica do MEC. Observando a qualidade do mesmo e a opção de cursá-lo sem precisar se afastar das funções profissionais devido ao período probatório, interessei-me, me inscrevi e fui selecionado na Linha de pesquisa: Educação e políticas públicas – gênero, raça/etnia e juventude. A oportunidade de conciliar a vida pessoal, profissional e qualificar-se tornou-se possível, mesmo ainda estando no período probatório.

Assim, para delimitação dos estudos estabelecemos os seguintes objetivos:

- Identificar e comparar os motivos que levaram os (as) jovens dos cursos Técnicos em Agropecuária e Agroindústria da Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira – Guanambi – Bahia (EFAAJT) a optarem por estes cursos;
- Conhecer as experiências desses estudantes em relação à escola e aos cursos;
- Analisar as relações de gênero entre esses estudantes;
- Identificar, na perspectiva dos (as) jovens atendidos (as) nesses cursos, as suas expectativas quanto às possibilidades no campo profissional, que poderão ser geradas a partir da conclusão dos estudos;

O local escolhido para a pesquisa empírica foi a Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira, de Guanambi – BA, fundada em 31 de julho de 1993 e vinculada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC, do Ministério da Educação – MEC. Localizada no Distrito de Ceraíma, município de Guanambi/BA, compõe o Sistema Nacional de Educação Tecnológica. A escola é dotada de uma boa infraestrutura, possibilitando o oferecimento do Ensino Médio concomitante a uma educação profissional de qualidade.

Atualmente, possui 667 estudantes distribuídos nos cursos Técnico em Agropecuária (Ensino Médio e Técnico integrados), Técnico em Agroindústria (Ensino Médio e Técnico integrados), Zootecnia e Agricultura (Subsequente), e o Técnico em Informática - PROEJA (Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos). Mas a verdadeira vocação da escola e até mesmo da região sempre foi a atividade agropecuária. Com o

Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Tecnológica e Profissional, a escola passou a ser Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia – Campus Guanambi.

Embora seu objetivo principal seja a formação de técnicos para o mercado de trabalho, ela nunca deixou de focar as questões mais amplas que envolvem a sociedade, ou seja, sempre esteve preocupada com uma educação em busca da cidadania, e que atenda a todos e a todas, não se importando com diferenças de raça/etnia, classe social ou de gênero.

No entanto, há muito tempo é observado que o número de jovens do sexo masculino matriculados é superior ao número de jovens do sexo feminino, sendo que dentre todos os estudantes, apenas 31,6% são do sexo feminino. Esses números já foram bem mais baixos. Em 2006, por exemplo, chegou-se a ter apenas 16,5% de alunas em toda a Instituição.

Além disso, cerca de 150 discentes residem durante todo o período letivo nas dependências da escola, inclusive nos finais de semana, e desse total de estudantes residentes, 120 são do sexo masculino e apenas 30 são do sexo feminino, isto é, somente 20% do total das vagas. O alojamento feminino só foi inaugurado no ano de 2006, gerando muitas críticas e atitudes preconceituosas dentro da própria entidade, entre professores, alunos e até na comunidade externa.

Embora a mulher, nos dias atuais, já tenha ocupado um grande espaço na sociedade, uma vez que as encontramos nos mais variados postos, “nos tribunais superiores, nos ministérios, nos topos das grandes empresas, em organizações de pesquisas de tecnologia de ponta. Pilotam jatos, comandam tropas, perfuram poços de petróleo” (PROBST, s/d, p.01), ela ainda se encontra em situação de desvantagem em muitos campos, perante o mercado e até nos cursos preparatórios para o trabalho. De acordo com Probst,

no Brasil, as mulheres são 41% da força de trabalho, mas ocupam apenas 24% dos cargos de gerência. O balanço anual da Gazeta Mercantil revela que a parcela de mulheres nos cargos executivos das 300 maiores empresas brasileiras subiu de 8%, em 1990, para 13% em 2000. No geral, entretanto, as mulheres brasileiras recebem, em média, o correspondente a 71% dos salários dos homens. Essa diferença é mais patente nas funções desqualificadas. No topo elas quase alcançam os homens. Os estudos mostram que no universo do trabalho as mulheres são ainda preferidas para as funções de rotina. De cada dez pessoas afetadas pelas lesões de esforço repetitivo (LER), oito são mulheres. (s/d, p. 03).

As mulheres se encontram nesse contexto lutando para que possam ser reconhecidas em uma sociedade igualitária, justa e fraterna. No entanto, convivem o

tempo todo com uma série de problemas em uma sociedade que se encontra dividida em classes. Dessa forma, observamos na atualidade as constantes referências e debates sobre as relações de gênero, nos estudos e pesquisas acadêmicas, seminários, simpósios, nos discursos de vários campos profissionais, e até mesmo no governo e na mídia. Muito embora os estudos sobre a juventude feminina não constitua objeto de interesse de muitos pesquisadores, o que nos lembra Weller em seu artigo “‘invisibilidade’ feminina nas (Sub)culturas juvenis”, no qual questiona a ausência de estudos sobre jovens-adolescentes. Acrescenta que este desinteresse parece perpetuar-se para a mídia e para a imprensa popular, uma vez que se concentram na divulgação de incidentes espetaculares e de caráter desviante, principalmente de grupos juvenis do sexo masculino (WELLER, 2005b).

Pensando nisto, a presente pesquisa foi motivada pelas seguintes indagações: Como ocorrem as relações de gênero nos cursos de Agropecuária e Agroindústria da Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira, no município de Guanambi/BA? Como são construídas as representações de gênero dos/as alunos/as? Quais são as expectativas das alunas e dos alunos que estão concluindo os respectivos cursos quanto ao mercado de trabalho?

A presente dissertação está dividida em cinco capítulos. No primeiro apresentamos uma breve retrospectiva histórica acerca da Educação Profissional no Brasil, bem como uma reflexão sobre a educação profissional brasileira e da dualidade - ensino “propedêutico” X educação instrumental. Procuramos também caracterizar da melhor forma possível o termo “Juventudes”, sendo apresentado propositadamente no plural, de forma a ressaltar a diversidade com que deve ser reconhecido esse termo. Entendemos que a juventude deva ser vista como uma fase de vida específica, e não apenas como uma fase de formação e de preparação para a fase adulta. Discutimos também o conceito de gênero fazendo uma comparação com o termo “sexo”, enfatizando o seu caráter histórico em diversos países, inclusive no Brasil.

No segundo capítulo apresentamos os procedimentos teórico-metodológicos que adotamos na pesquisa. Levando-se em conta a problematização e os objetivos deste trabalho, optamos por realizar uma pesquisa qualitativa, na qual os registros etnográficos e os grupos de discussão (cf. WELLER, 2006) constituíram os principais instrumentos de coleta de dados. Para as análises utilizamos o método documentário que tem sua origem na Sociologia do Conhecimento de Karl Mannheim e foi adaptado para a pesquisa qualitativa, ou seja, para a análise de dados tais como grupos de discussão, entrevistas

narrativas, imagens e filmes por Ralf Bohnsack (BOHNSACK e WELLER, 2006; WELLER, 2005).

No terceiro capítulo apresentamos um pouco da história de Guanambi – BA, bem como o histórico e a caracterização do universo escolhido para a investigação – a EAJT. Detalhamos e comparamos também o número de matrículas por curso, série e sexo. Mostramos ainda os caminhos que percorremos para a empreitada em questão, relatando um pouco do trabalho de campo, destacando quando e como foi o contato com os(as) jovens, o critério de escolha dos grupos de discussão e as dificuldades encontradas.

No quarto capítulo realizamos as análises de dois grupos de discussão, mais especificamente os femininos: “Esperança” e “Liberdade”. Já no quinto, fazemos a análise dos dois grupos masculinos: “Vitória” e “União”. Nesses dois capítulos seguimos os mesmos procedimentos. Para cada um dos grupos apresentamos inicialmente o perfil de seus componentes. Para fazer as análises partimos dos seguintes eixos: percepções e expectativas sobre a escola e o curso, com o objetivo de identificar os motivos que levaram esses (as) jovens a ingressarem nos cursos e na instituição e conhecer as suas experiências; relações de gênero na escola e na sociedade na tentativa de analisar as relações de gênero entre os (as) jovens na instituição e na sociedade; projetos de futuro profissional e pessoal de forma a identificar as expectativas em relação ao campo de trabalho e à constituição da família.

As considerações finais trazem uma análise comparativa entre os quatro grupos, levando-se em conta as percepções e expectativas sobre a escola e o curso, as relações de gênero na escola e na sociedade, os projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família. Os resultados nos mostram que apesar de destacarem a importância da escola para atingirem seus objetivos, há um tratamento diferenciado em relação ao gênero dentre os (as) jovens na instituição, entre o curso de Agroindústria e o de Agropecuária e até mesmo por alguns funcionários para com os (as) jovens. Dessa forma, algumas proposições devem ser feitas no intuito de melhorar as relações de gênero no âmbito da instituição.

PARTE I
REFERENCIAL TEÓRICO- METODOLÓGICO

CAPÍTULO I

EDUCAÇÃO PROFISSIONAL, JUVENTUDES E GÊNERO

1.1 Educação Profissional no Brasil

Entre os povos indígenas, na época da chegada dos portugueses no Brasil, a educação se dava propriamente segundo a observação e a participação nas atividades de pesca, de caça, de coleta, de plantio, de colheita, de construção e de confecção de objetos, isto é, os mais jovens aprendiam observando e repetindo o que os mais velhos faziam. Nessa época as práticas educativas se fundiam com a preparação para o trabalho. É possível afirmar ainda que esses povos foram os primeiros educadores de artes e ofícios no Brasil para as áreas de tecelagem, de cerâmica, de adornos e artefatos de guerra, de construção de casas, de cultivo de terras e de produção de medicamentos (MANFREDI, 2002).

Durante os dois primeiros séculos da colonização o trabalho era centralizado nas mãos dos indígenas que foram escravizados, dos negros trazidos da África e de alguns homens livres. A produção era basicamente o plantio de cana de açúcar para a produção de açúcar nas agroindústrias. Os colégios dos jesuítas constituíam os primeiros núcleos de formação profissional – ‘as escolas-oficinas’ – durante este período, ensinando os diversos ofícios nos mais diferentes pontos do Brasil. A intensificação das atividades econômicas contribuiu demasiadamente para o aumento de artesãos de todos os tipos para as mais variadas produções (MANFREDI, 2002).

Com a expulsão dos Jesuítas em 1759 o sistema de educação escolar existente se desorganizou e o sistema estatal de educação só voltou mesmo a se organizar com a vinda da família real para o Brasil em 1808, apesar disso não impedir as iniciativas privadas e confessionais de educação. Entre 1840 e 1856, foram fundadas as casas de educandos artífices por dez governos provinciais que adotaram modelos de ofícios vigentes (MANFREDI, 2002).

Crianças e jovens em estado de mendicância eram encaminhados para estas casas, onde recebiam instruções primárias – no âmbito da leitura, da escrita, da aritmética, da álgebra elementar, da escultura, do desenho, da geometria, entre outros – e aprendiam alguns dos seguintes ofícios: tipografia, encadernação, alfaiataria, tornearia, carpintaria, sapataria, etc. (MANFREDI, 2002, p. 76).

Neste mesmo período da iniciativa de entidades da sociedade civil nasceram os liceus de artes e ofícios. Entre 1858 e 1886, foram criados liceus de artes e ofícios em diversos centros urbanos. O acesso aos cursos era livre, exceto para escravos. Entretanto, o primeiro curso destinado a mulheres inaugurou-se em 1881 no Liceu de Artes e Ofícios do Rio de Janeiro. No império os objetivos educativos tanto do Estado quanto da iniciativa privada refletiam duas situações distintas, mas complementares: uma de natureza assistencialista e compensatória destinada aos pobres e desafortunados; e outra como formação para o trabalho artesanal, socialmente útil e legitimador da dignidade da pobreza. Durante a república os liceus foram mantidos e ampliados, servindo de base para a criação para uma rede nacional de escolas profissionalizantes (MANFREDI, 2002).

A Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica teve seu início oficial em 1909, quando Nilo Peçanha assumiu a Presidência e assinou o Decreto Nº 7.566, em 23 de setembro de 1909. Foram criadas 19 escolas em diferentes unidades federativas, vinculadas ao Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio, que formavam a então rede de Escolas de Aprendizes e Artífices, que tinha por objetivo ofertar à população de baixo poder aquisitivo o ensino profissional, primário e gratuito. Segundo Santos (2000, p. 212) a admissão dos alunos, que estava expressa no artigo 6º do Decreto supracitado, “obedecia aos seguintes critérios: ter idade de dez anos no mínimo e de 13 anos no máximo e a preferência na matrícula deveria recair sobre ‘os desfavorecidos de fortuna’”.

Em 1927, o Congresso Nacional sancionou o Projeto de Fidéris Reis que previa o oferecimento obrigatório do ensino profissional no país. Em 1930, no intuito de atender o grande crescimento urbano no país e o crescente processo de industrialização, foi criado o Ministério da Educação e da Saúde Pública, e, num enorme esforço de ampliar o sistema educacional brasileiro e notadamente o ensino profissional, foi estruturada a Inspetoria do Ensino Profissional e Técnico, que passou a supervisionar as Escolas de Aprendizes e Artífices.

Em 1942, o Decreto Nº 4.127 transformou as Escolas de Aprendizes e Artífices em Escolas Industriais e Técnicas, estabelecendo uma equivalência entre o ensino profissional e o ensino secundário: dessa forma os alunos formados nos cursos técnicos poderiam ingressar na Educação Superior. No ano de 1959, As escolas industriais e técnicas são transformadas em autarquias com o nome de Escolas Técnicas Federais, ganhando autonomia didática e de Gestão.

Já em 1978, por meio da Lei Nº 6.545, três Escolas Técnicas Federais (Paraná, Minas Gerais e Rio de Janeiro) são transformadas em Centros Federais de Educação

Tecnológica – CEFETs, que, dentre as outras atribuições, foram incumbidos de formar engenheiros de operação e tecnólogos. No ano de 1994, através da Lei Nº 8.948, as Escolas Técnicas Federais e as Escolas Agrotécnicas Federais foram transformadas gradativamente em CEFETs.

Dessa forma, começando com 19 Escolas em 1919, a rede chega a 140 unidades em 2002, configurando assim a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica. Superando essa lógica de expansão, em 2005 é publicada a Lei Nº 11.195, que versa sobre a ampliação da rede, com a construção de 64 novas unidades de ensino. Em 2007 entrou em vigor a segunda fase do Plano de Expansão da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica, prevendo-se um total de 354 unidades, até o final de 2010.

Atualmente a Rede é formada pelas Escolas Agrotécnicas Federais (EAFs), Centros Federais de Educação Tecnológica (CEFETs), Escolas Técnicas Vinculadas às Universidades Federais, Escola Técnica Federal, Campi vinculados à Universidade Tecnológica. Através da Lei Nº 11.892 de 29 de dezembro de 2008¹ a maioria dessas instituições foram transformadas em Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia (IFET's), ficando instituída a nova Rede de Educação Profissional, Científica e Tecnológica que está organizada, dentre outros, em torno dos seguintes objetivos: a) ofertar educação profissional e tecnológica em todos os níveis e modalidades; b) promover a integração da educação básica com a educação profissional e com a educação superior, otimizando a infraestrutura física, os quadros de pessoal e os recursos de gestão; c) qualificar-se como centro de referência no apoio à oferta do ensino de ciências nas instituições públicas de ensino, oferecendo capacitação técnica e atualização pedagógica aos docentes das redes públicas de ensino. Além disso, deve continuar oferecendo o mínimo de 50% de suas vagas para a educação profissional técnica de nível médio, o mínimo de 20% para licenciaturas, além de cursos superiores de tecnologia, bacharelados e engenharias, bem como pós-graduação *lato sensu* e *stricto-sensu*.

Com uma história tão longa e significativa para a população brasileira, é mister refletir acerca da Educação Profissional e Tecnológica nos anos 2000, chegando a ser um grande desafio e uma obrigação para todos nós que vivemos em uma sociedade onde cada vez mais se torna necessária a preparação para o trabalho. Além disso, o uso das tecnologias nos diversos setores tem gerado uma qualificação cada vez mais urgente, já que a mudança no mercado de trabalho é cada vez mais rápida e volumosa,

¹ Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lei_11892_ifets.pdf>. Acesso em: 28 de fevereiro de 2009.

juntamente com a rapidez e precisão com que conseguimos comunicar, trabalhar, estudar, pesquisar, etc.

Por um lado, observamos uma série de problemas no que diz respeito ao mercado de trabalho. Um deles é a exclusão, pois, a maioria das pessoas, ou não está suficientemente preparada, ou por vários outros fatores - classe, gênero, raça ou etnia, ou até mesmo por serem jovens – fica excluída do processo. Segundo Kuenzer (2006, p. 881), “no caso específico das políticas de Educação Profissional, exclusão passou a designar desempregados e populações em situação de risco social.” Por outro, com um mercado cada vez mais exigente, mas, ao mesmo tempo, marcado por baixos salários, precarização dos ambientes e das formas de trabalho, não existem condições suficientes e adequadas para que os profissionais possam se inserir no mundo da produção.

Nesse sentido, é dada uma ênfase ao que chamamos de competências para o trabalho, ou seja, se exige hoje um trabalhador que tenha características dinâmicas, que possa renovar-se e adaptar-se às mais variadas situações de trabalho. Dessa forma, aquele profissional de carreira, que se mantinha em um posto de trabalho por um longo tempo, já não é mais valorizado. Assim,

o treinamento dos desempregados, visando sua recolocação no mercado de trabalho em postos de maior qualificação, é uma das principais políticas destinadas a reduzir o desemprego. As profundas mudanças tecnológicas das últimas décadas e os novos processos produtivos instalados exigem, cada vez mais, empresários e trabalhadores qualificados e capacitados. Por isto, e pelos efeitos benéficos que tem sobre a realidade social e econômica, a educação é, mais do que nunca, a prioridade nacional. Investir nas pessoas e na sua educação é uma das condições básicas para a construção de uma economia mais eficiente e de uma sociedade mais justa. (CNI, 1997, p. 28 *apud* OLIVEIRA, 2003, p. 254).

Percebe-se, portanto, o grande desafio que se coloca para a educação brasileira, que, para muitos, é a única forma de inclusão, embora a maior parte da população não tenha acesso a uma educação de qualidade.

Entretanto, no Brasil, desde os tempos da colonização, existe uma dualidade entre trabalho manual e intelectual. O preconceito sobre o trabalho manual ficou ainda mais evidente quando foi introduzida a mão-de-obra escrava, pois, segundo Santos, “como um dos pressupostos básicos da dinâmica do modelo econômico brasileiro implantado no período colonial influenciou decisivamente a formação da nossa força de trabalho” (2000, p. 205). Assim, o trabalho manual passou a ser desprestigiado e discriminado na sociedade brasileira, pois estaria vinculado aos escravos, e os “homens

livres” não poderiam aderir a essa modalidade de trabalho para não adquirir “o status do grupo de trabalhadores do sistema escravista” (*op.cit.*, 205).

A dualidade é um dos grandes problemas da educação brasileira, sendo que esta nasce na sociedade e chega até a escola. Dessa forma, a escola acaba sendo uma extensão da sociedade, existindo cursos para formar os dirigentes, as elites; e outros para formar trabalhadores ou preparar os desfavorecidos da fortuna para o mercado de trabalho. Nesse sentido, Santos afirma que,

isso se deve ao fato de que o ensino profissional, desde o período imperial, havia sido inteiramente marginalizado em relação à educação secundária, tendo em vista que o primeiro estava destinado a formar indivíduos para o trabalho manual, enquanto o segundo destinava-se às elites, isto é, aos que ocupariam as funções de dirigentes. (2000, p. 218).

O rompimento com a dualidade – ensino “propedêutico” para a classe favorecida e educação instrumental para a “classe trabalhadora” - acaba gerando um arcabouço histórico de uma formação de uma elite que se prepara para dirigir o país e de uma classe destinada a trabalhar, produzir. Por um lado, a visão da Educação profissional vem como um apêndice da Educação “propedêutica”, pois é como se pudesse cursar um ensino médio e sair dele com uma bonificação de uma formação profissional. Tudo isso sabemos que não surge como um passe de mágica, essa dicotomia é histórica no Brasil, uma vez que, desde o período da escravidão, a mão-de-obra é atribuída ao trabalho escravo, sendo conseqüentemente discriminada e destituída de um *status* maior.

Segundo Ciavatta, a “Constituição, no seu art. no. 205 prevê que a educação deve visar ‘ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho’” (2006, p. 912). Essas discussões também se travaram no campo da legislação, que ora coloca como ensino concomitante, ou seja, o médio separado do profissional, ora, bem mais recente, vem com o discurso do Ensino Integrado, como um meio de atingir o ser humano em sua plenitude. Dessa forma, o ensino integrado vem com a ênfase num profissional com uma formação geral, mais ampla, através da qual passa a entender o seu trabalho como um todo, deixando um pouco de lado a visão restrita da formação por partes, pensando em sua visão global. Essa concepção paira sobre a integração de trabalho, ciência, técnica, tecnologia, humanismo e cultura geral, ou seja, a formação integral do educando.

Estamos, então, diante de um tempo em que não podemos negar de forma alguma a importância da Educação Profissional para a inclusão das pessoas no mercado de trabalho, e, conseqüentemente, a sua inclusão também em um processo de vida digna

e com acesso aos mais variados campos a que todos têm direito, principalmente ao emprego. Embora há muito tempo a Educação venha tentando suprir essas necessidades, sabemos também da real necessidade de nos “alfabetizarmos” profissionalmente para estarmos inseridos no contexto atual de sociedade.

1.2 Juventudes: um termo no plural

De acordo com Dayrell, “não é fácil construir uma noção de juventude que consiga abranger a heterogeneidade do real” (2005, p. 20), porque, segundo o autor, normalmente se atribui um caráter único e homogêneo, como se determinadas características pudessem traduzir de forma comum essa faixa etária. Entretanto, a forma como cada sociedade vai lidar com as transformações que acontecem nesta fase é muito variada, pois, “esta diversidade se concretiza nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores), de gênero e também das regiões, dentre outros aspectos” (DAYRELL, 2005, p. 20).

Para Pais, “a sociologia da Juventude tem oscilado entre duas vertentes,” (1993, *apud* DAYRELL, 2005, p. 20): a primeira é classificada como *geracional*, em que a juventude é uma fase da vida, caracterizando-se por aspectos mais uniformes e homogêneos típicos de uma faixa etária, estando presentes nesta corrente tanto as teorias da socialização, quanto as das gerações; a “segunda vertente, *classista*, trata a juventude como um conjunto social necessariamente diversificado, em razão das diferentes origens de classes, que apontam para uma diversidade das formas de reprodução social e cultural” (DAYRELL, 2005, p. 21). Portanto, ao fazermos uma análise das juventudes no Brasil, é necessário levar em conta o alto grau de diversidade presente em nosso povo, advindos de uma formação multicultural. Assim, “pensar os jovens no Brasil implica levar em conta a enorme diversidade contextual e sociocultural existente” (DAYRELL, 2005, p. 21). Margulis também vai apontar para esta diversidade e complexidade da juventude quando diz que,

no existe una única juventud: en la ciudad moderna las juventudes son múltiples, variando en relación con características de clase, el lugar donde viven y la generación a que pertenecen y, además, la diversidad, el pluralismo, el estallido cultural de los últimos años se manifiestan privilegiadamente entre los jóvenes que ofrecen un panorama

sumamente variado y móvil que abarca sus comportamientos, referencias identitarias, lenguajes y formas de sociabilidad. (2001, p. 42).

Gropo (2000) procura definir a juventude como categoria social. Destaca que ao ser definida desta forma a juventude deixaria de ser conceituada levando-se em conta apenas a faixa etária – que, segundo o autor, é um dos critérios pelos quais costumeiramente a definem –, pois para ele as “definições passeiam por dois critérios principais, que nunca se conciliam realmente: o critério etário (herdeiro das primeiras definições fisiopsicológicas) e o critério sócio-cultural.” (GROPPO, 2000, p. 9) Ainda segundo o autor “o critério etário – que delimita a juventude de acordo com faixas de idade, por exemplo, de 15 a 21 anos, de 10 a 24 anos, de 14 a 19 anos etc. – está sempre presente, expresso ou subjacente, como base prévia de uma definição de juventude” (GROPPO, 2000, p. 9).

Uma outra situação colocada por Gropo (2000, p. 9) é o de “relatividade do critério etário, pois a juventude, o jovem e seu comportamento mudam de acordo com a classe social, o grupo étnico, a nacionalidade, o gênero, o contexto histórico, nacional e regional etc.” Portanto, cabe-nos enfatizar aquilo que é colocado por Dayrell (*op. cit*) quando destaca o termo no plural - “juventudes” - uma vez que ele acaba sendo muito complexo e amplo, não aceitando uma definição determinista e estanque. Tudo vai depender de uma situação social, cultural e econômica em que se está inserido. Rezende (2005, *apud* GROPPO, 2000, p.15) “sugere também o uso sociológico no plural do termo juventude para que podemos dar conta da diversidade na vivência desta fase de transição a maturidade, ou de socialização secundária, denominada ‘juventude’”. Portanto, “ao ser definida como categoria social, a juventude torna-se ao mesmo tempo uma representação sócio-cultural e uma situação social²” (GROPPO, 2000, p. 7). Dessa forma,

o termo juventude designa um estado transitório, uma fase da vida humana cujo início é muito claramente definido pela aparição da puberdade; quanto ao fim da juventude, varia segundo os critérios e os pontos de vista que se adotam para determinar se os indivíduos são ‘jovens’. (ROSENMMAYR *apud* GROPPO, 2000, p. 9).

Entendemos que o critério etário é muito determinista, e que por si só não basta para definir uma fase da vida humana tão complexa e rica de valores e significados. Sendo assim, é importante que considere outros fatores pertinentes e que poderão

² Situação social aqui é entendida como uma situação vivida em comum por certos indivíduos;

facilmente enriquecer a forma como encaramos a juventude, isto é, em muitos estudos a juventude é vista como uma fase da vida de transitoriedade e transformação.

Talvez o fator “transitoriedade” expresse um caráter de passagem, o que nos dá uma ideia de “sem importância” e “sem significado” por si só, porém, quando nos remetemos à transformação, talvez tenhamos uma ideia um pouco mais condensada e mais consistente, uma vez que transformar é um ato de radicalidade e de enfrentamento da realidade que está posta. Nesse sentido, Peralva nos lembra que “não por acaso, parte considerável da sociologia da juventude constituir-se-á então como uma sociologia do desvio: jovem é aquilo ou aquele que se integra mal, que resiste à ação socializadora, que se desvia a um certo padrão normativo”(1997, p. 18).

Por isso, fazer com que essa fase da vida seja vista apenas como uma fase de transitoriedade e de aprendizagem talvez fosse mais cômodo para a maior parte dos adultos que já se encontram em uma posição um tanto confortável e que não veem na transformação uma situação de *status* ou de privilégios que requeira respeito e importância por parte da sociedade. Porém, para Dayrell, na “ótica da diversidade, existem diferentes modos de ser jovem, resultado, em parte, das próprias condições sociais nas quais esses sujeitos constroem sua experiência” (2005, p. 26). Muitas vezes esses modos são atribuídos basicamente àqueles pertencentes às classes médias e altas, o que ofusca demasiadamente os jovens pertencentes às camadas populares, além de estes últimos ficarem rotulados por um modelo que não faz sentido em uma sociedade tão diversa como a nossa. Segundo Cavalli,

até meados do século XX, o fenômeno da juventude era uma prerrogativa dos filhos das classes superiores que dedicavam uma atenção especial a formação dos seus descendentes – os filhos da aristocracia sendo educados em colégios militares e os filhos da burguesia e profissionais liberais nas universidades. (*apud* DAYRELL, 2005, p. 28).

Dessa forma, sabemos que as idades da vida não são fenômenos puramente naturais, mas construídos social e historicamente. O modelo ternário citado por Peralva (1997) e discutido por Dayrell (2005, p. 29), que afirma que “na infância brinca-se, na juventude prepara-se, forma-se, e na idade adulta trabalha-se”, acaba reforçando esta ideia. Ainda, segundo Dayrell, é “a expressão clara da concepção de tempo dominante” (*op. cit.*, 29).

Partindo desse pressuposto, a juventude é uma fase da vida que serve para se preparar e se formar, isto é, um período de transitoriedade, uma preparação para a vida adulta, como se fosse uma fase que não tivesse uma existência em si, mas servisse

apenas para uma passagem a outra fase. Embora divergindo um pouco desse modelo, é importante que se entenda também que “o ciclo da vida pode ser dividido em três grandes fases: infância e adolescência ou primeira idade, vida adulta ou segunda idade e velhice ou terceira idade” (CAMARANO, MELO e KANSO, 2006, p. 63), sendo que cada uma dessas fases está intimamente ligada com o mercado de trabalho, onde a “primeira fase corresponde ao tempo no qual os indivíduos são preponderantemente estudantes, a segunda trabalhadores, e a terceira, aposentados” (*Idem*, p.63).

No entanto, de acordo com Dayrell (2005, p. 30), é mesmo no pós-guerra que a juventude é ressaltada como uma idade de vida específica, e, a partir da década de 50 do século XX, motivados pelo *Welfare State* e pela crise patriarcal, surge um período de maior liberdade juvenil, inclusive com a revolução sexual. Assim, inicia-se uma cultura juvenil, marcada pelo tempo livre, jovens com estilos de vida peculiares, enfatizando o prazer, a liberdade e comportamentos estranhos e exóticos; gerando uma imagem de fase difícil e de crise.

Mesmo assim, diversos estudiosos divergem quanto ao significado de Juventude, levando-se em conta a diversidade presente nesta “fase da vida”. Dayrell (2005, p. 33) destaca que “significa não entender a juventude como uma etapa com um fim predeterminado, muito menos como um momento de preparação que será superado quando entrar na vida adulta”. Noutra perspectiva, Melucci diz que

é possível marcar um início da juventude, quando fisicamente adquire o poder de procriar, quando a pessoa dá sinais de ter necessidade de menos proteção por parte da família, quando começa a assumir responsabilidades, a buscar a independência e a dar provas de auto-suficiência, dentre outros sinais corporais e psicológicos. (*apud* DAYRELL, 2005, p. 33).

Se não bastasse uma fase de grandes transformações biológicas e psicológicas pelas quais passam a juventude, para o jovem, ter que lidar ainda com uma série de condições sociais, históricas e culturais no seu dia a dia interfere demasiadamente em seu estilo de vida. Porém,

sabemos hoje que as idades da vida, embora ancoradas no desenvolvimento bio-psíquico dos indivíduos, não são fenômeno puramente natural, mas social e histórico, datado, portanto, e inseparável do lento processo de constituição da modernidade, do ponto de vista do que ela implicou em termos de ação voluntária sobre os costumes e os comportamentos, ou seja naquilo que ela teve de intrinsecamente educativo. (PERALVA, 1997, p.15).

Muitas vezes o significado da juventude é reduzido apenas a uma fase de passagem ou de transição para a vida adulta. Tal definição atribui um caráter de insignificância a essa fase da vida, diminuindo a sua importância perante a sociedade, não valorizando, portanto, a imensa contribuição histórica e social para a humanidade. Devemos ter o cuidado de não homogeneizar esta fase da vida, uma vez que a diversidade é notória, devendo ser enfatizadas as diversas formas de ser jovem. “A juventude constitui um momento determinado, mas não se reduz a uma passagem, assumindo uma importância em si mesmo” (DAYRELL, 2005, p. 34). Além do mais, são ínfimas as políticas públicas para essa parcela da população, o que agrava ainda mais a situação de exclusão dos jovens, inclusive quanto ao mercado de trabalho.

1.3 Juventudes e relações de gênero

A interpretação mais comum e errônea é a de que gênero se refere às características biológicas, e isso interfere diretamente nas relações práticas em forma de preconceito. Dessa forma, os termos gênero e sexo são confundidos o tempo todo. Segundo Yannoulas (2001, p. 62), “a palavra sexo provém do latim “sexus” e refere-se à condição orgânica (anatômico-fisiológica), que distingue o macho da fêmea: seu poder de distinção reside na estabilidade, através do tempo”. Já “a categoria de gênero provém do latim “genus” e refere-se ao código de conduta que rege a organização social das relações entre homens e mulheres”. O primeiro termo diz respeito às características biológicas que homens e mulheres apresentam em seus corpos, órgãos e hormônios; o segundo refere-se às características social e culturalmente construídas, delineando representações de masculinidade e feminilidade.

Para Weeks “nos dois últimos séculos, ‘sexo’ adquiriu um sentido mais preciso: ele se refere às diferenças anatômicas entre homens e mulheres, a corpos marcadamente diferenciados e ao que nos divide e não ao que nos une” (2001, p. 42). A partir desse conceito de sexo, poderíamos remeter às questões naturais e biológicas do corpo como uma justificativa para fazer com que se sobressaia a superioridade masculina construída historicamente, prevalecendo as características de força física como uma forma de dominação. Dessa forma, “sexo” será usado “como um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciamos homens e mulheres” (WEEKS, 2001, p. 43). Devemos, no entanto, nos

atentar para as questões ideológicas que perpassam por esses conceitos, pois a partir dessas diferenciações, destacam-se tratamentos sociais diferenciados entre homens e mulheres, os quais serão descritos por gênero (WEEKS, 2001).

Portanto, gostaríamos de enfatizar o caráter histórico, que, assim como as pessoas, as instituições e as coisas de maneira geral, as palavras também têm uma história, e “aquelas pessoas que se propõem a codificar o sentido das palavras lutam por uma causa perdida, porque as palavras, como as idéias e as coisas que elas pretendem significar tem uma história” (SCOTT, 1995, p.71). De acordo com Scott (1995, p. 72), a primeira aparição do termo gênero aconteceu entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo.

Segundo Piscitelli (2002, p.8) o conceito de gênero foi elaborado em um momento específico da história das teorias sociais sobre a “diferença sexual”, quando, no século XIX, a ideia de “direitos iguais à cidadania” impulsionou uma mobilização feminista no Continente Europeu, na América do Norte e em outros países. Em meados do século XX, em vários lugares, as mulheres conseguiram romper com algumas das expressões de desigualdades, como o direito ao voto, à propriedade e à educação. Deste modo, as diversas correntes do pensamento feminista concordam com a existência da submissão feminina em relação ao homem. Entretanto, questionam o caráter natural que é dado a ela. Dessa forma, procuraram elaborar estratégias e diversas teorias para tentar explicar o porquê dessa subordinação originando assim um sujeito político coletivo – mulher.

Entretanto, queremos deixar bem claro que quando nos referimos a gênero, não estamos focalizando apenas a “categoria mulher”, já que assim como quem estuda as diferenças de classes não poderia se remeter apenas aos camponeses, não podemos também nos remeter somente às mulheres, partindo do pressuposto que gênero é uma categoria analítica, no qual mulheres e homens são definidos em termos recíprocos, e não se poderia compreender qualquer um dos sexos separadamente (SCOTT, 1995, p.72).

Segundo Piscitelli (2002, p.16), embora o termo gênero já tenha sido utilizado, foi a partir da conceitualização de Rubin, em seu ensaio “O tráfico das Mulheres: Notas sobre a Economia Política do Sexo”, publicado em 1975 que começou a ser difundido com maior força. Dessa forma, Rubin definiu o sistema sexo/gênero como o conjunto de arranjos através dos quais uma sociedade transforma a sexualidade biológica em produtos da atividade humana, ou seja, a cultura se sobrepõe à natureza.

Todavia, só a partir dos anos de 1980 é que se observa uma substituição gradativa do termo mulher pelo termo gênero, como identificador de uma determinada

área de estudos no país, e isso favoreceu a rejeição do determinismo biológico implícito no uso do termo sexo e enfatizou os aspectos relacionais e culturais da construção social do feminino e masculino. A passagem do termo mulher e feminismo para o termo “gênero” favoreceram a aceitação dessa área de pesquisa, uma vez que despolitizou uma problemática, já que tendo surgido no movimento feminista, mobilizava preconceitos (HEILBORN E SORJ, 1999, p.187).

Para Scott (1995, p.75), o termo “gênero” tem uma conotação mais objetiva e neutra do que mulheres, parecendo se ajustar à terminologia científica das ciências sociais, dissociando da política, uma vez que não implica uma tomada de posição, nem designa a parte lesada, pois inclui as mulheres sem nomeá-las, dando assim uma legitimidade acadêmica aos estudos feministas nos anos 80. De acordo com Scott, o termo “gênero” também é utilizado para designar as relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita as explicações biológicas e passa a indicar “construções culturais”, isto é, a construção social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres, se referindo exclusivamente às identidades subjetivas de homens e mulheres (1995, p.75).

As relações de poder são mais um exemplo de como a sexualidade se mantém viva e comumente são colocadas como centro das atenções em uma sociedade machista e desigual, destacando-se aqui as relações de gênero, as questões de classe e de raça. Referindo-se às análises de Foucault, Heilborn *et al* (2006) destaca que “a sexualidade não pode agir como uma resistência ao poder porque está demasiadamente envolvida nos modos pelos quais o poder atua na sociedade moderna” (*op. cit.*, p. 45). Dessa forma,

gênero não é uma simples categoria analítica; ele é, como as intelectuais feministas têm crescentemente argumentado, uma relação de poder. Assim, padrões de sexualidade feminina são, inescapavelmente, um produto de poder dos homens para definir o que é necessário e desejável – um poder historicamente enraizado. (WEEKS, 2001, p. 56).

As discriminações entre homens e mulheres estão tão enraizadas que, muitas vezes eles (as) próprios (as) (homens e mulheres) se veem inconscientemente nestes patamares a ponto de concordar tranquilamente com essa situação. As discriminações se acentuam ainda mais em relação ao meio social, onde isso se torna muito visível, até mesmo no desejo sexual, uma vez que os homens têm a liberdade de ser incontroláveis, enquanto que às mulheres cabem apenas administrar este desejo (*idem*, p. 220). É notório também que as diferenças de classes influenciam consideravelmente na manutenção da dominação masculina. O homem, por apresentar historicamente uma

posição social e financeira ligeiramente superior a da mulher, acaba por entender que não deve se preocupar com determinadas situações, como por exemplo, se prevenir de uma possível gravidez, atribuindo assim essa responsabilidade apenas às mulheres.

A escolaridade é outro fator que se deve destacar em relação às análises de gênero nos mais variados campos e gerações, a exemplo, na participação das atividades econômicas. Isto nos revela que, além das questões de cor ou etnia estarem intimamente ligadas às diferenças no mercado de trabalho, observamos também que há uma discrepância no que diz respeito ao gênero, uma vez que os salários das mulheres negras são menores do que os das mulheres brancas e menores ainda do que os salários tanto dos homens negros quanto dos brancos. Segundo Soares, *apud* Camarano, Mello e Kanso (2006), “as mulheres negras recebiam, em 1998, cerca de 40% do salário de um homem branco. Já a relação entre o salário de uma mulher branca e o de um homem branco era de 79%, e o de um homem negro com relação ao de um homem branco, 46%” (CAMARANO, MELO e KANSO, 2006, p. 87).

1.3.1 Gênero e identidades sexuais

Muitas formas de dominação estão ligadas também às identidades sexuais, e, segundo Weeks “para muitos, no mundo moderno, é um conceito absolutamente fundamental, oferecendo um sentimento de unidade pessoal, de localização social e até mesmo de comprometimento político” (2001, p.70). Sendo assim, o autor coloca dois termos que até meados do século XIX não existiam: “heterossexualidade” e “homossexualidade”. Até então, ao invés de serem denominadas de homossexuais, as pessoas que mantinham relações sexuais com outras de mesmo sexo eram chamadas de sodomitas, e só em 1869 é que os dois termos foram cunhados pela primeira vez por Karl Kertberny (*apud* WEEKS, 2001, p. 61).

Para Heilborn *et al* (2006), os homens ainda são bastante conservadores em aceitar ou pelo menos tolerar a homossexualidade como uma atividade sexual normal. Quanto às mulheres esse nível de aceitação é um pouco melhor, pois, observamos “uma maior tolerância entre as mulheres frente à homossexualidade, seja masculina ou feminina: aproximadamente 2/3 das moças declaram que ‘essas pessoas podem transar com quem desejam’ em contraposição a 1/2 dos homens” (HEILBORN *et al*, 2006, p. 225).

Sendo que essa situação se repete também nas classes mais privilegiadas, obviamente não nestas mesmas proporções.

A homossexualidade se torna mais um conceito marginalizado em detrimento da heterossexualidade que foi socialmente institucionalizada, tornado-se norma padrão de sexualidade, e que, quem sair dessa linha está “naturalmente” imbuído a ser marginalizado, ou seja, uma minoria que não tem os seus direitos respeitados por causa de uma institucionalização moralmente aceita pela sociedade. Dessa forma, é importante ressaltar como o gênero influencia nos posicionamentos em relação à homossexualidade, uma vez que os homens se sentem muito mais ameaçados do que as mulheres perante a avaliação da sociedade, “esta aversão remete ao caráter ameaçador que a homossexualidade representa para a identidade masculina na sociedade brasileira” (*idem*, p. 227).

Compreendemos então que, para avançarmos nas possíveis soluções, temos que reconhecer que ironicamente, é também na escola que nasce toda essa problemática. De acordo com Louro,

“currículos, normas, procedimentos de ensino, teorias, linguagens, materiais didáticos, processos de avaliação são, seguramente, *loci* das diferenças de gênero, sexualidade, etnia, classe – são constituídos por essas distinções, e ao mesmo tempo, seus produtores. Todas essas dimensões precisam, pois, ser colocadas em questão”. (1997, p. 64).

E a educação, mais especificamente a escolar, tem um papel importantíssimo para incrementarmos um modelo de sociedade que seja capaz de transformar, procurando das mais variadas formas se distanciar do determinismo e de uma sociedade machista e desigual. Dessa forma, os estudiosos em educação entendem que embora muitos a usem para a alienação, essa, por sua vez, pode servir como um grande meio de transformação.

CAPÍTULO II

PROCEDIMENTOS TEÓRICOS - METODOLÓGICOS

Levando-se em conta a problematização e os objetivos deste trabalho optamos por realizar uma pesquisa qualitativa. Para Flick (2004, p.17) “a relevância específica da pesquisa qualitativa para o estudo das relações sociais deve-se ao fato da pluralização das esferas de vida.” Ainda segundo o autor “a pesquisa qualitativa é orientada para a análise de casos concretos em sua particularidade temporal e local, partindo das expressões e atividades das pessoas em seus contextos locais” (2004, p. 28).

Entretanto, é importante citar Ludke e André (1986), quando dizem que nas abordagens qualitativas existem aqueles com uma postura mais tradicional que defendem o ponto de vista de que os julgamentos de valor do pesquisador não devem afetar a coleta nem a análise de dados, e, ainda aqueles que afirmam ser impossível a objetividade. Aparece também uma postura mais equilibrada que reconhece a impossibilidade de separar os valores pessoais do processo de pesquisa. Entretanto, as autoras afirmam que os cuidados com a objetividade são importantes, porque eles afetam diretamente a validade do estudo.

Relacionados a esse problema surge uma série de questões práticas como o tempo de permanência em campo, a frequência e a duração das observações e a confiabilidade dos dados. Dessa forma, o maior período de estada no campo levará a possibilidades de resultados mais acurados, o que consolidará a validade das informações. Além do mais, é preciso que os dados sejam coletados em variados momentos, situações, e com uma diversidade de fontes de informação (LUDKE e ANDRÉ, 1986).

2.1 A abordagem etnográfica na pesquisa educacional

De acordo com Pfaff (2010), “a palavra grega ‘etnografia’ denota a descrição (*graphein*) de um povo ou cultura (*ethnos*) estranha, uma vez que fez parte da antiga antropologia colonial.” Ainda segundo a autora “o termo denota um estilo específico de pesquisa, caracterizado pela observação sem viés de fenômenos sociais e por um conjunto específico de procedimentos de coleta dados, incluindo métodos tão diversos como a observação participante, entrevistas ou filmagens” (p. 01).

O trabalho de campo etnográfico começou já no período da colonização, quando, a partir de outras culturas “recém-descobertas”, surgiu a necessidade de compreender o “outro”, uma vez que a vida social até então conhecidas já não eram as únicas³, tendo assim suas raízes na antropologia. E só no início do século XX que se passou a utilizar o trabalho de campo etnográfico como metodologia de pesquisa em outras áreas, tais como a sociologia e a educação, destacando na década de 1920 o trabalho de Else e Peter Peterson como a primeira forma de etnografia relacionada à escola e ao currículo (PFAFF, 2010).

Entretanto, Ludke e André (1986) destacam que foi no início dos anos 1970 que os pesquisadores da área da educação começaram a fazer uso das técnicas etnográficas, o que deu origem a uma nova linha de fazer pesquisa, sendo denominada “antropológica” ou “etnográfica”, e, até então, essas técnicas eram utilizadas exclusivamente por antropólogos e sociólogos. No entanto, as autoras nos lembram que devemos tomar cuidado na utilização desse termo, pois, a etnografia ao ser apropriada pela educação sofreu uma série de adaptações, afastando um pouco do sentido original.

Dessa forma alguns princípios básicos do trabalho etnográfico devem ser ressaltados: a etnografia tem a ver, por exemplo, com a investigação de mundos estranhos ou desconhecidos; visa reconstruir a perspectiva dos sujeitos do campo; e por fim destaca-se a triangulação de diversos métodos de coleta de dados incluindo assim instrumentos diversificados e adaptáveis ao contexto social (PFAFF, 2010). Além dos métodos observacionais que recebem bastante ênfase na investigação etnográfica, diferentes tipos de entrevistas sempre fizeram parte dela, e é importante destacar que todos os tipos de entrevistas são utilizados em contexto de pesquisa etnográfica. Além disso, existem dois motivos, pelo menos, que justifiquem a utilização da entrevista: a

³ Neste momento o homem europeu é colocado no centro e os outros grupos passam a ser pensados a partir deste modelo, caracterizando nesse período a etnografia como um fazer científico discriminatório e estereotipado. (Cf. MATOS, 2006).

produção de dados textuais que representam a perspectiva dos sujeitos; e a necessidade de informações sobre pessoas, contextos sociais, rituais ou cenas (PFAFF, 2010). Corroborando com esta ideia, Matos (2006) acrescenta que, a partir dos anos de 1980, alguns instrumentos etnográficos passaram a ser fortemente utilizados em pesquisas educacionais, tais como observação participante, entrevista, videoteipe, história de vida, questionários, dentre outros.

Conforme afirma Pfaff (2010, p.07), “fazer etnografia em contextos educacionais significa – antes de mais nada – investigar um espaço conhecido e familiar”, em que a escola e o professor se encontram no foco da crítica pública por quase todos os problemas relacionados principalmente aos jovens. Neste sentido, fica bastante complicado para o pesquisador trabalhar em um contexto muito conhecido, sendo ainda mais complicado quando o investigador tem uma formação em magistério, uma vez que tem uma relação ainda mais próxima com as práticas institucionais. Dessa forma, é muito importante que se mantenha um certo distanciamento em relação ao papel de professor, concentrando-se assim no acesso às informações, na observação e na descrição da vida escolar de forma imparcial (*op. cit.*).

Em consonância com isso, Mattos assegura que, qualquer pesquisador culturalmente sensível pode fazer a pesquisa etnográfica, embora a autora destaque que, o que sempre diz a seus alunos é: “aquele que sente um grande desconforto na boca do estômago com algo que não vai bem na sociedade e que não passa por ele ou ela tão facilmente, isto é, se algum fenômeno social está ‘caindo mal’ para você, este é o seu objeto de estudo” (2006, p. 44). Portanto, fazer etnografia, embora em contextos familiares, tais como a escola, é de extrema relevância, uma vez que se trata de um contexto que diz respeito à sociedade como um todo, e que tem causado grande “desconforto na boca do estômago” de muitos profissionais que atuam na educação.

2.2 Grupos de discussão e o método documentário de interpretação

Utilizamos como método de coleta de dados os grupos de discussão. Esse procedimento passou a ser utilizados pelos integrantes da Escola de Frankfurt, a partir dos anos cinquenta do século passado, em estudos coordenados por Friedrich Pollok. Porém, somente em 1970 recebeu tratamento teórico metodológico, ancorado no interacionismo simbólico, na fenomenologia social e na etnometodologia (WELLER, 2006, p.244).

Segundo Mangold, é necessário levarmos em consideração o caráter social e coletivo dos indivíduos em sociedade. Para esse autor “[...] a opinião do grupo não é a soma de opiniões individuais, mas o produto de interações coletivas. A participação de cada membro se dá de forma distinta, mas as falas individuais são produtos da interação mútua [...]” (*apud* WELLER, 2006, p.245).

Segundo Weller, “os grupos de discussão, como método de pesquisa, passaram a ser utilizados a partir da década de 1980, sobretudo nas pesquisas sobre juventude.” (2006, p.246) Além disso, segundo a autora, os grupos de discussão têm contribuído na análise de fenômenos típicos da juventude, permitindo a elaboração de diferentes tipologias, tais como: de desenvolvimento, geracional, de meio social, de formação educacional e de gênero. Acrescenta ainda que o método tem sido aplicado com jovens, crianças, portadores de necessidades especiais e adultos, uma vez que a “análise dos meios sociais compreende tanto aqueles constituídos em forma de grupo (família, vizinhança, grupos associativos, grupos de rap) como os ‘espaços de experiências conjuntivas’ (*konjunktive Erfahrungsräume*), na terminologia de Karl Mannheim (1980)” (WELLER, 2006, p. 246). Assim, as experiências das juventudes dos cursos técnicos em Agropecuária e Agroindústria da EFAJIT constituem um “espaço de experiências conjuntivas” (cf. MANNHEIM *apud* WELLER, 2005), de jovens com objetivos e visões de mundo comuns, uma vez que estão fazendo parte de um mesmo meio social e geracional. São alunos e alunas que estudam na mesma escola e vieram de outras cidades em busca de um ensino de melhor qualidade e/ou de uma profissão.

Portanto, os grupos de discussão representam um instrumento por meio do qual o pesquisador estabelece uma via de acesso que permite a reconstrução dos diferentes meios sociais e do *habitus* coletivo do grupo. Seu objetivo principal é a análise dos epifenômenos (subproduto ocasional de outro) relacionados ao meio social, ao contexto geracional, às experiências de exclusão social, entre outros. (WELLER, 2006, p. 247).

Com relação ao tópico-guia⁴ e condução dos grupos de discussão, Bohnsack (*apud* WELLER, 2006, p.250) nos diz que deve partir das questões norteadoras da pesquisa, sendo um roteiro que não deve ser seguido à risca. No entanto a pergunta inicial deve ser igual para todos os grupos. A condução dos grupos de discussão deve orientar-se ainda pelos seguintes princípios: Estabelecer um contato recíproco proporcionando uma confiança mútua; as perguntas devem ser direcionadas ao grupo e não a uma só pessoa, iniciando-se com uma pergunta vaga para estimular a participação de todos; organização das falas fica a cargo do grupo, as perguntas devem suscitar narrativas deixando o grupo livre para discussão, evitando assim perguntas “por que” e priorizar o “como”; o grupo deve dirigir a discussão e o entrevistador deve interferir o mínimo possível. Ainda com relação ao tópico guia, Bohnsack (*apud* WELLER, 2006) destaca que as perguntas imanentes – que, na perspectiva do(a) pesquisador(a), não foram suficientemente discutidas pelo grupo –, devem ser realizadas em um segundo momento, de forma a não interromper o fluxo da discussão. Em uma última etapa, se necessário, também poderão ser realizadas perguntas divergentes ou provocativas.

Além disso, o grupo de discussão traz as seguintes vantagens: colegas de mesma faixa etária e mesmo grupo social ficam mais a vontade se não se encontram sozinhos diante do (a) pesquisador (a), utilizando seu próprio vocabulário para as discussões; possibilita a percepção dos detalhes desse convívio; o (a) entrevistador (a) se caracteriza como um ouvinte e não como um (a) intruso (a) no grupo; exige um grau de abstração maior, pois a discussão em grupo leva a reflexões que normalmente não são atingidas em entrevistas individuais; correção de fatos distorcidos uma vez que estando em grupo dificilmente alguém conseguirá transmitir uma informação que não faça parte do real (WELLER, 2006, p.250).

Ainda com base na sociologia de Karl Mannheim, Ralf Bohnsack acrescenta novos elementos aos grupos de discussão e desenvolve um método de análise que ele denomina como método documentário, termo também utilizado por Mannheim⁵ (*Ibidem*, p.245). Segundo Bohnsack e Weller (2006), o método documentário tem sua raiz na sociologia de Karl Mannheim, e foi influenciado ainda pela fenomenologia social, interacionismo simbólico, etnometodologia e pela Escola de Chicago. O método tem encontrado aplicação na análise de diferentes tipos de entrevistas, em diálogos, em registro de vídeo, em protocolos de observação e em documentos históricos. No

⁴Cf. Apêndice – A.

⁵ Cf. Mannheim, 1986.

momento ocorre intensa adaptação e aplicação para análise de fotografias e imagens⁶. Entretanto, a mais ampla experiência com o método é no campo dos grupos de discussão.

De acordo com Weller (2005, p. 261) “Mannheim apresenta um método como um caminho para a indicialidade dos espaços sociais e compreensão das visões de mundo de um determinado grupo.” A autora destaca que as visões de mundo são construídas a partir das ações práticas e que Mannheim define como conhecimento atóricico, e, para a compreensão dessas visões de mundo, é necessária a conceituação teórica desse conhecimento atóricico, o que as pessoas do grupo não estão em condições de fazer. Neste momento é quando entra o papel do pesquisador para encontrar uma forma de acesso ao conhecimento do grupo, a fim de explicitá-lo e defini-lo teoricamente (WELLER, 2005).

Como primeiro passo de análise segundo esse método (*Ibidem*, p. 251), é necessário fazer o relatório sobre as informações relativas ao local e a situação da entrevista e dos entrevistados, inclusive ao final da entrevista cada participante responde a um questionário com dados biográficos que auxiliarão na identificação dos(as) participantes do grupo de discussão⁷. No tocante à organização e interpretação dos dados, segundo o método documentário de interpretação, esta se dá inicialmente por meio da interpretação formulada e, em seguida, pela interpretação refletida. A interpretação formulada compreende a divisão do grupo de discussão ou entrevista individual em temas e sub-temas ou passagens e subpassagens; a seleção de passagens centrais que também são denominadas de metáforas de foco; seleção das passagens relevantes; transcrição da passagem inicial, das passagens de foco e daquelas relevantes para a pesquisa; e em seguida transcrição e reconstrução da estrutura temática. Dessa forma, busca-se compreender o sentido imanente das discussões e decodificar o vocabulário coloquial (2005, p. 251). Ainda segundo Weller (2006, p. 251), “a transcrição completa de um grupo de discussão deixa de ser necessária. De acordo com esse método, a análise de uma entrevista principia-se com a passagem inicial, seguida da análise das passagens de foco e das que discutem questões relacionadas ao tema da pesquisa.”

Em seguida dá-se seguimento à análise por meio da interpretação refletida, que “implica em uma observação de segunda ordem, na qual o pesquisador realiza suas

⁶ Cf. Bohnsack, 2007.

⁷ Cf. Apêndice – B.

interpretações, podendo recorrer ao conhecimento teórico e empírico adquirido sobre o meio pesquisado” (WELLER, 2006, p. 251). Segundo a autora,

Enquanto a interpretação formulada analisa a estrutura básica de um texto (organização temática), a interpretação refletida busca analisar tanto o conteúdo de uma entrevista como o ‘quadro de referência’ (*frame*), que orienta a discussão, as ações do indivíduo ou grupo pesquisado e as motivações que estão por detrás dessas ações. (*op. cit.*).

O primeiro momento da interpretação refletida é dedicado à reconstrução e organização do discurso e à análise da interação entre os participantes. Nessa etapa, o pesquisador procura não somente analisar as questões temáticas que possam parecer importantes, mas também padrões homólogos ou aspectos típicos do meio social. Deve-se ressaltar, contudo, a comparação com outros grupos. Nesse sentido o próximo passo será a escolha de um segundo grupo, onde as passagens escolhidas serão analisadas internamente, isto é, com a escolha de temas comuns aos grupos. Essas serão analisadas comparativamente. Dessa forma, toda interpretação somente ganhará forma e conteúdo quando realizada e fundamentada na comparação com outros casos empíricos (cf. WELLER, 2005 e 2006).

No processo de análise dos grupos de discussão realizados para a presente pesquisa também nos apoiamos nas experiências de outros (as) pesquisadores (as) com o método documentário, sobretudo de Grösz (2008), Valverde (2008) e Silva (2009)⁸.

⁸ Para maiores detalhes sobre o emprego do método documentário na análise de grupos de discussão realizados com jovens e com professores/as, cf. Grösz, 2008; Valverde, 2008; e Silva, 2009.

PARTE II
O TRABALHO DE CAMPO

CAPÍTULO III

NO CAMINHO COM A PESQUISA

3.1 O município de Guanambi e a Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira

O município de Guanambi nasceu em uma região antes pertencente à cidade de Palmas de Monte Alto, onde, em 1870, às margens do rio Carnaíba de Dentro, com a doação de uma parte da fazenda Carnaíba de Dentro, pelo imigrante português Joaquim Dias Guimarães, foi erguida uma capela para Santo Antônio, o santo da devoção do proprietário das terras. O lugar ficou conhecido como Beija-Flor. Em 1880, foi criado o Distrito de Paz ou Distrito Policial de Beija-Flor, pertencente ao município de Palmas de Monte Alto. Através da Lei Provincial de Nº 1.797, de 23 de junho de 1880, o lugar passou a se chamar oficialmente Bela-Flor. Em 1919 a sede do arraial de Beija-Flor foi elevada à categoria de vila pela Lei Estadual Nº 1.364, de 14 de agosto de 1919, que também criou o município de Guanambi - palavra de origem tupi-guarani, que significa beija-flor - o qual foi instalado em 1º de janeiro de 1920 (CABRAL e AMARAL, 2000).

O município está localizado na região sudoeste da Bahia, a 796 km de Salvador e possui 76.230 habitantes. O relevo do município é pouco acidentado, mais parecendo uma planície, cercada por desníveis considerados isolados, entre os quais a Serra do Espinhaço que o limita com o município de Caetité. Limita-se ainda com as cidades de Igaporã, Matina, Candiba, Sebastião Laranjeiras, Pindaí, e Palmas de Monte Alto, apresentando assim, uma forte influência comercial. Seu clima é quente e seco, tem uma precipitação pluviométrica média de 715 mm e a sua temperatura apresentou nos últimos anos uma média de 25 graus centígrado, sendo que a sua área é de 1.301,80 Km² (IBGE, 2008).

Em 1993 foi criada a Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira, de Guanambi – BA, vinculada à Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica - SETEC, do Ministério da Educação – MEC. Suas atividades didáticas se iniciaram com a implantação do curso Técnico em Agropecuária em 1995. Está localizada no Distrito de Ceraíma, município de Guanambi, estado da Bahia, e, juntamente com outras Instituições, compõe a Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica.

Esta mesma Escola é dotada de uma boa infraestrutura e de profissionais com Educação Superior e Técnica, possibilitando o oferecimento do Ensino Médio integrado à Educação Profissional. Atualmente o quadro é composto por 132 funcionários, sendo 30 docentes efetivos e 06 substitutos, 57 Técnico-Administrativos e 36 Terceirizados. Quanto à capacitação do corpo docente existem atualmente seis especialistas, quinze mestrandos, dois mestres, onze doutorandos e dois doutores⁹, fruto de uma imensa política voltada para a capacitação de todo o quadro de funcionários.

Segundo o Plano de Desenvolvimento Institucional¹⁰ da EFAJIT, sua missão é “Promover a formação cidadã por meio do ensino, pesquisa e extensão, priorizando a inclusão social, a profissionalização tecnológica e sustentável, mantendo uma política de valorização humana, na busca de soluções viáveis para os processos produtivos.” Ela nunca deixou de focar as questões mais amplas que envolvem a sociedade, e sempre esteve preocupada com uma educação em busca da cidadania, e que atenda a todos e a todas, não se importando com diferenças. Portanto, percebemos que o objetivo principal da escola é a formação de cidadãos e cidadãs, priorizando a inclusão social, profissionalização, sustentabilidade e o desenvolvimento humano.

Além disso, conta com um alto índice de empregabilidade na área agrícola dos discentes que concluíram seus cursos na escola, principalmente na área de agricultura do “Oeste Baiano”¹¹. No entanto, temos que ter a consciência de que apenas isso não é o suficiente, pois, a formação geral do ser humano deve ser o foco principal, e não devemos nos restringir apenas à formação profissional, embora este seja o maior objetivo das Escolas Profissionais e Tecnológicas.

Em 2006, de acordo com o relatório de gestão 2007¹² o total de matrículas foi de aproximadamente 340 discentes, distribuídos nos cursos Técnico em Agropecuária Integrado ao Ensino Médio, Técnico em Agroindústria Integrado ao Ensino Médio, Técnico Agrícola com Habilitação em Zootecnia e Curso Técnico Agrícola com Habilitação em Agricultura (esses dois últimos na modalidade subsequente), e o Curso Técnico em Informática Integrado ao Ensino Médio na modalidade de Educação para

⁹ De acordo com a Coordenação Geral de Recursos Humanos da EFAJIT.

¹⁰ PDI. Plano de Desenvolvimento Institucional, período 2007/2011. Disponível em: <http://www2.eafajt.gov.br/agrotecnica/downloads/pdi_eafajt.pdf> Acesso em: 02 jul. de 2008;

¹¹ Segundo o PDI, período 2007/2011, o principal mercado de trabalho atual dos técnicos formados na EFAJIT é região oeste da Bahia nos Municípios de Barreiras e Luiz Eduardo Magalhães que absorvem 75% da mão-de-obra qualificada da Escola. Uma característica especial desta região é a sua diversificação. A produção de grãos é o elemento principal do cenário econômico da região de ponta. Disponível em: <http://www2.eafajt.gov.br/agrotecnica/downloads/pdi_eafajt.pdf> Acesso em: 02 jul. de 2008;

¹² Disponível em: <http://www2.eafajt.gov.br/agrotecnica/downloads/Rel_Gest_2007.pdf> Acesso em 27 de jan. de 2009.

Jovens e Adultos. Entretanto, com o plano de expansão da Rede, pretende-se aumentar esse número, que já chega, em 2009, a 667 matrículas.

A partir da Lei 11.892 de 29 de dezembro de 2008, a EAFAJT passa a ser Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia Baiano – Campus Guanambi, e, que, além de continuar oferecendo o mínimo de 50% de suas vagas para a educação profissional técnica de nível médio, já em 2010 começa a funcionar os cursos de Licenciatura em Química, Tecnólogo em agroindústria e Engenharia Agrônômica, sendo oferecidas 40 vagas para cada uma desses cursos, totalizando 120.

Entretanto, mesmo com expansão da Rede Federal de Ensino Profissional e Tecnológico é possível observar nas tabelas abaixo, uma enorme disparidade nas matrículas de alunos e alunas. Tudo isso é motivo de preocupação, fazendo-nos perguntar que expansão é essa, uma vez que aumenta o número de vagas, mas traz consigo alguns problemas intrínsecos aos cursos e à formação, como o tratamento diferenciado que acaba por adentrar sorrateiramente os espaços escolares sem que, ao menos, se perceba, parecendo-nos inclusive normal.

TABELA 1
Total de matrículas na EAFAJT, por ano e por sexo.¹³

ANO	Total	feminino	masculino
2006	340	16,5% (56)	83,5% (284)
2007	527	19,9% (105)	80,1% (422)
2008	663	19,9% (132)	80,1% (531)
2009	667	31,6% (211)	68,4% (456)

Na TABELA 1 temos o número total de matrículas da Instituição entre os anos de 2006 e 2009, e, num comparativo entre os sexos masculino e feminino, percebe-se uma enorme lacuna que precisa ser preenchida, uma vez que a desvantagem das meninas em relação aos meninos é exorbitante, apesar de haver ocorrido uma leve diminuição em 2009.

TABELA 2
Total de matrículas na EAFAJT no curso Técnico em Agropecuária, por ano e por sexo.

ANO	Total	Feminino	masculino
2006	205	14,1% (29)	85,9% (176)
2007	218	18,8% (41)	81,2% (177)
2008	239	22,2% (53)	77,8% (186)
2009	217	20,7% (45)	79,3% (172)

¹³ Dados obtidos junto à Coordenação de Registro Escolares da EAFAJT.

Embora a diferença total tenha caído levemente no último ano, o dado ainda nos preocupa bastante, principalmente porque no curso Técnico em Agropecuária (TABELA 2). Apesar desse percentual de meninas ter crescido levemente de 2006 a 2008, entendemos que ainda não aponta para uma mudança, já que nesse curso a desvantagem feminina acaba se acentuando ainda mais no ano de 2009 em relação a 2008, o que nos leva a perceber que algo ainda precisa ser feito para modificar esse quadro.

TABELA 3
Total de matrículas na EAFAJT no curso Técnico em Agroindústria, por ano e por sexo.

ANO	Total	feminino	masculino
2008	41	43,9% (18)	56,1% (23)
2009	73	42,5% (31)	57,5% (42)

A TABELA 3 já apresenta uma situação um tanto diferenciada da anterior. No entanto, ainda notamos a desvantagem feminina em relação à masculina, quanto na comparação total, e muito menos em relação ao curso Técnico em Agropecuária.

TABELA 4
Total de matrículas na EAFAJT no curso Técnico em Informática, por ano e por sexo.

ANO	Total	feminino	masculino
2008	67	47,8% (32)	52,2% (35)
2009	98	48 % (47)	52 % (51)

Entendemos, portanto, que o leve aumento no número total de jovens do sexo feminino observados na TABELA 1 tem a ver com o início das atividades dos cursos Técnico em agroindústria (TABELA 3) e Técnico em Informática (TABELA 4), pois a diminuição da desvantagem feminina em relação à masculina coincide com a introdução dos dois cursos na instituição. Ainda assim, continua a supremacia masculina nos cursos técnicos profissionalizantes, o que demonstra existirem alguns fatores que levam muitas jovens a não procurar estes cursos, principalmente os da área agropecuária, seguidos da área de agroindústria. Quanto ao curso de Informática observamos que há nele quase uma igualdade entre os dois sexos, o que nos leva a supor que as mulheres, por algum motivo, apresentam menor interesse pelos cursos na área de agropecuária.

3.2 A Escola, os (as) jovens e os Grupos de Discussão

O contato com a Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira - Guanambi – Bahia não foi difícil, já que atuo nessa instituição como professor de Educação Física e, antes disso, como Assistente de Alunos. Meus propósitos em realizar a pesquisa na Instituição foram comunicados à direção e obtive o apoio necessário para a realização do trabalho de campo. Assim procurei, já em setembro e outubro de 2008 conversar com alguns(mas) estudantes nos intervalos das aulas a fim de encontrar jovens interessados em participar da pesquisa. Explicava-lhes que realizaríamos grupos de discussão nos quais seriam discutidos alguns temas relacionados à escola e às questões de gênero. Percebi então um total apreço por parte de todos(as) os(as) contactados(as), que se interessaram pelos temas e pela oportunidade de fazerem parte de uma experiência nova.

Inicialmente estava planejado realizar a pesquisa com jovens das 1ª e 3ª séries do curso Técnico em Agropecuária. Mas logo percebemos que era pertinente incluir a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria a fim de traçar algumas comparações entre os (as) mesmos(as), já que são cursos com perfis diferenciados. Além do mais, o curso de Agroindústria era novo na instituição, e poderia trazer algumas contribuições para o nosso estudo. Dessa forma, foram realizados em novembro de 2008 oito grupos de discussão (com no máximo seis participantes em cada grupo), com as seguintes características: quatro grupos com estudantes da 1ª série do curso Técnico em Agropecuária (dois grupos femininos e dois masculinos); dois grupos da 3ª série do mesmo curso (um grupo composto por rapazes e outro por moças); dois grupos do curso Técnico em Agroindústria (um masculino e outro feminino).

Não foi difícil lançar mão de alguns critérios para a seleção dos grupos. Em primeiro lugar optamos por realizar grupos de discussão com jovens que frequentam o mesmo curso e a mesma série. Como segundo critério optamos por formar grupos femininos e masculinos para que pudéssemos observar com maior clareza as relações de gênero entre esses(as) jovens, uma vez que supomos que as diferenças de gênero inibem algumas opiniões quando os grupos são mistos. O terceiro critério adotado diz respeito à formação dos grupos pelos (as) próprios(as) jovens que tiveram a liberdade de escolher seus pares, orientando-se geralmente pelo critério da amizade e da afinidade existente entre eles(as). Dessa forma, é possível afirmar que os grupos apresentam um caráter homogêneo e coeso e as experiências das juventudes dos cursos técnicos em

Agropecuária e Agroindústria constituem um “espaço de experiências conjuntivas” (cf. MANNHEIM apud WELLER, 2005), que também podem ser definidos como “grupos naturais” (BAUER e GASKELL, 2002), uma vez que esses jovens fazem parte de um mesmo meio social, são alunos e alunas da mesma Escola, vieram de outras cidades em busca de um ensino de melhor qualidade e/ou de uma profissão, passando assim por diversas experiências comuns a todos.

O trabalho de campo foi realizado durante o segundo semestre de 2008. Os grupos de discussão foram realizados em um momento em que os jovens já haviam tomado conhecimento da pesquisa e se mostravam mais a vontade com o pesquisador. Nesse sentido, os grupos foram agendados para o período entre os 17 e 21 de novembro nos turnos matutino e vespertino. Entretanto, por estar já no final do período escolar, tivemos dificuldades em reunir todos(as) os(as) discentes que haviam manifestado interesse pela pesquisa. Mas isso não impediu que realizássemos os grupos de discussão. Afinal devemos contar com esses percalços no decorrer da pesquisa. Então nos momentos de horários vagos¹⁴ solicitamos àqueles que estavam com horários disponíveis que participassem dos grupos e reunissem mais alguns colegas. Para a nossa satisfação não tivemos nenhum problema para reunirmos mais alguns grupos novos.

Apesar da realização de oito grupos de discussão, serão selecionados apenas quatro para a análise em profundidade, sendo eles os dois grupos do 3º ano do curso Técnico em Agropecuária (masculino e feminino) e os dois grupos do 1º ano do curso Técnico em Agroindústria (um masculino e um feminino). Essa escolha se deu pela questão de que o 3º ano já passou por muitas experiências, por já ter ficado quase três anos na escola, supondo assim que teremos um conjunto maior de temas para analisarmos. A escolha do 1º ano do curso Técnico em Agroindústria aconteceu pelo fato de ser um curso novo na instituição, e, embora tenha também características agrárias, observamos um formato um tanto diferente, pois se pressupõe que o seu mercado de trabalho seja voltado também para o meio urbano, além do que há uma maior procura do público feminino por essa modalidade, o que suscita um pouco de curiosidade a esse respeito. Além do mais, a análise de dois cursos diferentes e das relações de gênero dentre e entre eles nos dá maior suporte de comparações e de indagações, tornando mais rica a nossa pesquisa.

¹⁴ Como já foi dito antes, muitos alunos e alunas estavam sem aula devido ao período de provas e a própria peculiaridade do momento que é de finalização dos trabalhos escolares.

Entretanto, os outros grupos também servirão de suporte para as nossas análises, uma vez que nada nos impede de nos remetermos aos outros para corroborar algumas indagações e afirmações associadas a esses primeiros.

CAPÍTULO IV

OS GRUPOS FEMININOS

4.1 Grupo Esperança (3º ano, do curso Técnico em Agropecuária)¹⁵

Aos vinte dias do mês de novembro de dois mil e oito, turno vespertino, no Auditório da EFAJAT, com duração de duas horas, 20 minutos e 38 segundos, realizou-se um grupo de discussão com as alunas da 3ª série do curso Técnico em Agropecuária.

Af (Ana)¹⁶ tem 18 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, de cor/etnia parda, religião católica, é natural de Guanambi – BA, mas reside em Carinhanha - BA. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino superior incompleto, é professora tem renda de dois salários. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é agricultor e não tem renda. Pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Enfermagem. Seu lazer preferido é tomar banho de rio. Não faz parte de grupo ou associação.

Bf (Brenda) tem 20 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, declarou ser de cor/etnia parda, religião umbanda/candomblé (religiões de matriz africana), natural de Carinhanha – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e abandonou a escola uma vez, ou seja, já repetiu o ano. Sua mãe não possui escolaridade, é dona de casa e não tem renda alguma. Seu pai possui o ensino fundamental completo, é aposentado e recebe um salário mínimo por mês. Pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Direito. Seu lazer preferido é cinema, teatro e leitura. Faz parte de um grupo que diz fazer movimentos sociais.

Cf (Célia) tem 19 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, declarou ser de cor/etnia parda, religião católica, natural de Ibiassucê – BA, onde sempre morou. Não desenvolve nenhum trabalho, mas está procurando, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino fundamental incompleto, é aposentada e recebe um salário mínimo por mês. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto. Pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Engenharia Florestal. Seu lazer preferido é festa. Não faz parte de grupo ou associações.

¹⁵ Os dados a respeito dos participantes dos grupos de discussão foram sintetizados a partir dos questionários que preencheram (cf. modelo do questionário nos apêndices).

¹⁶ Os participantes não são identificados, visando preservar as suas identidades. Por esta razão, todos os nomes próprios citados são fictícios.

Df (Dalila) tem 19 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, declarou ser de cor/etnia parda, religião católica, natural de Ibiassucê – BA, onde sempre morou. Não desenvolve nenhum trabalho, mas está procurando, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino fundamental incompleto, é dona-de-casa e não tem renda alguma. Seu pai não possui escolaridade, é agricultor e recebe um salário mínimo por mês. Pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Nutrição. Seu lazer preferido é passear com a família. Não faz parte de grupo ou associação.

Ef (Edna) tem 18 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, de cor/etnia branca, religião umbanda/candomblé (religiões de matriz africana), natural de Caculé – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino médio completo, é dona de casa e não tem renda alguma. Seu pai não possui escolaridade, é agricultor e tem renda de R\$300,00 por mês. Edna pretende trabalhar, estudar e prestar vestibular para Química Industrial. Seu lazer preferido é assistir a filmes e ler revista. Não faz parte de grupo ou associação.

Ff (Flávia) tem 16 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Caetité – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino fundamental incompleto, é lavradora e tem renda de um salário mínimo. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é lavrador e recebe um salário mínimo por mês. Flávia pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Agronomia. Seu lazer preferido é jogar futsal. Não faz parte de grupo ou associação.

4.1.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJT) e pelo curso de Agropecuária: “... vim pra cá foi por influência dos meus pais e também pela minha irmã...”

Qualquer escolha que temos que fazer é sempre muito difícil. Entretanto nossas vidas são sempre pautadas por escolhas, e com as jovens do grupo Esperança percebemos que não foi diferente. Escolher algo que até então para elas era desconhecido, não passou simplesmente pelas suas vontades, mas principalmente pela influência de outrem. Assim, as narrativas sobre a escolha do curso e da Instituição apontam para uma forte influência da família. Porém, outros fatores também são

observados, tais como a boa qualidade da Escola e a influência de alguns professores e de amigos. Dessa forma, o pesquisador introduz inicialmente uma pergunta sobre a escolha do curso e da Instituição (Passagem Opção pela escola, linhas 01 a 28):

Y: Eu queria saber se vocês poderiam falar um pouco sobre a escolha do curso e por que resolveram estudar aqui na Escola Agrotécnica de Guanambi?

Ef: Cada um separado? Ou não.

Bf: Pode começar? Eh na verdade quando eu vim pra cá eu tava quase concluindo o me- o fazer terceiro ano (1) aí eu fiz um- o exame seletivo só que fiz assim nã::o pensando que eu vinha pra cá que eu () só que depois eu- que eu passei pra vim pra cá aí foi mais por causa do meu pai que mesmo que eu já tinha feito dois anos lá na esco- lá na escola da zona rural só que eh:: eles a escola lá num- é ruim né, a escola não é muito boa então ele falava que mesmo que eu tivesse voltando dois anos que não ia me prejudicar porque aqui eu ia ter um conhecimento assim:: um conhecimento melhor né, os professores bem mais especializados do que os professores lá que normalmente só tem- uns só tinha o magistério outros nem- só o ensino normal então não ia fazer muita diferença eh quando eu perder dois anos aí=aí=daí eu vim pra cá mais eh depois eu vim: que eu vim gostar do curso eu=eu acho que:: por eu ser da zona rural eu acho que:: é aqui além do curso ser bom eu ia ter uma profissão eu ia poder sair daqui eh já direto pro mercado de trabalho e poderia continuar os meus estudos eh porque a escola aqui tinha (1) eh prepara melhor os alunos tanto pra eh pra seguir eh o curso eh o agropecuária e também pra prestar vestibular que a escola também tem um índice grande de aprovação nos vestibulares (3)

Cf: Eu fiz pelo sentido da família porque eu já tinha dois primos que já tinha formado aqui e pelo ensino porque lá em Cidade-F tem- a escola que eu estudava era até boa mais o ensino daqui é melhor (2)

Ff: Bom eh:: eu fiz pú- nem tanto por influência da minha família na verdade minha mãe depois que eu passei na prova não queria muito que eu vinse mas um colega meu daqui da escola que estudou aqui eh me incentivo muito conversou muito com a minha mãe eh falou com ela de como a escola era boa das qualidades da escola que o nível dos professores era muito bons aí ele=ele acabou convencendo a minha mãe e eu já estava querendo muito vir pra cá aí acabei vindo pra cá

O que se percebe na maioria dos discursos é que a opção por estudar na Escola Agrotécnica passa sempre por influências externas. Brenda, por exemplo, não pensava muito em vir para essa instituição. Destaca, no entanto, que veio por causa de seu pai, pois mesmo já tendo cursado dois anos do Ensino Médio em uma escola na Zona Rural não teria prejuízo nenhum, uma vez que a qualidade dessa Instituição em relação à outra é infinitamente maior e compensaria esse “período perdido” devido aos “professores bem mais especializados do que os professores de lá.” Brenda ainda enfatiza que mesmo não pensando inicialmente em vir para a escola, relata que acabou se identificando com a mesma, devido a sua origem ser também da zona rural e pelo fato da escola ser muito boa. Para ela seria uma oportunidade excelente de ingressar no mercado de trabalho, ou

seja, ter uma profissão, além de permitir também a continuidade dos estudos, já que, “a escola também tem um índice grande de aprovação nos vestibulares.”

A qualidade da Instituição em relação às anteriores, bem como o alto nível de formação dos professores são fatores que fizeram com que as famílias dessas alunas optassem por matriculá-las na EFAJAT, uma vez que na escola de Ensino Médio frequentada anteriormente por Brenda, alguns professores sequer haviam concluído um curso de graduação.

Nota-se que apesar do baixo nível de escolaridade dos pais, conforme informações contidas no questionário, existe uma participação ativa da família na escolha do curso e da Instituição. Essa posição está associada ao prestígio que a EFAJAT adquiriu durante sua história e que se espalhou por toda a região. Percebemos assim que é atribuído um valor muito grande à Educação, vista como uma das principais formas de acesso à transformação social, uma vez que essas famílias buscam, de uma forma ou de outra, uma Escola de boa qualidade, com professores especializados e que possam oferecer maiores opções às suas filhas, como uma profissão e talvez a continuidade dos estudos.

Além da família, observam-se outras influências externas como apresentado no trecho a seguir em que o professor é citado como o principal incentivador (Passagem Opção pela escola, linhas 29 a 48):

Ef: Bem eu já o caso já era diferente assim eu não tinha nem- nem sabia direito como era a escola (1) assim eu só ouvia falar assim a escola é boa () lá em Cidade-X não tem nenhuma escola assim igual eu ia fazer lá- eu ia fazer lá () eu ia fazer lá no colégio lá eu ia fazer o normal eh eu ia fazer estágio pra professor só que era o último ano aí que quando eu tava fazendo a oitava série era o último ano no outro ano não ia ter aí eu falei eu não vou fazer lá o ensino médio normal assim porque lá o ensino médio lá era muito ruim aí aí teve essa- que lá na minha escola todo ano tem né; os professores sempre falam que essa escola é muito boa e tinha até um professor meu que tinha estudado aqui que era até João né; ele tinha estudado aqui e ele tinha falado que a escola é muito boa e tal aí já comecei assim né a empolgar só que aí né, eu fui fazer a inscrição e não tinha falado pra minha mãe no dia da prova assim que eu falei que ia fazer a prova °um dia antes° (1) aí eu fiz a prova nem achei que ia passar nada quando deu e eu passei aí eu falei pra mãinha mãinha nem acreditou nem tava querendo- assim ah:: queta com Ef cê não vai pra lá não cê=cê nem sabe se virar sozinha cê @não sabe de nada @ essas coisas@ aí eu eu pá; tá bom aí depois mãinha mãinha assim tava tava vendo que eu tava empolgada né; querendo vim pra cá que queria algo melhor pra eu pra mim tudo mais aí depois eh eu falei pra mãinha conversar com alguns pais né, aí mãinha conversou com os pais de outros meninos que também tava querendo vir pra cá aí falou pra ela que era bom tal vim pra cá tal aí foi isso depois ela deixou vim; mais era assim que toda mãe tem um- tem uma coisa assim ah:: não vou deixar a minha filha sozinha lá:: não sei aonde sem ter ninguém.

A vontade de fazer um curso melhor, que, além de oferecer uma formação de nível médio, apresente oportunidades mais concretas de ingresso no mercado de trabalho, e se destaca em relação à qualidade do ensino oferecido no município, foram alguns dos motivos que levaram Edna à Instituição e ao curso de Agropecuária. Mas o que a levou mesmo a se decidir foi a influência de um professor que já havia estudado na Instituição e que destacava as qualidades do educandário. Edna esclarece que até então só ouvia falar que a Escola era muito boa, mas não tinha a intenção de estudar ali.

O que nos chamou a atenção foi o fato de a família de Edna só ficar sabendo nos últimos instantes, ou seja, quando ela estava prestes a fazer a prova e, diferentemente das outras alunas, que foram incentivadas inicialmente pela família, Edna não obteve apoio. Muito pelo contrário, a família de Edna buscou referências sobre a Escola com outras pessoas, e só assim permitiram que ingressasse na Instituição, que, para Edna, era de excelente qualidade e representava algo melhor para a sua vida.

Em outros trechos podemos ver que a família também influenciou, mas não apresenta necessariamente o porquê. Simplesmente as alunas destacam que por ter parentes que estudaram na Instituição as famílias perceberam o quanto era importante as suas filhas também poderem estudar nesse espaço (Passagem Opção pela escola, linhas 66 a 79):

Af: Bom eh eu foi assim na oitava série fiz a prova pra cá fiz sozinha sem influência de ninguém aí eu fiz a prova passei e como eu fiz só: fiz mesmo por fazer sabe? e aí não nem passou na cabeça em vim pra qui pra escola aí quando eu tava fazendo o primeiro ano aí eu fiz a prova de novo aí já foi também pu- influência da família porque tinha alguns tios meus que estava fazendo aí eu fiz passei de novo e aí eu resolvi vim pra cá.

Df: Ah, pois quando eu vim pra cá foi por influência dos meus pais e também pela minha irmã pelo fato de ter estudado aqui só que eu não tinha interesse nenhum em vim pra essa escola que antes de:: tipo assim não tinha interesse nenhum(1) só que até quando eu cheguei aqui eu queria desistir tudo assim foi até que teve uma greve logo no primeiro ano tudo aí eu fui pra casa aí senti falta dos colegas voltei. Aí hoje assim que estudo na escola pude ver o quanto a escola poderia me ajudar futuramente e o tanto que ela poderia me ajudar tanto na área profissional que eu quero trabalhar e também que eu quero cons- eh continuar meus estudos(1) então ela oferece base eh para os dois; tanto trabalhar tanto seguir os estudos (2)

No segmento acima se torna explícito que as famílias entendem que o ensino é de qualidade, que se trata de uma oportunidade para se oferecer algo melhor às suas filhas. Sendo assim, o fato das filhas saírem para estudar em outra localidade, uma vez que em

suas cidades também possuem o ensino médio, não seria por acaso. É comum as jovens falarem que antes de chegarem à instituição não tinham o real interesse de estudar nela. O que constitui um fator decisivo é a influência, principalmente da família, de professores e amigos, que ressaltam a qualidade da escola, além da possibilidade de aprovação em um vestibular, bem como a saída imediata para o mercado de trabalho.

Em alguns momentos da discussão as jovens comparam a escola atual com a anterior, e agradecem pela grande oportunidade de estarem em um lugar tão bem aparelhado física e humanamente. Isso reflete a falta de qualidade das outras escolas, uma vez que faltam professores ou não estão devidamente formados, faltam recursos didáticos, além do próprio descaso do poder público. (Passagem Opção pela escola, linhas 620 a 667):

Cf: E outra coisa que se comparando com a escola daqui e a escola que eu estudei eh sobre o uso de recursos (1) lá falando de slides e data show.

Tds: | @ (5) @

Cf: | Eu tive uma tal aula de informática até a oitava série que eu não sabia nem @o que era um computador @

Ef: | só era no quadro

Tds: | @ (6) @

Cf: | @ o professor de informática nunca levou um computador nem daqueles mais antigos@

Ef: | @ nem pra explicar o que era CPU lá @

Cf: | @ não sabia eu cheguei aqui perdida diante de tanto computador não sabia não; @ não sabia acessar a internet não sabia fazer uma pesquisa não sabia (1) tudo bem que aqui talvez eu não dei muita atenção às aulas eu não aprendi muita coisa eu só aprendi a entrar no msn e orkut @

Tds: | @ (6) @

Cf: | @mas tá bom @ mas lá meu Deus do céu lá a palavra slide e data show ficava besta quando cheguei aqui @

Df: | @só conhecia retro projetor@

Cf: | no máximo era uma tremura

Tds: | @ (6) @

Cf: | então isso aí nem se compara a escola meu Deus eu agradeço a Deus por ter vindo pra cá eu já pensei em desistir da escola daqui e eu não desisto por causa disto, mas eu não sou aquela aluna muito aplicada, mas aqui eh aqui sei lá aqui é uma escola que eu vou lembrar pro resto da minha vida.

Ff: A escola que eu estudei foi realmente um lixo eu estudei numa escola da zona rural e é tipo o esquema da escola que Bf estudou né, aquela que os restos dos professores mais ruinzinhos mandam pra zona rural e eh: eu tinha que acordar bem cedo pra ir pegar um ônibus né e ir pra escola da zona rural eu tinha que pegar ônibus pra ir pra escola aí eu me sentia muito prejudicada como eu não gosto muito de andar de ônibus e tal ai chegava nesta escola tal eh muitas vezes eu tinha uma aula no dia

duas aulas e o resto era três aulas vagas por dia eu sempre tinha muita aula vaga (1) os professores eram péssimos assim não explicavam bem e (1) não passavam o conteúdo de uma forma que os alunos entendessem e tal no caso também de recursos não tinham recursos na escola que eu estudava ((risos)) a quadra era horrível eu jogava bola com as meninas e a trave lá e tal caía em cima dos meninos lá e a gente precisava colocar aquelas pedrinhas lá pra marcar o gol e a escola que eu estudei era muita resenha assim a estrutura da escola era horrível e tal a escola era muito ruim mesmo que eu estudei aí depois que eu vim pra cá tal gostei muito da escola e vi que a estrutura era bem diferente que tudo era bem diferente; quando eu cheguei aqui sinceramente eu achei

Cf: L que tava no céu

?f: L °só veio o povo sofrido pra cá°

Tds: L @ (6) @

Cf: L oh Y você pegou as mais sofridas

Tds: L @ (6) @

A comparação entre as escolas anteriores e a atual parece inevitável para as jovens do grupo Esperança. Célia inicia comparando a escola atual com a escola que estudou anteriormente, e fala sobre os recursos, tais como *data-show* e computadores. Relata que nas aulas de computação não sabia nem o que era um computador e que o professor de sua antiga escola nunca tinha levado um para a sala de aula, e que ela sabia utilizar a internet. Também não conhecia *data-show* ou *slides*, no máximo um retroprojetor. Edna complementa, de forma a concordar com a situação precária de sua antiga escola.

O agradecimento a Deus por estudar atualmente em uma escola de boa qualidade aparece nos relatos de Célia de forma marcante: “é uma escola que eu vou lembrar pro resto de minha vida”. A escola atual não é necessariamente superior às outras, mas, o que é destacado pelas jovens está relacionado ao descaso do poder público para com a maioria das escolas, principalmente da zona rural. Flávia chega a compará-las com o lixo e afirma se tratar de escolas para onde mandam “os restos dos professores mais ruinzinhos”. Geralmente as escolas da zona rural são as mais prejudicadas pelo descaso do poder público, uma vez que as condições são muitas vezes degradantes, a infraestrutura é precária, e, na maioria das vezes, não existem condições necessárias para os professores, o que acarreta uma série de aulas vagas, conforme relatado por Edna.

4.1.2 As Relações de gênero na escola e na sociedade: “A verdade é essa homem pode quase tudo nessa escola, mulher quase nada”

Entendemos que as relações de gênero constituem um tema importante da pesquisa, uma vez que, mesmo antes do pesquisador fazer qualquer pergunta a esse respeito, o tema já aparece como inerente às jovens dessa instituição já na passagem inicial do grupo de discussão (Passagem Opção pela escola, linhas 48 a 65):

Ef: mais era assim que toda mãe tem um- tem uma coisa assim ah:: não vou deixar a minha filha sozinha lá:: não sei aonde sem ter ninguém
Cf: |principalmente aqui que:: que é mulher
Ef: |é
Cf: |todo mundo; todo mundo nã- agora não né mudou isso mas antes o povo tinha a image de que só poderia vim pra escola Agrotécnica homens que mulher não agüentava né, o trabalho que trabalhava demais
Ef: | @ (3)@
Cf: |uma coisa e outra normalmente.
Ef: E não é assim fala assim que menina é inocente não sabe de nada não sabe ficar sozinha sem os pais
Cf: |°mais novinha°
Ff: |°e além do mais não é bem assim a gente também sabe superar tal° @ (2)@
Ef: eh e fala assim ah e se você sair debaixo da saia de sua mãe cê não vai aprender a se virar sozinha e os outros lá né não conhece ninguém eh °e é isso° (3)

Segundo o grupo Esperança, as diferenças entre os sexos já aparecem mesmo antes de ingressarem na escola, sendo percebidos nos pais e nas pessoas com as quais convivem. A discussão desse tema inicia no momento em que as jovens estão falando sobre o fato de haverem optado por estudar nessa escola. Edna destaca o medo da mãe em deixá-la sozinha, sem saber exatamente onde. Logo em seguida sua colega Célia complementa que é pelo fato de ser “mulher”. Isso revela o que de uma forma ou de outra ainda está impregnado na sociedade: por se tratar de uma escola agrícola, seria por consequência uma escola só para homens, e que não haveria espaço para as mulheres.

Outra situação observada no discurso das jovens diz respeito ao tom de fragilidade que é direcionado a elas por seus pais e mães, como por exemplo, “que mulher não aguentava o trabalho né, que mulher trabalhava demais.” Além disso, alguns valores são atribuídos a elas apenas pelo fato de serem mulheres: “não sabe de nada”, “não sabe ficar sozinha sem os pais”, são “mais novinhas”. O estereótipo de que o gênero

feminino é frágil, inocente, e que não sabe se defender é algo que já vem de seus lares. Entretanto, isso não quer dizer que elas concordem com isso, muito pelo contrário, afirmam que sabem “superar essa situação”, que atribui ao sexo feminino, sobretudo às mais “novinhas”, uma condição de ingenuidade diante do mundo.

Contudo, percebe-se um tratamento diferenciado entre os sexos na escola e discutiremos vários itens abordados pelo grupo Esperança nos quais as jovens expõem vários pontos em que elas se sentem discriminadas. Vejamos o trecho a seguir (Passagem: Opção pela escola, linhas 228 a 253):

Bf: Agora uma coisa também que a escola pode melhorar se:: os administradores quiserem sei lá eu num sei eu acho se já tem na questão de de @(2) @ internato feminino é isso gente porque duas casinha pra porque o número de meninas tá aumentando todo mundo tá percebendo que cabou aquele negócio de antes que homem só era maioria; ainda é maioria mais o número de mulher o número de meninas tá crescendo bastante aqui tá vindo pra cá então acho que nós as meninas as meninas como eu tô saindo agora mas as meninas que né? Pra vim pra cá elas merecem eh também mais oportunidade de morar na escola porque é ruim a escola aqui na zona rural fica o que três quilômetros do eh de Ceraíma pro pessoal morar(1) e tem pessoas que vem de tão longe; eu mesmo acho que de onde eu vim é muito longe pra pra vim pra cá; aí você vem fi- eh morar lá em Distrito-A ter que vim pra escola a pé eh:: todos dos dias até aí tudo bem mas e num período chuvoso aí você tem que vim pra cá na maior dificuldade então tem que aumentar o número de vagas no internato tem que fazer outras outras prédios outras eh ampliar o internato feminino pra dá mais oportunidade pras outras meninas e:: eh também questão de estudar; a gente estuda aqui o dia todo mas à noite aqui é ruim pra estudar a gente não tem acesso à internet (1) o acesso a internet. o acesso a internet na escola ainda é muito precário

Df: [°nem lugar pra estudar apropriado no internato não°

Ef: [até dia de semana a internet aqui é um horr- horror pra você achar um horário (nos intervalos)

Bf: [final de semana nada

Cf: [eu acho que deveria ter uso da internet exclusiva para os internos porque a maioria dos de Guanambi já chega marca o horário e a gente e eles tem acesso eles podem ir numa “lan house” e a gente vai onde? Andar três quilômetros a pé pra acessar a internet no núcleo.

O primeiro ponto diz respeito ao alojamento¹⁷. Sem ao menos o pesquisador perguntar sobre o assunto, Brenda começa a falar sobre o pequeno número de vagas existentes no alojamento feminino, destacando que “todo mundo tá percebendo que

¹⁷ No Campus existem dois alojamentos com o objetivo de servirem de moradia para os alunos e alunas com baixas condições financeiras. O alojamento masculino tem capacidade para 120 estudantes, enquanto o alojamento feminino abarca apenas 30 estudantes, no máximo. Essa questão é, inclusive, um dos itens que chamou a atenção do pesquisador para as questões de gênero e que também o motivou a fazer essa pesquisa.

acabou aquele negócio de antes, que homem só era maioria”. A partir dessa declaração ela deixa transparecer a ideia de que o Campus, durante muito tempo, priorizou a formação de rapazes, mas esta situação está mudando, ou seja, o número de estudantes do sexo feminino está começando a aumentar no âmbito da escola, destacando que somente “os administradores ainda não perceberam esta mudança.”

A supremacia masculina na Instituição é percebida claramente pelas estudantes. Nas discussões acima fica claro que elas estão conscientes de que algo está errado e que os administradores ainda não perceberam, pois não manifestam nenhum sinal para a mudança. As jovens se sentem incomodadas e o fato de haverem inserido este tópico no grupo de discussão denota a busca por transformação, por uma solução para o problema.

O difícil acesso à internet¹⁸, embora não seja citado pelo grupo como algo que é mais utilizado pelas mulheres ou pelos homens, é outro item abordado e que merece destaque, pois é introduzido por Brenda em seguida ao problema das poucas vagas para o alojamento. O tema é complementado pela maioria do grupo como uma forma de ratificar que é algo que precisa de bastante atenção. Sabemos da importância da pesquisa na internet para a aprendizagem dos (as) alunos (as), para que possam fazer seus trabalhos, pois com a rapidez com que o conhecimento é produzido, os livros ou a biblioteca não são suficientes para suprirem essas necessidades.

A discriminação, segundo as jovens, está presente no Campus, pois segundo elas há uma grande diferença no tratamento da Instituição em relação aos alunos e alunas (Passagem: Opção pela escola, linhas 277 a 286):

Cf: [Outra coisa porque que os meninos podem estudar aqui à noite e a gente não pode? É com medo de algum casal se encontrar aumento o número de segurança aqui na escola

Ef: [@ (2) @

Ff: [Ou então faz um local lá pra gente estudar lá; pronto(1) a gente não precisa vim pra cá muitas vezes a gente já pediu as salas da=da=da agroindústria pra gente estudar lá a gente pegava autorização estudava e depois devolvia a chave; em vez disso porque que não deixam uma sala específica pra gente estudar lá uma menina responsável pela sala ou coisa do tipo eu acho que tinha como implantar sim tem o local pra implantar e sinceramente a escola precisa pensar nisso.

¹⁸ Embora existam dois laboratórios de Informática no Campus com vários microcomputadores cada um, e além de possuir um curso Técnico em Informática, os laboratórios são basicamente exclusivos para esses cursos ou para as aulas de Informática. O que o Campus disponibiliza de acesso livre para os (as) alunos (as) é uma pequena sala de Internet que fica dentro da biblioteca com cerca de oito microcomputadores, o que não é suficiente para atender toda a população de estudantes. Além do mais, esta sala não fica à disposição dos (as) alunos (as) durante a noite nem nos finais de semana.

Os “meninos” têm mais oportunidades e liberdade que as meninas, que denunciam o direito deles de poderem estudar à noite e elas não. Além disso, Célia enfatiza bastante a questão do medo que a escola tem de alguma aluna se encontrar com outro aluno durante a noite, colocando isso como um grande empecilho.

As jovens reclamam da oportunidade que é dada aos alunos de ficarem estudando até a hora que querem durante a noite nos pavilhões¹⁹ de aula, e de elas não poderem fazer o mesmo. O problema maior não está na questão do tratamento diferenciado em relação a ficar à noite nos pavilhões estudando, mas sim no de nem ao menos conseguirem um local adequado e confortável para poderem estudar no horário extraclasse. A maioria estuda durante o dia inteiro (pois o curso é diurno), e além do mais o ambiente de internato feminino não apresenta condições necessárias para que possam estudar.

Todos esses problemas parecem sufocá-las cada vez mais, e o grupo de discussão toma a dimensão de um momento de desabafo (Passagem: Opção pela escola, linhas 297 a 315):

Bf: [e eu não sei porque que os homens podem ficar até mais de meia noite aqui na escola e mulher o guarda já tá seis e meia vambora=vambora quer dizer que homem pode

Df: [porque que os homens não vão pra o internato e as mulheres não ficam?

Ff: [porque que os homens não sobem sete e meia lá pra cima e meninas não ficam aqui na hora da escola?

Bf: [é porque o número de homens aqui é maior; vai ver é isso não é? Então eles tão eh a prior- prioridade é pra homens e a culpa fica como se fosse só da mulher; a mulher tem que descer sete e meia porque aqui tem homens e eles vão se encontrar e vão querer namorar

Ff: [mulher não pode ir pra quadra.

Bf: [então mulher tem que subir sete hora tem que subir e se não subir sete horas vira um fusuê todo lá no CGAE²⁰ leva um monte=um monte de coisa lá e homem=homem não; eu acho que homem aqui ele=ele eh ele tem muito mais direito que mulher já que ou faz uma=uma forma diferente de sei lá alguma coisa no regimento ou então faz um

¹⁹ Devido ao fato de o Campus possuir alunos e alunas que ficam alojados na Instituição em regime de internato, os alunos levam vantagem em relação às meninas com relação a poderem estudar à noite. O internato masculino já tem uma história maior na Instituição, e possui uma estrutura adequada para comportar os internos, inclusive uma sala para estudos. E o feminino, como já foi dito anteriormente, só foi implementado em 2006 e diferentemente do outro que foi construído exatamente para este fim, este foi adaptado a partir de algumas casas construídas para alojar os servidores da Instituição, não possuindo assim a estrutura adequada para estudarem durante a noite, por exemplo. Além disso, por serem homens, aos meninos é permitido ficarem nos pavilhões até mais tarde, e as meninas devem subir para os seus alojamentos.

²⁰ CGAE é a sigla usada na Instituição para designar Coordenação Geral de Assistência ao Educando.

local de estudo só lá encima no internato ou então não tem como mulher não poder ficar aqui pra estudar eh nas salas e os meninos pode ficar aqui até até a madrugada se for preciso

As jovens enfatizam o fato de os rapazes poderem ficar nos pavilhões até depois da meia noite e a mulher ser obrigada a subir a partir de seis e meia da noite para o internato. Elas se mostram indignadas com a situação, sobretudo porque não encontram justificativas ou respostas para essas regras às quais foram submetidas. Inicialmente Dalila e Edna propõem inclusive uma inversão de papéis, mesmo que ironicamente, uma vez que dificilmente os homens se submeteriam ao mesmo tipo de tratamento.

Diante disso, algumas justificativas são evidenciadas numa tentativa de explicar desesperadamente a situação: “É porque o número de homens aqui é maior”; “prioridade é pra homens e a culpa fica como se fosse só da mulher.” São colocadas como as culpadas, inclusive em relação ao namoro, pois fica parecendo que é só a mulher é quem namora. A fragilidade da mulher é colocada em questão, como se só ela tivesse algo a esconder, e o homem não. Este pode ficar em qualquer lugar da Escola que nada vai lhe acontecer.

A grande indignação das jovens é saber que boa parte dessas situações, que caracterizam uma desigualdade no tratamento, tem um grande respaldo da própria Instituição. Trata-se de um problema que parece passar despercebido pela maioria dos funcionários da Instituição (Passagem: Opção pela escola, linhas 366 a 392):

Ff: L tem uma coisa que eu quero falar também que é a questão do orelhão esses dias eu estava descendo para o orelhão eh era um pouco mais de sete e meia sabe? Pra ligar fazer ligação e o guarda me parou e me falou que eu não descesse pra fazer ligação porque tinha passado do horário; eu achei sinceramente um absurdo eu não poder fazer uma ligação depois de sete e meia porque o guarda falou que ia fazer o relatório de mim eu sinceramente achei um absurdo

Bf: L e você não foi?

Ff: L fui com certeza eu fui sabe? Mas depois o guarda me levou no CGAE °no outro dia ° entendeu? Agora vamos com calma

Bf: L eles colocam lá um orelhão

Ff: L os meninos podem fazer as ligações até as horas que eles quiserem entendeu e a gente não

Bf: L tem um erro gravíssimo dessa escola

Ff: L nós não podemos fazer ligação depois das sete e meia eu acho isso um absurdo sabe? Eu acho que se não puder a gente descer lá embaixo para fazer ligação após sete e meia coloca um orelhão pra gente coloca um orelhão pra gente alguma coisa do tipo(1) ((toca a sirene da Escola)) o que não pode é a escola deixar a gente não fazer ligações depois de sete e os meninos podem?

Bf: | os meninos
até meia noite podem fazer ligação
Ff: | sinceramente eu acho um absurdo
Df: | e aí eles
falam ligam no domingo ou durante o dia durante o dia mui – muito de
nossos pais não estão em casa estão trabalhando
Cf: | e outra coisa não encontra a
gente também.

A restrição imposta às jovens, principalmente às internas, é vista como absurda. O fato de não poderem fazer uma ligação depois de sete e meia da noite, como é colocado por Edna, demonstra que não há uma proposta de negociação por parte da administração. Fica claro que a decisão de que elas não podem sair do internato durante a noite é radical, não sendo permitida nenhuma justificativa. Por outro lado, a indignação se agrava ainda mais porque elas sabem que “os meninos podem fazer as ligações até a hora que eles quiserem” e elas não.

A verdade é que as jovens se sentem como se estivessem em uma prisão, tendo horário para tudo. No restante do tempo ficam presas nos respectivos alojamentos sem poderem sair para nada. Não podem ir à quadra, aos pavilhões, ao orelhão; precisam estar nos alojamentos logo depois das seis e meia ou sete e meia da noite. Tudo isso causa um grande mal-estar em todas elas, que é visto por Brenda como “um erro gravíssimo dessa escola” (Passagem: Opção pela escola, linhas 393 a 416):

Ff: | eu acho
assim a gente=a gente estuda o dia inteiro a gente fica nesta escola
confinado o dia inteiro e quando dá vontade de ir num orelhão a gente
tem que olhar pra hora para saber se a gente pode ir ou não?
Sinceramente eu acho
Cf: | e se a pessoa que você for comunicar só pode te atender
oito horas?
Ff: | oito horas sinceramente sinceramente isso é uma:: questão que
tem que ser olhada tem que parar pra saber o que deve fazer se é pra
colocar um orelhão lá
Bf: | tem que colocar um ramal alguma coisa
Ff: | ou se é para liberar pra
gente alguma coisa do tipo porque é:: um absurdo
Cf: | a verdade é essa homem
pode quase tudo nessa escola mulher quase nada
Bf: | homem pode tudo até
sair a hora que quer é só assinar agora mulher aqui às vezes se vai
prum lugar tem que li::gar pros pais fazer normal parece que ela tá certa
mais porque que homem de menor também tem mais direito que as
meninas que são de menor também até as meninas de maior aqui às
vezes tem que ligar pros pais pra pedir alguma coisa; eu sei que é coisa
da escola que tá certa mais o que eu não entendo é porque homem aqui
tem=é como se mulher ah mulher conseguiu o internato eh tipo assim
conseguiu não porque é como se a escola não quisesse né não uma

coisa que eh colocou:: porque de- ia ser bom sempre tinha as críticas né que não ia ser bom o internato aqui é porque mulher pode ficar morrendo andando do núcleo pra cá pra vim estudar

Df: [°os meninos não podem°

Os papéis atribuídos às mulheres na Instituição estão associados ao modelo socializador que evidencia a fragilidade feminina e fortalece a superioridade masculina. Mas mesmo com toda a pressão que elas estão sofrendo por fazer parte de um ambiente onde as prioridades são masculinas, a não aceitação surge como uma característica marcante desse grupo. A reclamação e as reivindicações das alunas não colocam as regras impostas a elas ou aos alunos e alunas em geral em evidência, mas a forma como essas regras se materializam, dividindo em regras masculinas e femininas.

As regras impostas às jovens diferenciando a condição de alunos e alunas na escola acabam por desenhar dois mundos discrepantes dentro de um mesmo ambiente. Por um lado, o universo masculino, onde se pode tudo, conforme afirma Célia: “a verdade é essa homem pode quase tudo nessa escola mulher quase nada”. Por outro, o ínfimo universo feminino, que se resume a simplesmente estudar o dia inteiro, ou seja, ficar “confinado o dia inteiro” e, durante a noite, presas no internato sem sequer poderem fazer uma ligação telefônica.

Essas situações em que as jovens se encontram na escola nos remetem ao que Yannoulas (2001, p. 04) descreve como tipos de discriminação. Segundo a autora distinguem-se três formas de discriminação: “a direta ou manifesta, a indireta ou encoberta e a autodiscriminação” (Cf. YANNOULAS, 2001). A partir das nossas análises e reflexões a discriminação indireta ou encoberta²¹ é a que mais se encaixa no tipo que as jovens declaram sofrer na Instituição (Passagem: Relações de Gênero na escola, linhas 715 a 734):

Cf: [falando de discriminação a única discriminação que eu acho que eu já sofri nessa vida foi aqui na escola pelo fato de ser mulher (1) em todos os aspectos sobre os horários sobre o internato que a gente já falou aqui na escola e nas aulas práticas (1) tudo bem que é uma aula lá tipo (1) no ano passado aula de dar ração:: °as galinhas alguma coisa assim° eu não ia pegar um saco de ração @ mais @ isso aí era serviço dos mais fortes dos homens né mais pelo menos a gente

Ff: [não pelo sexo, mas pela força né

Cf: [a gente tinha que=que colocar e aqui cê vê na aula prática ela falou ela citou um exemplo aí; na nossa

²¹ Segundo Yannoulas “a discriminação encoberta ou indireta consiste em idéias e práticas admitidas informalmente, influenciando um comportamento ‘usual’ e ‘válido’ para cada grupo social. Estas práticas que aparecem neutras criam desigualdades entre pessoas com condições idênticas, por sua raça/etnia, idade, religião, nacionalidade, entre outros aspectos” (2001, p. 04).

sala ocorre a mesma coisa tem aula prática que vários meninos eh::
Maurício (1) Jean e pronto (1) é inseminação é uma coisa que todo mundo faz não mas os meninos quer fazer tudo só os meninos vai (2)

Ff: Com certeza

Cf: | dá prioridade aos homens (1) então::

Ef: | agora tinha um professor aqui que dava prioridade pras mulheres que era:: (1) aquele professor de zootecnia (1) suíno::

?f: | Josué

Tds: | Josué

Célia afirma que a única discriminação que já sofreu foi na escola, pelo fato de ser mulher. Essa discriminação se dá em todos os aspectos tais como: horários, internato e até nas “aulas práticas”. Célia deixa claro que é lógico que ela não ia “pegar um saco de ração”, e nesse sentido Flávia complementa: “não pelo sexo, mas pela força né”. Mas o problema não é nem esse, pois citam o exemplo da inseminação que segundo elas “é uma coisa que todo mundo faz”, isto é, nada impediria as mulheres de aprenderem essa atividade uma vez que não exigiria tanta força. No entanto, mesmo nessa atividade prática, que não exige tanta força, a prioridade é dada aos homens, como se as mulheres não tivessem capacidade de realizá-la, ou como se a inseminação artificial constituísse um aspecto relativo apenas ao universo masculino.

O fator preocupante é que a discriminação vem ocorrendo no Campus, e esta é colocada como algo natural por vários daqueles que deveriam combatê-la – os professores. Talvez a explicação esteja na tradição dos cursos de agropecuária, constituídos como masculinos, como bem nos lembra Yannoulas (2001, p.04), que “um caso extremo, nesse âmbito, refere-se às engenharias e ciências agropecuárias que tem muito pouca representação feminina, seja entre alunos, seja entre professores.” Entretanto, mesmo tendo uma baixa representação feminina, isso não justifica o fato de as alunas sofrerem discriminação em tantas situações.

O espaço da mulher no mercado de trabalho agropecuário é extremamente pequeno em relação ao que é dado ao homem, resumindo-se basicamente ao escritório. As jovens percebem esta diferença também, entre rapazes e moças, esclarecendo que mulher ganhou espaço, mas ainda falta muito para atingir um ponto satisfatório (Passagem: Relações de Gênero na escola, linhas 765 a 791):

Cf: |eu acho assim que tudo bem que a mulher tá (1) tá (1) tendo espaço depois de um certo tempo agora na sociedade mais ainda falta

Bf: | cê quer dizer a comunidade escolar ou em geral?

?f: °em geral°

Y: em geral

Bf: ela tem que conquistar muito porque (1) até pra trabalhar na área homens aqui (1) são bem () só que assim as meninas vão (1) são chamadas pra trabalhar em escritórios:: eu mesmo daqui são poucas meninas que conheço que trabalham eh assim não mais eu acho eu eu se falar assim Bf cê vai (1) cê:: vai vai trabalhar na análise de praga (1) eu sei que ia crescer lá dentro e eu não ia achar que isso era emprego de homem então se eu achasse eu ia trabalhar eh trabalhar lá eu ia crescer quem sabe eu não ia ser até uma gerente

Df: L mas a maioria das fazendas também

Bf: L mas a maioria também das meninas vai só pro escritório (1) pra mim isso é discriminação a mulher não tem capacidade

Cf: L pra mim a maioria dessa discriminação (1) no meu caso mesmo (1) eu já conversei com Marina que eu quero trabalhar (1) aí ela falou que (1) ah cê fica aí esperando porque a maioria das fazendas tem dificuldade pra alojamento (2) por que isso? Tem fazenda que só pega casal (1) só pega a mulher se a mulher for casada (1) com alguém que é da fazenda ou alguma coisa

Bf: L mulher só pra escritório, mas tem algumas

Cf: L mulher só pra escritório tem algumas realmente

Ff: L o espaço pra o mercado de trabalho pra mulher na área técnica em agropecuária (1) assim:: tem mercado tem mas agora ela ainda é muito discriminada nessa área

A busca por espaço no mercado de trabalho relacionado ao curso ainda é um grande desafio, pois apesar de admitirem que historicamente a mulher venha assumindo um espaço que até então era exclusivo do homem, elas ainda são vítimas de discriminação. Segundo Brenda as meninas são chamadas para trabalhar apenas em escritórios, e são poucas as que saem para trabalhar nesta área. Brenda acrescenta ainda que, apesar disso, não acha que fazer “análise de praga” seja um emprego só para homens.

A mulher é, sim, capaz de trabalhar em uma área que tradicionalmente é voltada para os homens, e que inclusive elas podem se sair muito bem. O fato de a mulher ser chamada para trabalhar apenas em escritórios é visto como uma atitude de discriminação. Embora o grupo não tenha tido nenhuma experiência de trabalho em fazendas da região com a “análise de praga”, demonstra que não é ignorante sobre o assunto, que interage com o setor responsável por esta atividade no mundo do trabalho. Contudo, as mulheres, quando são chamadas para trabalhar nesta área, ocupam funções no escritório, ou são admitidas juntamente com os maridos que já trabalham nas fazendas, pois um dos maiores problemas para contratação das mulheres é a falta de alojamentos específicos para elas.

A tradição masculina ainda está enraizada neste setor e impede que as mulheres demonstrem que são capazes de trabalhar tão bem quanto os homens, desde que as mesmas condições lhe sejam dadas (Passagem: Relações de Gênero na escola, linhas 792 a 808):

Ef: L e em comparação quando alguém vai comparar (1) não (1) o homem é superior à mulher (1) pro trabalho não (1) se por mulher e homem mulher e homem não (1) homem primeiro mulher (1) depois se não achar outra melhor

Bf: L mas mulher é mais inteligente que homem né (1)então:: só sendo um trabalho forte ou:: homem pode até ser primeiro (1) só que o homem pra conseguir fazer tarefa bem feita que uma mulher faz (1) fazer mil e uma tarefas (1) o homem só sabe fazer:: mexer naquilo ali

Ff: L tem muitos trabalhos que são de homens que uma mulher pode mui- que uma mulher faz igual ou até melhor que o homem

Tds: L bem melhor que o homem

Cf: L porque mulher é mais é mais delicada.

Bf: Na área de avicultura mulher eh eh é mais exigido mulher do que homem que mulher é mais delicada né (1) então aí fala que homem vai lá só pra quebrar os ovos @ (2) @ que homem é aquela coisa rápida (1) então mulher ela é mais chamada (1) na área de agricultura lá quando a mulher eh ela luta muito assim esforça ela acha emprego porque eu acho que na área tem muito emprego mas homem (1) homem é assim ó()

A comparação entre o que o homem e a mulher fazem, representa uma forma de competição entre aquilo que é visto como atividade masculina e atividade feminina, ainda que as jovens afirmem não concordar “quando alguém vai comparar” se “o homem é superior a mulher”²². Entretanto, elas mesmas declaram que “tem muitos trabalhos que são de homens”, mostrando que essa discriminação que elas mesmas criticam está de uma forma ou de outra internalizada, caracterizando – nos termos de Yannoulas – uma autodiscriminação (Cf. 2001).

O que foi inicialmente colocado como algo natural, torna-se aos poucos ambíguo em seus próprios discursos, ou seja, a naturalidade vai sendo desconstruída pelas próprias jovens, mesmo sem perceberem, acrescentam que “uma mulher faz igual ou até melhor que homem” aquilo que anteriormente elas mesmas consideravam trabalho só de homens (Passagem: Relações de Gênero na escola, linhas 809 a 826):

Ef: L o salário mesmo em comparação as mesmas profissões as mesmas quantidades

²² Segundo o grupo, esta comparação é feita pela sociedade, destacando que ainda é considerada machista, tratando a mulher como uma classe inferior ao homem.

de horas o homem tem um salário maior do que a mulher (1) a mulher não a mulher sempre está ali afastada de tudo

?f: [mas isto já vem da história

Cf: [um exemplo bem claro pra gente mesmo perceber (1) é sobre os trabalhos da escola (1) por que ninguém vê uma mulher trabalhando na agricultura é só homem? no setor (1) é só homem que toma conta

?f: [as mulheres daqui trabalham onde?

Cf: [as que não for secretária ou professora o- ou no refeitório trabalha aqui varrendo

Ff: [faxina

Cf: [faxina isso é uma forma de discriminação

?f: [com certeza

Cf: [não tem um homem faxineiro na escola (1) só tem mulher num tem uma uma mulher que trabalha nas nos nos setores de avicultura e agricultura né (1) lá de suíno não tem uma mulher que fica aqui não é

A comparação realizada anteriormente é complementada em relação ao salário que é ganho por um ou por outro. Edna destaca a diferença salarial do homem em relação à mulher, mesmo em profissões e condições de trabalho idênticas e essa situação é explicada como sendo histórica. O lugar da profissional mulher na escola é outra questão que traduz aquilo que a sociedade traz em seu bojo, como algo histórico que se adentra na instituição parecendo natural, pois dificilmente é questionado.

As jovens enfatizam que na escola existe claramente uma divisão sexual do trabalho, onde só os homens trabalham na agricultura e avicultura, e as mulheres como secretária, professora ou faxineiras. Célia ainda complementa que isso é discriminação, pois não tem homem trabalhando como faxineiro na escola e nem mulheres trabalhando nos setores da avicultura ou agricultura.

Essas diferenças percebidas pelas jovens no âmbito da escola, e que são classificadas por elas mesmas como discriminação, não são questionadas pela administração da instituição. Assim, o lugar da mulher na escola é aquele que é determinado inconscientemente. Essa situação gera, conseqüentemente, atitudes de preconceito que são internalizadas e consideradas pelos profissionais que atuam na instituição como naturais.

O fato positivo é que este problema não está passando despercebido ou ficando esquecido, pois, além deste pesquisador, as jovens também apresentam um discurso indignado, que suscita mudança e transformação (Passagem Relações de Gênero na escola, linhas 838 a 857):

Af: a mulher é tão discriminada aqui na escola (1) tem até no alojamento da escola no internato em questão de limpeza nosso alojamento tem que tá brilhando (1) o dos meninos não (1) o do meninos o dos meninos vai um homem lá e olhe lá

Ff: L ah isso aqui é porque o internato masculino tem um desconto porque é tudo homem (1) mulher mulher tem que tá limpo

Df: L aí porque vocês não exigem as mesmas coisas dos meninos como da mulher (1) não porque vocês são mulher mulher

Bf: L porque é como eles dizem mulher já nasceu só pra parir e cuidar da casa né, pra ficar dentro de casa, pra reproduzir e pra perpetuar as espécies e pra cozinhar e esperar o marido chegar de noite e:: aí::: continuar a espécie @ só pra isso @ só que eles tem que vê que isso está mudando né mulher era pra mulher mandar em tudo era pra mulher está no auge (1) se não fosse isso daí essa separação essa questão que a mulher não tinha direito a absolutamente nada eh tinha até mulher que tinha as su- as sua mediunidades lá que eram chamadas de feiticeiras tinham que morrer não podia ter poderes @ então @ é uma questão da história mas isso aí tá mudando o homem que abra o olho @ porque ele vai ficar debaixo dos nossos pés @

Ff: L vai chegar um tempo que as mulheres vão governar o mundo

Tds: L @ (3) @

Ana enfatiza a discriminação da mulher na escola citando a questão da limpeza nos alojamentos. Até mesmo normas que deveriam ser uniformes tanto para os masculinos quanto para os femininos são diferenciadas: no alojamento feminino “tem que tá brilhando (1) o dos meninos não”. Essa mesma ideia é complementada por Flávia e Dalila, sendo que Brenda repassa essa percepção sobre o papel da mulher na sociedade: “é como eles dizem mulher já nasceu só pra parir e cuidar da casa né, pra ficar dentro de casa, pra reproduzir e perpetuar a espécie e pra cozinhar.”

O padrão de comportamento esperado de uma mulher está enraizado no inconsciente das pessoas. A ideia de que a função das mulheres é a reprodução, o cuidado com o lar e com a cozinha é muito criticado por estas jovens, que não concordam em momento algum com este modelo. Embora elas não percebam na escola nenhum sinal que aponte para uma mudança de atitude, suas posições continuam firmes no sentido de acreditarem e de terem esperança de que isso está mudando, pois mesmo sendo “uma questão da história, mas isso está mudando”.

4.1.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição de família: “... se eu ganhar um salário mínimo não sei se vou ter nenhum filho @ pra sofrer o que eu sofri@...”

Os projetos de futuro dessas jovens nos deixam com uma interrogação muito grande, uma vez que as respostas à pergunta feita pelo pesquisador apenas esclarecem que elas querem trabalhar e continuar estudando (Passagem Projetos de futuro profissional, linhas 881 a 897):

Y: Bem, então:: eh eu quero que vocês (1) me digam o seguinte se vocês pretendem trabalhar depois que concluírem o curso ou se vocês pretendem continuar estudando? (2)

Cf: Eu pretendo trabalhar (1)

Df: Eu pretendo fazer as duas coisas (1) eu quero ver se consigo conciliar o trabalho com um emprego (2)

Bf: Eu também quero trabalhar e continuar estudando (1) eh porque se:: se eu arrumar um emprego na área eu vou gostar muito mais ma- assim eu quero conciliar as duas coisas porque eu não quero parar de estudar eu quero seguir carreira °estudando°

Ef: Eu também eu eu acho que também (1) eu acho não eu tenho que conciliar as duas coisas e tenho que eu quero estudar e e eu tenho que trabalhar porque eu sei que meus pais não tem condições de me sustentar em outro lugar então eu tenho que me virar sozinha (2)

Ff: Eh eu no meu caso eu também quero tentar conciliar os estudo com o trabalho porque (1) minha família quer muito que eu continue estudando eu também quero muito continuar estudando, mas as condições de minha família são poucas né e no caso eu tenho que trabalhar pra me manter e continuar os meus estudos (2)

Af: Eh também quero continuar estudando e pretendo trabalhar também (3)

Os projetos futuros são apresentados pelas jovens apenas em linhas gerais, ficando em aberto, por exemplo, vontades, desejos ou mesmos objetivos mais concretos. Mesmo estando no 3º ano do curso, isto é, já no final dos estudos, as perspectivas em relação ao futuro profissional não são evidenciadas pelas alunas, o que de certa forma é preocupante. Entretanto, a maioria delas pretende trabalhar e continuar estudando, conciliando as duas coisas, mesmo não detalhando ou esboçando algumas possibilidades de como viabilizar esses objetivos. Como uma das possibilidades de emprego nesta área está relacionada ao trabalho nas fazendas, muitas dificuldades poderão aparecer para se conciliar o trabalho com os estudos, o que será mais um desafio enfrentado por estas jovens.

A necessidade e vontade de melhorar de vida é o que parece estar por detrás da vontade de trabalhar e continuar estudando. Sabemos o quanto é difícil conciliar estas duas atividades, contudo a realidade dos pais dessas jovens não permite a manutenção dos seus estudos por si só, uma vez que são oriundas de famílias onde seus pais apresentam uma baixa escolaridade, e o ganho mensal é muito baixo.

A segurança na vida pessoal e profissional constitui um aspecto importante para este grupo, tornando-se inclusive uma condição preponderante para a realização de projetos tais como: casar e ter filhos. O entrevistador tenta conhecer a expectativa do grupo em relação a este tema (Passagem: Projetos de futuro profissional, linhas 935 a 955):

Y: E assim vocês pretendem casar e ter filhos? (2)

Cf: Com certeza eu no meu caso eu quero ter porque eu acho que eh é uma dádiva pra mulher ser mãe (1) então eu pretendo casar, mas não vai ser por agora e eu não sei quando isso (1) e:: depois quero formar e fazer uma faculdade e trabalhar e tudo depois (1) e eu quero ter filhos (2)

Ff: Eu tenho os meus planos né:: eu pretendo daqui:: quando eu construir alguma coisa pra mim quando eu me formar quando eu tiver um emprego garantido eu acho que é o sonho da maioria; de muitas não é quando tiver uma paz uma formação alguma coisa construída porque não adianta nada você casar e não ter casa e tal eu pretendo só que:: daqui um tempo bas- bastante tempo na verdade né concluir o meu ensino superior se Deus quiser arranjar emprego fixo e tal tá com a vida mais estabilizada ter que me casar meu sonho é ter filho então acho que isso é essencial na vida eu pra mim é essencial na minha vida; sabe? E eu pretendo sim mais:: vai demorar um tempinho né.

Bf: Eu quero casar e ter um muncado de filho mais::

Tds: L @ (2) @

Bf: L mais esse muncado é relacionado com a minha renda lógico né @ se eu ganhar um salário mínimo não sei se vou ter nenhum filho @ pra sofrer o que eu sofri@ como eu não vou ganhar um salário mínimo é lógico né aí eu quero ter uns dois ou três; mas casar pra mim não tem época não tem data não tem nada se:: aparecer e falar eu quero casar não tem quem muda

Tds: L @ (3) @

Casar e ter filhos ainda continua ocupando um lugar especial na vida dessas jovens, embora essa “dádiva”, esse “sonho” - como colocado por algumas delas - só será concretizado quando já estiverem com uma “formação” e trabalhando em um emprego fixo.

O casamento e os filhos fazem parte das suas expectativas para o futuro, sendo que os filhos são colocados para elas como uma “dádiva de Deus”, como essenciais para suas vidas. O casamento também aparece como importante, mas existe uma certa cautela quando falam sobre o tema. Embora pretendam casar e ter filhos, não descartando essa expectativa em momento algum, o projeto é colocado como algo a ser

realizado depois de um emprego fixo e de uma vida estável: “se eu ganhar um salário mínimo não sei se vou ter nenhum filho @ pra sofrer o que eu sofri@”.

A vontade e o desejo de se tornarem mães se apresentam como reflexo da educação que obtiveram de suas famílias e do papel atribuído socialmente à mulher. A forma como suas mães as educaram, despertando-lhes o desejo materno e a vontade de retribuir por meio de um filho aquilo que lhes foi dado. No que diz respeito à educação dos filhos a responsabilidade é atribuída em grande parte às mães, ficando aos pais uma parte mínima para esta função (Passagem: Projetos de futuro profissional, linhas 973 a 997):

Bf: Eu sempre acho que pai é uma coisa secundária

Tds: L @ (2) @

Bf: L pra mim pai pai pode até se preocupar pode até:: mas pai é tão assim:: mei () agora mãe parece que a preocupação do do pai vai vai vinte e cinco por cento vai pra mãe; aí a mãe tem setenta e cinco por cento da preocupação e o pai com seus vinte e cinco e às vezes nem demonstra que tem. Então ser mãe é difícil porque você tem o dobro de preocupação e parece que você tem que fazer tudo então mãe é uma é:: uma coisa assim

Ef: L que eu; eu assim eu nunca pensei ah eu vou casar assim °vou ter filho° eu acho que eu nunca pensei assim e acho que se for pra acontecer tem que acontecer; hoje agora só penso em estudar (1) hoje eu não penso assim que vou casar vou ter filhos agora quem sabe no futuro e isso assim só Deus que sabe () (3)

Af: E assim igual Bf falou (1) é tipo assim se for pra acontecer vai acontecer sem ela marcar () porque:: tipo assim meus pais não querem que eu (1) me case e tal essas coisas assim sabe; continue estudando e eu não quero parar de estudar (1) só que é o tipo da coisa por esta situação eu ano quis casar (1) só que assim o dia que eu quiser casar eu vou casar entendeu, só que eu acho que não vai ser meu casamento qualquer coisa do tipo que vai fazer com que eu pare de estudar

?f: L casamento não atrapalha

Af: L então é o que eu (1) eu penso dessa forma aí o filho já é depois não é

Bf: L eu acho que filho complica um pouco

Ff: L eu acho que é uma responsabilidade que você tem que ter a parte (3)

Mais uma vez a reprodução do discurso em torno da estabilidade e necessidade de ter algo seguro para garantir um futuro tranquilo aparece em primeiro plano e os estudos vêm como o caminho a ser trilhado para se conseguir alguma coisa na vida, pois, neste momento, como diz Edna, “só penso em estudar”, isto é, ela não pensa efetivamente em ter um filho, mas se for para acontecer tem que acontecer, e acrescenta “quem sabe no futuro”. Edna teme que um filho possa atrapalhar os seus planos de

estudo e também profissionais. Ana complementa essa reflexão, afirmando que se for para acontecer vai acontecer, mas, no momento ela pretende continuar estudando.

O casamento e os filhos implicariam, neste momento, uma interrupção dos estudos. Essa ideia advém do modo como essas meninas foram socializadas, ou de como elas observam isso na sociedade, pois, no fundo, elas sabem que se aparecer um filho antes de formarem e conquistarem um emprego, tudo pode ficar mais difícil. Como rege a tradição em nosso meio, a mulher/mãe terá que se sacrificar para poder cuidar de seus filhos. Suas carreiras profissionais serão interrompidas temporariamente, uma vez que dificilmente conseguirão ajuda para poder cuidar de seus filhos e, ao mesmo tempo, liberando tempo para estudar ou trabalhar. Assim, as colocações de Ana, de que “o filho já é depois”, e as complementações de Brenda, de que “filho complica um pouco”, resultam de reflexões racionais, e, o que foi colocado anteriormente como “dáviva” ou “sonho”, é adiado para um período futuro.

Para as jovens a mulher/mãe tem um papel imprescindível na educação das crianças. Ao discutirmos sobre a questão de quem mais leva jeito para educar uma criança, se é o homem ou a mulher, as jovens são taxativas na resposta: “a mulher é claro”, respondendo, inclusive em coro (Passagem: Projetos de futuro pessoal, linhas 998 a 1029):

Y: Eh então é o seguinte só pra fechar aí eh (1) o que vocês acham eh que leva mais jeito pra educar uma criança um homem ou uma mulher ?

Tds: a mulher é claro

Ff: com certeza.

Cf: Também depende do de uma lado (1) quando o filho é mulher aí a mãe tem aquela coisa porque o pai geralmente se () quando é mulher. E homem já quer puxar mais o pai né; então sempre vai se a mulher.

Bf: Eu mesmo não tenho esse problema; porque meu pai é mei desligado do meu irmão, mas é muito ligado a mim (1) então eu acho que me pareço muito mais com ele e acho que e acho que não tem que amor de mãe e pai é a mesma coisa, mas mãe:: mãe:: ela consegue enxergar coisa que o pai não enxerga; o pai fala alguma coisa bota ordem é de botar ordem (1) e ele num parece que não consegue olhar dentro do filho e ver a alma como mãe consegue enxergar a alma do filho. Então o pai quer dar uma muito de durão:: num vê num consegue enxergar o filho por inteiro. Então eu acho que mãe consegue criar um filho um filho sozinha; eu acho que uma pai pra ele conseguir criar um filho sozinho é mais dif- difi- eh difícil pra ele; mãe mãe não quantas mães não cria seus filho sozinhas dá amor dá comida tá ali tá sempre presente eu acho que (1) eu acho que filho nasceu pra mãe mesmo e não tem nem esse negócio de separar eu acho que o filho deveria ficar com a mãe mas já @ é discriminação da minha parte mas é isso.

Ff: Assim eu acho que na questão de de amor tanto a mãe quanto o pai tem na mesma intensidade eu falo porque eu passo por isso lá em casa (1) porque eu pra mim a mesma quantidade que a minha mãe tem por mim eu sei que meu pai tem da mesma quantidade por mim eu sei que

meu pai gosta de mim muito mesmo mas eu é o mesmo caso das meninas eu acho que a mãe da gente; a mãe da gente sabe (1) mãe nasceu pra amar o seu filho pra dar a via pelo seu filho dar o seu sangue pelo seu filho; no caso eu acho que o filho sempre vai pegar mais pro lado da mãe o pai pode até amar na mesma intensidade só que aquela coisa de lidar com o filho é sempre a mãe pra lidar mais bem com o filho do que o pai.

Bf: Eu acho que a coisa mais perfeita que Deus fez foi mãe a mulher porque eu acho que não existe um amor tão perfeito tão grande e que assim a gente não consegue descrever do que o amor de mãe eu acho que é uma dádiva uma coisa maravilhosa ° é mãe ° os pais que me desculpem que eu amo meu pai, mas minha mãe (1)

Embora as jovens já tenham sido enganadas pelo seu instinto, declarando fervorosamente que a mulher é quem leva mais jeito para educar uma criança, elas procuram, em seguida, amenizar o discurso, tentando não ser injustas com os homens. Neste sentido, Célia pondera que se a criança for do sexo feminino, buscará identificar-se mais com a mãe, mas se for do sexo masculino terá mais aproximação com o pai. Os discursos que se seguem, tentam ir neste mesmo caminho, mas a defesa da mãe, como aquela que é responsável pela educação no lar, prevalece quase que naturalmente.

Para Brenda o amor de mãe e de pai é a mesma coisa, mas em seguida esclarece a diferença entre os dois: “ela consegue enxergar coisa que o pai não enxerga”. Já o pai é diferente: “ele num parece que não consegue olhar dentro do filho e ver a alma como mãe consegue enxergar a alma do filho”. Ainda que Brenda diga que amor de mãe e pai seja a mesma coisa, acaba em seguida diferenciando este amor e, fazendo uma comparação entre os dois. Para ela a mãe é muito mais sensível, perceptiva, compreensiva, consegue enxergar aquilo que o pai não consegue – “a alma”, “dentro do filho”. Já o pai, este é mais objetivo, durão, “é de botar ordem” na casa, e “não consegue olhar o filho por inteiro”. Outro aspecto em sua narrativa se refere ao destaque do poder da mãe em criar o filho sozinha. Já o pai não teria essa condição. Mesmo que no final de sua fala considere essas suas posições discriminatórias, acaba reafirmando: “mas é isso mesmo”.

As jovens se apresentam divididas em suas narrativas, ora defendendo fervorosamente a mulher/mãe como aquela que cuida do lar e da família, ora tentando não serem injustas com o homem/pai. Entretanto, essa defesa feita aos pais termina enfraquecida, uma vez que, a defesa materna prevalece, culminando em uma posição de que é a mãe a maior responsável pela educação dos filhos. Essa diferença é reflexo também das diferenças existentes nos papéis de masculino e feminino presentes em suas histórias. Segundo Yannoulas (2004, p. 190) “a análise sob a ótica de gênero, deve-se considerar que os papéis e relações que os homens e mulheres desempenham na

sociedade são determinados pelo contexto social, cultural, político, religioso e econômico de cada sociedade”. A figura do pai aparece como aquela que assume o papel de trabalhar fora para manter o sustento da família, enquanto que a mãe assume as tarefas do lar e da educação dos filhos e filhas.

4.2 Grupo Liberdade (1º ano, do curso Técnico em Agroindústria)

Aos vinte dias do mês de novembro de dois mil e oito, turno vespertino, no Auditório da EFAJIT, com duração de 01 hora, 15 minutos e 02 segundos, realizou-se um grupo de discussão com as alunas da 1ª série do curso Técnico em Agroindústria.

Gf (Geísa) tem 15 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, declarou ser de cor/etnia parda, religião católica, natural de Guanambi – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, estudou em escola pública e escola privada, nunca abandonou os estudos. Sua mãe possui ensino fundamental completo, é auxiliar de laboratório e tem renda de um salário mínimo. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é operador de máquinas e tem renda de R\$ 750,00 por mês. Pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular para Engenharia de Alimentos ou Agronomia. Seu lazer preferido é assistir à televisão. Faz parte de um grupo de crisma e EAC (Encontro de Adolescentes com Cristo).

Hf (Hebe) tem 16 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, declarou ser de cor/etnia parda, religião católica, natural de Guanambi – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino médio completo, é autônoma e tem renda de R\$100,00. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é operador de máquinas e tem renda de R\$500,00 por mês. Pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular para Educação Física ou Nutrição. Seu lazer preferido é praticar esportes. Não faz parte de grupo ou associação.

If (Isadora) tem 15 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor negra, religião católica, natural de Guanambi – BA, mas reside em Candiba – BA. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino médio incompleto, é professora e tem renda de R\$360,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é operador de máquinas e tem renda de

R\$1.500,00. Pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Microbiologia de Alimentos. Seu lazer preferido é assistir a filmes. Não faz parte de grupo ou associação.

Jf (Júlia) tem 16 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Carinhanha – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, estudou em escola pública e escola particular e nunca abandonou os estudos. Sua mãe possui ensino médio completo, é professora e tem renda de um salário mínimo por mês. Seu pai possui o ensino médio completo, é caixa do S.A.A.E.²³ e tem renda de R\$900,00 por mês. Pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular para Direito. Seu lazer preferido é sair com as amigas. Não faz parte de grupo ou associação.

Lf (Laura) tem 16 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor ou etnia branca, religião católica, natural de Guanambi – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, estudou em escola pública e escola privada, nunca abandonou os estudos. Sua mãe possui ensino fundamental completo, é cabeleireira e tem renda de aproximadamente R\$200,00 por mês. Seu pai possui o ensino médio completo, é sindicalista da FETAG (Federação dos Trabalhadores na Agricultura) e tem renda de R\$1.000,00 por mês. Pretende trabalhar, estudar e tentar o vestibular para Engenharia de Alimentos. Seu lazer preferido é montar a cavalo. Faz parte de um grupo de crisma.

Mf (Márcia) tem 16 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Riacho de Santana – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca a abandonou. Sua mãe possui ensino médio completo, é agente comunitária de saúde e tem renda de R\$300,00 por mês. Seu pai possui o ensino médio completo. Márcia pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular para Direito. Seu lazer preferido é fazer passeios com os amigos e assistir a filmes. Faz parte de grupo ou associação.

²³ A aluna não esclareceu qual o significado desta sigla.

4.2.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJT) e pelo curso de Agroindústria: “... na minha cidade tem muita gente que veio pra cá, aí sempre comentava que a escola era muito boa os professores muito bom...”

O curso de Agroindústria é um curso novo na Instituição, sendo que esse grupo faz parte de sua primeira turma. Os motivos que levaram as jovens do grupo Liberdade a estudar na Instituição e a escolher os cursos são os mais diversos possíveis, seja pela fama que a escola adquiriu com a boa qualidade dos cursos e os bons professores, seja por vontade própria, por incentivo e até por pressão da família. Dessa forma o pesquisador propõe inicialmente que falem sobre a escolha do curso e da Instituição (Passagem Opção pela escola, linhas 01 a 29):

Y: Bem, essa primeira pergunta é uma pergunta que ela é é uma pergunta geral e ela é feita pra todos os grupos eh o que muda realmente são os grupos então ela versa sobre a escola atual de vocês. Vocês poderiam falar sobre a escolha do curso e porque resolveram vir estudar aqui na escola agrotécnica federal de Guanambi?(4)

If: Bom () desde que eu fazia a quinta série que eu entrei no colégio eu via muita gente fazer os cursos aqui da agrotécnica fornecia eh muitos cursos muito bom e falava que os professores daqui era muito bons porém quando eu entrei na oitava série que eu estudava em Distrito-N eu fui pra Cidade-Z estudava oitava série e vi um cartaz e interessei mãinha também me incentivou bastante pra fazer o curso novo de Agroindústria porque era um curso novo e eu pensava fazer um outro curso o Agropecuária e mãinha falou não, o curso é novo e tal e eu já há bastante tempo eu gosto desse negócio de estudar bactéria essas coisas aí eu achei bom o curso e fiz.

Gf: Eh minha tia trabalha aqui desde que a escola foi fundada e eu sempre participei bastante aqui da escola e assim que eu terminei a oitava série a primeira coisa que eu pensei foi fazer a prova aí eu passei e vim estudar aqui.

Lf: Eu preferi esse curso por causa eh (2) no futuro eu quero ser mesmo é técnica em agroindústria não quero fazer faculdade de outras coisas só sobre alimentos e eu conversei com meu pai sentei e conversei ele deu prioridade pra faculdade só se for de alimentos ele perguntou se eu queria fazer porque aqui também vai vim a faculdade e essa escola é uma das melhores foi considerada da Bahia e é isso só.

Jf: Ah eu também interessei porque na minha cidade tem muita gente que veio pra cá aí sempre comentava que a escola era muito boa os professores muito bom aí interessei e fiz a prova passei e vim.

Mf: Eu também me interessei pelo curso também porque a minha irmã falou que a escola tinha um ensino muito bom que ela entrou aqui no ano passado aí eu me interessei mais.

Hf: Eu interessei por obrigação minha mãe me obrigou a vir pra cá falou pra mim vim e eu também achei a escola muito boa e minha prima também formou aqui no ano passado (1) e quase todo mundo do Distrito-A trabalha aqui e fala que a escola é boa e um amigo @ entre aspas@ também estudou aqui no ano passado e falou que a escola era boa.

Isadora inicia afirmando que ouvia muita gente falar sobre os cursos da escola, dizendo que eram muito bons e os professores também. Cita ainda que sua mãe a incentivou bastante, pois o curso de Agroindústria era novo e isso poderia fazer a diferença mais tarde, devido à falta de concorrência no mercado de trabalho. Além disso, Isadora se identifica bastante com a proposta do curso e isso a atraiu também. Em determinado momento da narrativa, Isadora deixa escapar que estava pensando em fazer o curso de agropecuária, mas o fator “novo” foi preponderante para a sua escolha, e, quando sua mãe argumentou, ela não pensou duas vezes, optando por Agroindústria. A escola já estava escolhida desde antes, mas esta não era a dúvida e sim o curso, que acabou prevalecendo pela expectativa de emprego gerada e pela afinidade posterior.

A influência da família foi preponderante para Geísa, mais precisamente de uma tia que trabalhava na Instituição, e que contribuía para o seu envolvimento na escola há algum tempo, despertando-lhe o interesse.

Laura quer ser técnica em Agroindústria e fazer curso superior na mesma área – alimentos. Além disso, a fama que a escola adquiriu em ser uma das melhores da região contribuiu extremamente para a sua escolha. Em consonância com as falas anteriores, Júlia, Márcia e Hebe também foram influenciadas pela fama de boa qualidade da escola e dos professores, porém, enquanto Márcia foi incentivada pela família, Hebe foi pressionada. Após entrar na escola, acabou gostando.

A distância da família e dos amigos, bem como a pressão sofrida no início do ano letivo, dificultaram a adaptação das jovens à sua nova realidade. Na tentativa de conhecer as experiências do grupo, o entrevistador propõe uma pergunta sobre como veem a escola (Passagem Opção pela escola, linhas 30 a 53):

Y: E vocês gostam de estudar aqui como vocês veem a escola?

?f: [eu gosto

?f: [eu gosto.

Jf: No começo eu não gostava não a adaptação foi meio complicada mas depois eu fui aprendendo a gostar

lf: dizem que aqui coloca muita pressão acho que toda escola tem isso né até quando cê vai entrar numa faculdade

Hf: [além da pressão também tem o fato de distância da casa da família

?f: [dos amigos

Gf: [é muito diferente cê tá numa escola só tem muita matéria que a gente não via na série do ensino fundamental mas é ótimo aqui.

Lf: Pra quem mora aqui em Distrito-A ou em Cidade-B não há tanta dificuldade como pra quem mora lá que deixa os pais e a família pra vim aqui e você não conhece nenhum local aqui não tem nem parentes (1) aqui vem mesmo pra estudar.

Mf: Então é isso que eu ia falar pra mim mesmo foi difícil porque assim pra ficar longe é mais difícil pra gente foi difícil no começo porque a gente ficava longe no primeiro semestre mesmo eu fiquei um mês sem ir em casa°

Jf: Além do colégio ser diferente ainda tinha o fato de sair longe da família, eh trinta e sete dias sem ir em casa foi os trinta e sete dias mais longe de minha vida, parece que não ia passar nunca, mas depois a gente acostuma (1) hoje mesmo eu fico um mês agora tranquilo

Mf: Lagora a gente já acostumou

As respostas parecem se misturar com as dificuldades de adaptação. Mesmo afirmando que já gostam da escola destacam sua difícil adaptação e a dificuldade encontrada em ficar longe dos pais, mães e amigos, bem como a pressão recebida ao chegar à escola.

Para Júlia a adaptação foi muito complicada e por isso diz que no começo não gostava, mas foi aprendendo a gostar. Essa adaptação complicada destacada por Júlia pode significar um pouco daquilo que Isadora relata, descrevendo que ouvia dizer que na escola tinha muita pressão²⁴. No entanto, considera isso normal e se justifica dizendo que até na faculdade se encontra isso. Hebe, em concordância com Isadora, ainda acrescenta a distância da família²⁵. Esses(as) jovens têm que sair de perto de suas famílias para morar em outra cidade ainda muito cedo, com quatorze ou quinze anos de idade, gerando uma mudança no estilo de vida.

O elevado número de disciplinas é questionado também por Geísa, como se, além de concordar com as colegas, acrescentasse-o ao rol de dificuldades apresentados, mas afirma também que mesmo assim gosta da escola. Já Laura, talvez por morar ali por perto mesmo, concorda plenamente com as dificuldades das colegas em ficar muito longe de casa, acrescentando que muitas dificuldades devem ser enfrentadas, pois o objetivo é estudar: “aqui vem mesmo pré estudar”.

A distância da família é um dado bastante enfatizado por esse grupo. Talvez seja por ser o primeiro ano que elas estão na instituição, e dessa forma a saudade e a dificuldade de adaptação se realçam, não dando muito lugar para analisar com maiores detalhes a impressão e as experiências na escola. Márcia e Júlia, por exemplo, dizem que o mais difícil mesmo foi ficar longe de casa, longe da família, conforme destaca Márcia: “no primeiro semestre eu fiquei um mês sem ir em casa”. Logo em seguida, Júlia

²⁴ Essa pressão destacada por Isadora se refere ao trote que é aplicado por alguns alunos e alunas nos alunos novatos, costumeiramente chamados de “calouros”, mas ela afirma que isso é normal, embora não goste, não a fará desistir ou não gostar da escola.

²⁵ Essa distância da família é uma situação sofrida por muitos(as) estudantes da escola, pois a sua característica de Instituição Técnica Profissionalizante desperta o interesse de jovens de mais de 20 cidades da região.

continua dizendo que “trinta e sete dias sem ir em casa foi os trinta e sete dias mais longe de minha vida, parece que não ia passar nunca”.

4.2.2 As relações de gênero na escola e na sociedade: “homem tem prioridade, mulher não”

As diferenças existentes entre os indivíduos do sexo masculino e feminino na instituição são evidenciadas por este grupo como algo que deve ser enfatizado. Algumas restrições impostas apenas às jovens as deixam, se não indignadas, no mínimo desconfiadas (Passagem Escola Agrotécnica, linhas 187 a 205):

Mf: └ mulher só pode ficar aqui até sete e meia. os meninos até que tem alguma coisa porque os meninos tem o centro de convivência e a quadra pra jogar e as meninas não tem nada as meninas ficam isoladas

Gf: └ só que aqui o machismo é o que reina se ali no centro de convivência se uma menina entrar ali meio dia meu Deus do céu o nome dela roda pela escola em dez minutos não existe nenhuma menina que entra

Mf: └ como se tivesse alguma coisa errada

Gf: └ não tem eu acho que não existe nenhuma menina que entra esse ano que entra no centro de convivência porque é assim praticamente masculino eh eu participo de uma chapa no Grêmio e uma das coisa que foi mais colocada foi isso o pessoal da escola falou muito no debate que o grêmio fez que deveria ter isso porque o centro de convivência é exclusivamente masculino as meninas não pode entrar lá não pode passar nem perto

Jf: └ a quadra meninas não pode mais jogar

Mf: └ jantou tem que subir pra o internato

If: └ igual o centro de convivência e a quadra assim deveria reservar um horário um dia as meninas um dia os meninos pra não ficar só os meninos entendeu,

Os papéis femininos e masculinos na instituição são bem claros, e nesta definição o prejuízo feminino é evidente. A exemplo disso podemos citar a ocupação de alguns espaços na escola, como o centro de convivência, a quadra, ou melhor, as quadras poliesportivas e os momentos noturnos.

Enquanto que os rapazes têm total liberdade em utilizar o centro de convivência, as quadras poliesportivas, inclusive nos horários noturnos; as moças não podem usufruir desta mesma liberdade, ficando obrigadas a criar oportunidades de lazer longe desses espaços, ou então ficarem isoladas.

nem aí; eu falo que eu tenho mais amigo homem do que mulher tenho mais convivência assim com homem, sento com colegas, sento, converso, resenho sei lá falo amanhã () eu sento com meu pai e falo o que está acontecendo na escola.

Gf: O problema é que aqui é muito machista porque a escola por ter um curso assim tipo assim mais de força entra mais homem que mulher então é uma cabeça num universo mais masculino então as meninas

?f: [nosso curso é o que tem mais mulheres

Gf: [então as meninas ficam um pouco mais de fora quando eu optei pelo curso também foi por isso porque eh eu tava que esse ia ser um curso que ia ter muitas meninas porque você não ia ter que usar muita força como é o curso de agropecuária era um curso novo e ia ser um pouco mais leve por isso que eu escolhi

Hf: [e também os meninos já saem com o emprego e as meninas; as meninas não têm chance

Lf: [porque nesse caso de mercado né nessa área de mercado não busca mais mulheres porque ainda tem aquela, o tipo masculino eh que homem acha que pode mais, que tem mais força que mulher

Hf: [e tem né

Lf: [e mulher tá cons- conseguindo mais né ter seu local

Jf: [e o curso que a gente tá fazendo também prova isso porque a gente não precisa usar a força a gente só precisa usar a cabeça.

A conclusão a que algumas jovens chegam é que por ser menina, não se pode brincar de jogar sinuca, pombolim ou até mesmo assistir à televisão, e esclarecem: “não é só os meninos”. Parece que na escola existem alguns papéis predefinidos para meninos e meninas, e que de uma forma ou de outra, esses papéis são internalizados pelos profissionais de tal forma que já não são questionados.

Geísa tenta localizar o problema esclarecendo que a escola tem um curso que exige mais força e por consequência entram mais homens do que mulheres. Ela conclui que é um universo mais masculino. Geísa se refere ao curso de Agropecuária, que, segundo ela, é um curso com características masculinas, exigindo bastante força para realizar as atividades que lhe são inerentes. Com base nestas convicções foi que Geísa escolheu o curso de Agroindústria, imaginando ser um curso com características mais femininas e que exigisse menos força.

Hebe acrescenta que no curso de Agropecuária “as meninas não tem chance”. Esta afirmação de Hebe diz respeito à sua percepção sobre o curso, pois acredita que as poucas meninas que fazem o curso de Agropecuária não conseguem ingressar no mercado de trabalho, apesar dos meninos já saírem com emprego. O próprio mercado de trabalho na área agropecuária é colocado como um motivo de não possuir mulheres engajadas nele, pois segundo Márcia este é um mercado que não busca mulheres, é um mercado no qual o tipo masculino prevalece. Neste sentido, elas tentam justificar

As discriminações entre homens e mulheres na escola ganham bastante ênfase na maioria das discussões e o grupo se sente na obrigação de denunciar a maneira discriminatória com que a mulher é tratada (Passagem Relações de Gênero na escola, linhas 424 a 460):

Y: e assim já que vocês já estão falando vocês poderiam falar como e ser homem e ser mulher aqui na escola?

Tds: [@ (4) @

Mf: [homem tem prioridade, mulher não

Lf: [homem tem tudo, mulher nada

Hf: [nos jogos mesmo que foram pra Cidade-H

Mf: [eh as mulheres treinavam todo dia aí fo- quando chegou no dia mulher não vai mais

Lf: [só vão os meninos

If: [a gente vinha treinar e deixava de estudar a prova deixava de estudar a prova pra ir treinar quando foi no último dia a gente não foi

Lf: [eu tenho eu tenho um conhecimento de uma escola que é a Agrotécnica de Manaus eu vi as fotos e o entrosamento das meninas com os meninos e tem muitas viagens deles que menina vai meninas jogam; ah os jogos das meninas dizem que o time das meninas é melhor que o dos meninos aqui não tem nada disso

Hf: [também se=se um=um menino andar com as meninas o menino é viado e se as meninas andarem com os meninos é sapatão @ é lésbica@

Tds: [@ (4) @

Mf: [se as meninas for jogar futebol é lésbica se as meninas for jogar futebol; se as meninas ir no no no centro de convivência as meninas não prestam

?f: [é lésbica é sapatão é piriguete

Lf: [eh ela é piriguete é da linha

Jf: [se dá osadia com os meninos se conversam com os meninos ah tá dando osadia

Lf: [é a ovelha negra é a ovelha negra

Mf: [a opinião da mulher aqui não vale não

If: [igual aquele ditado o homem que pega mulher demais é pegador agora a mulher que pega muito homem é piriguete

Tds: [@ (3) @

Gf: [aqui é assim se você se você conversar muito e namorar muito você é pegador você é piriguete se você não pegar ninguém cê é lésbica

Tds: [@ (4) @

Apesar de estarem a menos tempo na Instituição, as jovens já percebem a forma diferenciada de tratamento: “homem tem prioridade, mulher não”. O exemplo vem com a

não participação das mulheres nos Jogos²⁶, para os quais elas treinaram muito tempo, chegando, inclusive, a deixar de estudar para algumas provas. Esse mesmo grupo não vê nenhum problema na participação de mulheres e homens em viagens ou jogos, citando um exemplo de escola onde, segundo Laura, o “entrosamento das meninas com os meninos” acontece muito bem.

Embora este grupo não pareça estar dizendo tudo isso com muita convicção, porque seus comentários vêm acompanhados de muitos risos, os fatos citados são corroborados pela maioria que, quando não acrescenta, acaba concordando com as falas dos demais.

Neste sentido, as discriminações continuam se acentuando quando comentam sobre o fato de um indivíduo se encontrar com outro indivíduo do sexo oposto, como se isso não fosse possível. Os homens são tachados de “viado” e as mulheres de “sapatão” ou “lésbicas”. As atividades praticadas também são citadas como forma de tratamento diferenciado, e nessa linha as mulheres são as mais prejudicadas, pois se elas “for jogar futebol é lésbica”, e se entrar no centro de convivência “não prestam”.

O namoro que é citado por este grupo também nos mostra um exemplo de diferenciação, dando total liberdade aos meninos para namorarem à vontade, enquanto que para as meninas, essas não podem, pois não lhes são dados os mesmos direitos.

As expressões “viado”, “lésbicas” nos soam com um pouco de superficialidade, já que na maioria das vezes essas expressões vêm acompanhadas de risos, como se elas não dissessem isso com muita convicção, como se não vivenciassem essas situações. Entretanto, as atividades como jogar futebol e entrar no Centro de convivência aparecem como algo que deve ser enfatizado, principalmente porque já foi citado anteriormente por outros grupos como sendo atividades inerentes aos grupos masculinos, e nessas atividades as mulheres se sentem excluídas.

A prioridade concedida aos alunos do sexo masculino na instituição é notória, e as mulheres percebem isso e se indignam com a situação. Dessa forma as discriminações são enaltecidas e evidenciadas (Passagem Relações de Gênero na escola, linhas 478 a 495):

Mf: | aqui a
opinião da mulher nunca vale (2) se a mulher tem uma opinião e o
homem entra no meio é a que vale em todo lugar

²⁶ Os jogos citados pelo grupo é um evento que acontece todos os anos entre os *Campi* do Instituto Federal Baiano e que são intitulados de JEIF Baiano – Jogos Estudantis do Instituto Federal Baiano – envolvendo diversas modalidades esportivas e procurando incluir os sexos masculinos e femininos.

Jf: L aquele centro de convivência deveria mudar é **centro de convivência masculino**

Mf: L tinha que colocar masculino porque mulher nem pode passar perto

If: L a gente só freqüenta o centro de convivência quando Carlos leva

Mf: L à noite não se pode ficar aqui eles podem ficar aqui até dez e meia mulher tem que jantar e ir subir sendo que as meninas estão lá e estão isoladas

Gf: L e os meninos eles podem ficar aqui

Mf: L e a única coisa que as meninas tem a noite é uma televisão pra quatorze meninas

Tds: L @ (4) @

Mf: L aqui não aqui eles tem televisão eles tem som aqui embaixo eles tem DVD as meninas não tem DVD lá porque quebrou eh aqui eles tem o centro de convivência tem quadra eles podem descer pra guarita e menina não pode

A opinião feminina também é colocada em uma posição inferior à do homem. Márcia assim sintetiza, dizendo que as opiniões femininas não são valorizadas na instituição. Esse arranjo acaba por afirmar a cultura machista e dominante, na qual as mulheres se sentem acudadas e desanimadas para se posicionarem frente a um arcabouço masculino e que aparenta ser natural.

Em seguida Júlia relata a questão do centro de convivência que é voltado apenas para os homens, sendo que essa ideia é complementada e reafirmada por Márcia e Isadora. Márcia volta a falar das situações em que as jovens são discriminadas, citando os horários diferenciados que elas devem seguir, a falta de opções de lazer, que, quando existem, essas são exclusivas dos alunos, como o centro de convivência e a quadra.

As discriminações em relação ao curso de Agroindústria são muitas. Por suas características diferenciadas muitos outros tratamentos lhes são atribuídos como forma de traduzindo-se em discriminação. O modelo de “macho” que é evidenciado na instituição mais especificamente pelos jovens do curso de Agropecuária se contrapõe ao paradigma de comportamento do Curso de Agroindústria (Passagem Relações de Gênero na escola, linhas 496 a 519):

Lf: L uma coisa que eu ouço falar assim que Jean fala é que aqui na escola tem muito viado. mais eu nunca escutei falar assim aqui tem uma sapatão no mais assim entre vinte mulheres tem uma que gosta de mulher aqui eu até hoje não vi e se eu ver eu tô fora não é

Gf: L mas aqui o menino às vezes não é nem nada às vezes ele não é aquele menino machista que gosta de andar com os meninos de fazer aquelas bobagens aí por isso ele é viado só que ele não anda com aquela massa

Mf: | só porque ele não gosta de mexer (1) porque tem gente que gosta de pirraçar e tem gente que não tem. Marcelo mesmo nosso colega o o Marcelo ele não mexe com ninguém aí por isso a nossa turma é só de viado na nossa turma ninguém mexe com ninguém sabe, por isso a nossa turma é só de viado aí tem a turma A que gosta de mexer e entrar na vida de todo mundo

Gf: | um monte de gente machista grosseiro aí sim é macho

Mf: | um dia depois após eles cantando a música dos calouros pra gente

Jf: | eles são calouros eles são calouros e cantam pra gente então eles gostam de se mostrar eu acho porque eles são de um curso que

Hf: | que já tem tradição que já tá a muito tempo no colégio

Jf: | que já tem tradição no colégio que eles podem mexer com qualquer um

Lf: | nós somos a gayindústria

Mf: | é pra eles nós somos a gayindústria.

A identidade sexual dos alunos e alunas do curso de Agroindústria é questionada por aqueles que deveriam ser seus colegas – os (as) estudantes do curso de Agropecuária. Embora Laura tenha ouvido falar que na escola tem muito “viado” não é a mesma coisa que ela ouve em relação às meninas. Essas são preservadas no que diz respeito às suas identidades sexuais, diferentemente dos meninos. Para Geísa o conceito que é amplamente divulgado pelos (as) estudantes dos cursos de Agropecuária na instituição é o de que “macho” é aquele menino que “gosta de andar com os meninos, de fazer aquelas bobagens” do contrário ele é considerado “viado”. Márcia complementa dizendo que se o menino não gosta de “mexer” ou “pirraçar” as jovens é considerado “viado”.

Uma das razões da turma de Agroindústria ser discriminada diz respeito à forma diferenciada com que eles (as) se comportam. Por muito tempo o conceito de “macho” amplamente divulgado na instituição é de que macho é aquele menino que tem que andar com os seus pares, tem que mexer com as meninas, ser grosseiro, etc. Quem sair desse modelo fatalmente será classificado como diferente. Neste sentido, o curso de Agropecuária “já tem tradição” e acabam tachando “o outro” curso de “gayindústria” – nome que foi inventado por eles/as para dizerem que todos/as os/as estudantes do curso de Agroindústria são homossexuais.

A forma com que o outro é tratado evidencia a falta de tolerância e de compreensão dentro da Instituição. Além da própria condição de diferenciação do outro que deveria ser tratado como igual, devido principalmente às suas condições de alunos e alunas dentro do mesmo recinto, um outro conceito é denegrado e desvalorizado – o homossexualismo. Este por sua vez é colocado como uma forma de xingamento, de

depreciação, para que a pessoa que por esta expressão seja classificada se sinta desvalorizada.

4.2.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família: “Estudar é a porta a porta para ser feliz...”

Os projetos de futuro profissional se mostram bastante delineados para este grupo, pois além de dizerem que querem trabalhar ou continuar estudando, muitas já vislumbram até o curso superior no qual pretendem ingressar futuramente (Passagem Projetos de futuro, linhas 1214 a 1228):

Y: E assim o quê vocês eh eh vocês querem trabalhar depois que concluírem o curso ou pretendem continuar estudando?

Lf: eu quero trabalhar

Mf: eu pretendo estudar

Jf: eu quero fazer faculdade

Hf: mais tem gente que nem sempre quer fazer a faculdade de alimento; por exemplo, eu quero fazer a faculdade de Educação Física (1) mais Geísa quer fazer de alimentos

Jf: a maioria vem pra essa escola aqui com o intuito de de seguir () que o ensino médio aqui que é muito bom também então

Mf: o ensino daqui é muito bom

Lf: eu também quero fazer engenharia de alimentos por ser assim eu trabalhar na na empresa na firma vai ser de (1) na na vou passar mais eh monitorando tudo (1) só tá mais olhado por cima das coisas não vai ter mais trabalho pesado assim na empresa (4)

No campo profissional elas são bastante decididas, esclarecendo que querem trabalhar, sendo que a maioria já se decidiu inclusive por fazer um curso superior e em qual área fazer. O que se observa é que mesmo estando no início do curso (1º Ano) elas já se sentem seguras do que querem para o seu futuro profissional.

Trabalhar, estudar ou fazer faculdade, o fato é que todas já se decidiram por fazer alguma coisa no futuro. As jovens desse grupo pretendem continuar estudando para poder trabalhar na área ou fazer um vestibular. Embora Geísa não tenha relatado tal fato, Hebe acaba deixando escapar a sua preferência: “Geísa quer fazer alimentos”. Percebe-se assim a importância que dão ao ensino médio integrado como uma forma de ingresso ao ensino superior e ao mundo do trabalho, ressaltando sua qualidade na Instituição: “o ensino daqui é muito bom”.

As jovens conseguem assim, vislumbrar um futuro promissor a partir de suas expectativas quanto ao ensino que recebem. Além de terem certeza de que querem estudar ou trabalhar, muitas já optaram por algumas profissões, tais como seguir na própria área do curso de Agroindústria, que elas relatam ser na área de “alimentos”, “engenharia de alimentos” e outros um pouco distantes da área em questão, como Educação Física.

Em relação ao futuro pessoal as jovens pensam em casamento e filhos. No entanto, veem essas possibilidades como uma responsabilidade social, uma obrigação, que deve ser realizada apenas depois de se divertirem muito (Passagem Projetos de futuro, linhas 1229 a 1261):

Y: E:: e assim pessoalmente vocês pretendem casar:: ter filhos?
Mf: Eu pretendo
Gf: L namorar e se divertir bastante depois casar
Hf: L casar depois ter filhos porque casamento só dá dor de cabeça
If: L eu sempre falo, mãinha fica falando não sei o quê lá de casamento ah porque cê não namora, aí eu falo que a primeira coisa que eu quero fazer na vida é estudar ter minhas coisas ter minha casa ter tudo pra depois pensar em casamento
Gf: L cê tem que se divertir curtir sua juventude primeiro namorar namorar namorar, depois cê casa e depois ter filho
Mf: L um exemplo
Hf: L e tem menina também que só casa que engravida
Jf: L minha tia mesmo tem uma visão negra sobre o casamento olha só o primeiro casamento é ilusão o segundo já burrice então @
Mf: ó tem um exemplo mesmo uma colega nossa Jéssica ela saiu daqui ela desistiu do que ela queria pra casar
Jf: L mas já tava grávida
Jf: L novinha nem estudou nem nada
Mf: L ela é mais nova que eu, ela tem quinze anos
Gf: L e também os pais deixam as meninas muito novas namorar é isso uma coisa @ você tem que namorar depois que você tiver cabeça pra namorar (1) às vezes a mãe deixa a filha namorar com treze quatorze anos com quinze ela engravida tem que casar perde; isso porque é muito difícil depois que::: você; depois que; casar depois que ter filho cê cê voltar a estudar é muito difícil. Depois que você casa a vida é totalmente diferente do que era antes
Mf: L a minha mãe sempre falou que a minha mãe ela não não concluiu o curso o:: ensino médio aí depois que ela que ela casou que ela concluiu e aí ela fez a o coisa de medicina também
Lf: L eu tenho dois anos de namoro mais eu não penso em casar por agora não se ele querer bem né,

Namorar, se divertir, curtir a juventude e estudar são algumas das proposições trazidas pelas jovens antes de se casarem ou terem filhos. O casamento se apresenta para estas jovens como uma obrigação que, não deve deixar de ser cumprida. Entretanto, antes disso, deve-se aproveitar ao máximo as várias oportunidades que a vida oferece. Essa visão de que o lazer e a diversão terminam após o casamento perpassa por todas as jovens; casar para elas é algo que “infelizmente” vai acontecer de uma forma ou de outra e vai pôr um ponto final em todos os seus sonhos de jovens.

Hebe cita um exemplo em que o casamento prematuro pode pôr fim aos sonhos de juventude, quando diz que tem menina que só casa porque engravida. Além disso, algumas influências de pessoas mais velhas e mais experientes acabam alimentando essa visão pessimista de casamento. Júlia declara o que pensa sua tia a esse respeito: “O primeiro casamento é uma ilusão o segundo já é burrice”.

O exemplo de casamento por gravidez é lembrado com tanta veemência porque aconteceu justamente com uma de suas colegas – Jéssica – que foi obrigada a abandonar os estudos devido a uma gravidez precoce, com apenas quinze anos. Talvez pelas baixas condições financeiras dessas meninas ou pela falta de informação, elas acabam abandonando a escola e outros sonhos, pois uma gravidez nessa idade mexe-lhes com a estabilidade emocional. Muitas vezes elas não têm o apoio dos pais, aumentando a preocupação delas.

A educação dos filhos é algo que não deve de forma alguma ser deixado de lado, pois é o único caminho possível, segundo as jovens, para um futuro promissor, não havendo outras opções de prosperidade (Passagem Projetos de futuro, linhas 1279 a 1305):

Y: E como vocês pretendem educar os filhos de vocês?

Gf: Pressão @

Hf: | pressão @ ou estudar

Lf: | jamais o que minha mãe fez comigo
jamais o que minha mãe fez comigo porque quando eu não aprendia
minha mãe descia a pancada pensando que eu não sabia mas é
porque:: eu tinha dificuldade

Hf: | ele tem du- tem duas dois caminhos ou estuda ou morre

Lf: | ou então vai pra
fora de casa pra fora de casa

Gf: | ou estuda ou estuda

Tds: | @ (2)@

Gf: | tem três opções ou estuda ou
estuda ou morre @

Lf: Mais sem brincadeira eu falei estudar porque eu tive a prioridade e
quero que ele também tenha prioridade nos estudos

Gf: | estudar é a porta é a porta pra ser ser
feliz é estudar

Hf: | ser alguém na vida
If: | porque tudo tudo que você faz na vida é consequência do estudo porque sem o estudo você não tem nada tudo se você quer alguma coisa na vida é que você só consegue com estudo o estudo te dar tudo
Hf: | até gari tem que ter o:::o
Mf: | estudo
Lf: | o meu avô fala fala que um tio meu parou de estudar pra namorar o outro continuou estudando hoje é padre e o meu pai (1) tem emprego.
Hf: Hoje é assim ou você ganha na loteria ou você estuda
Tds: | @ (3) @

As elaborações iniciais do grupo parecem seguir em tom de brincadeiras, pois as alunas não parecem levar a sério a questão de educar os filhos, uma vez que são muito jovens e veem essa realidade ainda muito distante. Entretanto, mesmo entre alguns risos, todas definem como importante a possibilidade de manterem seus filhos estudando.

Um dado interessante é que elas atribuem à educação dos filhos como uma obrigação apenas da escola. Além disso, concebem a educação geral como sendo apenas a escolar e dão uma grande importância a ela, tal como nos relata Geísa: “estudar é a porta é a porta para ser feliz”; e, logo em seguida, Hebe reforça dizendo que estudar é necessário para “ser alguém na vida”.

Não estamos afirmando que estudar não seja importante, ou que a escolarização não tenha sentido nenhum, muito pelo contrário, entendemos também que os estudos podem, sim, elevar o grau de conhecimento dos(as) jovens, bem como contribuir decisivamente para o ingresso no mundo do trabalho e para a formação de pessoas críticas, humanas e conscientes de sua situação no mundo. Contudo, nossa crítica se aplica à redução da educação como dever apenas da escola, como se a família ou outras instituições, não fizessem parte desse legado também.

Numa pergunta feita pelo entrevistador, na tentativa de elucidar a educação que é dada pela família, este tenta extrair, na perspectiva das jovens, as suas posições a respeito de quem educa melhor: o homem ou a mulher. Neste sentido as jovens tentam em suas narrativas não serem injustas nem com um nem com outro, apesar de muitas vezes diferenciarem a educação do pai e da mãe (Passagem Projetos de futuro, linhas 1314 a 1339):

Y: Quem é que leva mais jeito pra educar uma criança o homem ou a mulher?
Tds: Os dois porque um complementa o outro
Lf: | o pai é mais rigoroso é mais rigoroso o pai põe pressão e a mãe ensina

O que prevalece na discussão é a ideia de complementação do pai e da mãe na educação dos filhos e filhas, mesmo apresentando pequenas diferenças nas atitudes, a contribuição de cada um, pai ou mãe, é evidenciada. Percebemos assim que não existe um papel predeterminado para um ou outro, o que existe são contextos e formas de educação diferenciadas.

CAPÍTULO V

OS GRUPOS MASCULINOS

5.1 Grupo Vitória (3º ano, do curso Técnico em Agropecuária)

Aos vinte um dias do mês de novembro de dois mil e oito, no Auditório da EFAJIT, realizou-se um grupo de discussão. Participaram seis estudantes do sexo masculino da 3ª série do curso Técnico em Agropecuária. A discussão durou quarenta e nove minutos e vinte e oito segundos.

Am (André) tem 18 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Caculé – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou os estudos e nem repetiu o ano. Sua mãe possui o ensino médio completo, é agente de saúde e ganha R\$ 480,00 por mês. Seu pai possui o ensino médio incompleto, é carpinteiro e ganha R\$ 300,00 por mês. André pretende trabalhar e continuar estudando para prestar o vestibular para Farmácia. No momento atual estuda e seu lazer preferido é “jogar futebol”. Não faz parte de nenhum grupo ou associação.

Bm (Bruno) tem 18 anos, cursa a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, declarou ser de cor/etnia parda, religião evangélica, natural de Guanambi – BA e mora na cidade de Candiba – BA. Nunca trabalhou, mas está procurando emprego, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou os estudos e nem repetiu o ano. Sua mãe possui o ensino fundamental completo, é lavradora e ganha cerca de R\$ 500,00 por mês. Seu pai possui o ensino médio incompleto, é lavrador e ganha cerca de R\$ 500,00 por mês. Quando concluir o curso Bruno pretende trabalhar e continuar estudando. Para isso tentará o vestibular na área de Engenharia Civil. No momento estuda e seu lazer preferido é ouvir música. Não frequenta nenhum grupo ou associação.

Cm (Caio) tem 18 anos, frequenta a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, declarou ser de cor/etnia negra, religião católica, natural de Mutans, Distrito de Guanambi – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou os estudos e tampouco foi reprovado. Sua mãe possui o ensino fundamental incompleto, é lavradora e ganha cerca de R\$ 250,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é lavrador e ganha cerca de R\$ 500,00 por mês. Caio pretende

trabalhar e também quer tentar o vestibular para Agronomia. No momento estuda e seu lazer preferido é “jogar bola”. Não faz parte de nenhum grupo ou associação.

Dm (Danilo) tem 18 anos, estuda na 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, declarou ser de cor/etnia negra, de religião católica, natural de Caculé – BA e mora em Tauape, distrito de Licínio de Almeida – BA. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou os estudos ou foi reprovado. Sua mãe possui o ensino superior incompleto, é professora e ganha R\$ 430,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é lavrador e ganha cerca de R\$ 300,00 por mês. Danilo pretende continuar estudando, para isso tentará o vestibular, cujo curso pretendido é Agronomia. No momento estuda e seu lazer preferido é participar de festas.

Em (Eduardo) tem 17 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Carinhanha – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou os estudos e nem repetiu o ano. Sua mãe possui o ensino médio, é professora e ganha R\$ 350,00 por mês. Seu pai possui o ensino médio completo, é lavrador e ganha R\$ 350,00 por mês. Eduardo pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular para Direito ou Engenharia Civil. Atualmente estuda e seu lazer preferido é “namorar”. Não faz parte de nenhum grupo ou associação.

Fm (Fábio) tem 18 anos, estuda a 3ª série do curso Técnico em Agropecuária, de cor/etnia branca, religião católica, natural de Condeúba – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou a escola e nem foi reprovado. Sua mãe possui o ensino fundamental incompleto, é agricultora e ganha R\$ 400,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é agricultor e ganha R\$ 400,00 por mês. Fábio pretende continuar estudando e prestar vestibular para Direito. No momento estuda e seu lazer preferido é música. Não faz parte de nenhum grupo ou associação.

5.1.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJT) e pelo curso de Agropecuária: “... a maior importância, a grande importância que a escola teve pra mim foi me ensinar a andar com minhas próprias pernas...”

A busca por um Ensino Médio de qualidade como preparação para o vestibular, a relação com o campo, isto é, com a zona rural, além da vontade de viver sozinho, a fim de adquirir mais responsabilidade e liberdade, são alguns dos motivos que incentivaram este grupo a optar por esta escola (Passagem Escola Agrotécnica, linhas 01 a 26):

Y: Gostaria de saber se vocês poderiam falar um pouco sobre a escolha do curso e por que resolveram estudar aqui na Escola; Agrotécnica de Guanambi?

Am: Bem, vou começar falando assim Y (1) porque eu mesmo no meu caso (1) entendeu, (1)foi por falta de opção, entendeu, na minha cidade não tinha escola ao nível desta aí eu (1) eu optei pela escola Agrotécnica entendeu, pois até porque eu não entendo nada quando eu entrei aqui eu não entendia nada sobre=sobre=sobre o meio rural (1) mais (1) meu objetivo mesmo só era o médio (2)

Bm: Bem, eu=eu quando eu vim pra cá eu já tinha uma idéia mais ou menos como é que era né, já sou da=da zona rural aí então pra mim eu escolhi assim porque eu achei que tinha mais a ver comigo assim aí eu resolvi optar pelo curso de Agropecuária.

Cm: No meu caso também eu optei porque eu tinha(1) alguma coisa a ver assim com a zona rural eu gosto né, meu pai criando animais() pai de família (1) eu optei por causa disso também já=já vivia muito na roça assim já e é isso.

Dm: Eu vim por causa de um incentivo do me- que eu tinha um irmão que estudou aqui(1) e também era da zona rural tinha eh e queria assim saber mais eh sobre zona rural e tal(1) que é no caso agri- agricultura e zootecnia e foi o curso que eu interessei que é agropecuária.

Em: Eu entrei mesmo foi por incentivo dos meus irmãos né os dois já estudavam aqui e também por causa do ensino que é bom(1) o ensino médio principalmente (2)

Fm: Ao vim pra cá não sabia assim ao certo(1) eh não tinha conhecimento a respeito ainda da=da instituição(1) a saída de casa mesmo foi por=por querer ir atrás de=de um ensino de melhor qualidade(1) mais foi também por pela questão de sair de casa e também aprender a viver um pouco mais só ter um pouco mais uma certa liberdade e também adquirir mais responsabilidade(1) e=e quando eu cheguei ao chegar aqui eu percebi também eu gostei da instituição gostei do curso e não me arrependo de ter vindo para cá.

Num primeiro momento percebemos a preocupação dos alunos em relação a uma melhor preparação para o vestibular, destacando o baixo nível das Instituições de ensino médio na região. Para André a falta de opção de um ensino médio de qualidade foi um

dos principais motivos para a escolha do curso, uma vez que, segundo ele, na sua cidade não havia um curso com um nível tão bom quanto o da “Agrotécnica”. Praticamente nesta mesma linha de pensamento se deu a escolha de Eduardo, pois queria um ensino médio bom, sendo bastante influenciado por seus irmãos.

Num segundo momento, o interesse dos alunos pela zona rural é destacado, bem como a afinidade com o curso Técnico em Agropecuária. Enquanto André e Eduardo destacam o ensino médio de qualidade, Bruno, Caio e Danilo enfatizam a escolha pelo curso Agropecuária em função da relação que já tinham com a zona rural e a importância de aprofundarem os conhecimentos no ramo da agropecuária.

Já Fábio, embora cite a busca por um ensino de melhor qualidade, esclarece que o que mais o motivou a vir para a EAFAJT foi o fato de sair de casa em busca de mais liberdade e responsabilidade, para “aprender a viver um pouco mais, só ter um pouco mais uma certa liberdade e também adquirir uma certa responsabilidade”.

Tal como já mencionado pelos grupos femininos, o ensino médio de qualidade e a formação de técnicos para o mercado de trabalho são alguns dos motivos para a escolha da EAFAJT e que correspondem aos objetivos da instituição. Procurando compreender o que o grupo pensa sobre os conteúdos e temas abordados durante a formação, o entrevistador introduz uma pergunta sobre a questão (Passagem Escola Agrotécnica, linhas 37 a 58):

Y: O que vocês pensam sobre os conteúdos ensinados aqui na escola (1) quais são os temas assim que vocês consideram mais importantes?

Am: No caso em relação ao técnico mesmo.

Y: Em geral.

Am: Pra escola mesmo pra quem na minha opinião pra quem quer exercer o curso entendeu, o que tem mais importância mesmo é agricultura e zootecnia(1) no caso do=do médio(1) no caso da matéria eu acho o= o no caso a matéria né, a matéria importante eu acho biologia física e química (3)

Bm: Nos dois casos a escola tem potencial né, pá=pá

Cm: Eu já acho assim que a escola é para formar técnico né, cada pessoa tem que optar por um objetivo que o ensino médio aqui é muito(1) bastante avançado né, em relação a=a outras escolas(1) e isso aí.

Fm: Eu acho o seguinte a escola agrotécnica antigamente(1)eu não considero que ela a importância que ela teve pra mim como agora nesse ao terminar este curso aqui não é nem pela questão do conteúdo didático que eu obtive ao ter vindo pra cá mais pelo fato de=de os professores eles fa- fazer com que a gente perceba o quanto é importante a gente ter que ir atrás de alguma coisa(1) és algumas vezes por exemplo és pod- deixaram ê:: de ensinar algo mas pelo menos és disseram ou tentaram no=nos mostrar como chegar a tal objetivo. Então a maior importância, a grande importância que a escola teve pra mim foi me ensinar a andar com minhas próprias pernas não(1) me mostrar que

eu posso aprender algo sem a necessidade de ter que um professor tá na minha frente pra me ensinar(1) eu posso ir atrás de algo(1) só (3)

Segundo André, Bruno e Caio, embora o objetivo da escola seja a formação de técnicos, o ensino médio é muito avançado, cabendo a cada um escolher o que realmente quer fazer. Desta forma, eles destacam tanto os conteúdos relacionados à área técnica, quanto os conteúdos teóricos, apesar de ficar claro que o importante é se preparar para o vestibular, uma vez que, esclarecem eles, embora a função da escola seja a formação de profissionais para o mercado de trabalho, destaca-se a superioridade do ensino médio em relação às outras escolas.

Entretanto, Fábio foge um pouco a essa interpretação já que deixa bem claro que o mais importante para ele não é o conteúdo didático que obteve, mas sim o que aprendeu e que vai carregar consigo para a vida inteira, ou seja, as experiências de vida. A escola o fez perceber “o quanto é importante a gente ter que ir atrás de alguma coisa”, acrescentando: “a maior importância, a grande importância que a escola teve pra mim foi me ensinar a andar com as próprias pernas; não (1) me mostrar que eu posso aprender algo sem a necessidade de ter que um professor tá na minha frente pra me ensinar...”.

5.1.2 As relações de gênero na escola e na sociedade: “... o homem sempre tem::: a liberdade né, muito mais liberdade que a mulher né,”

Ser homem na instituição é gozar de maior liberdade, se apresentar com determinada superioridade em relação às mulheres. Esses são os valores percebidos pelos jovens do grupo Vitória quando são indagados sobre como é ser homem ou como é ser mulher na escola (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 163 a 183):

Y: Vocês poderiam falar um pouco sobre como é ser homem ou como é ser mulher aqui na escola?

Am: É né, mo:::ço.

?m: Mo:::ço.

Em: Ser homem aqui é ter mais liberdade né.

Am: O homem no caso o homem sempre tem::: a liberdade né, muito mais liberdade que a mulher né,

?m: Laqui na escola.

Am: Aqui na escola, no caso né, (1) é::: o homem(1) nu:::m sei(1) mais sobre em rela- em relação a gente assim (1) o convívio nosso dos alunos e alunas(1) o homem impõe mais um uma superioridade entendeu? (1) cê me entende. (2) Uma superioridade em relação a mulher(1) não que

a mulher seja discriminada não:: a mulher também tem a voz entendeu, aqui.

Em: Principalmente porque é escola agrotécnica né.

Cm: Igual aqui(1) que os homens podem sair a hora que quiser assim dormir °a hora que quiser acordar: ° E as mulheres não(1) só a partir de cinco e meia(1) só pra vir tomar o café aqui e voltar lá pra cima

Dm: É bastante limitado o tempo delas aqui(1) a partir da:::s cinco horas cinco e meia.

Cm: Pode vir no máximo vir fazer uma ligação aqui e voltar.

Am: Eu não falo porque elas também são minoria né,(7)

A forma como os jovens reagem à pergunta “É né, mo:::ço”, parece denunciar claramente que existe algo de incomum na instituição em relação a isso, que logo em seguida é explicitado, como algo que não deveria ser assim, embora exista uma certa discordância entre os próprios membros do grupo. Segundo os jovens, o homem tem sim mais liberdade que as mulheres, chegando a gozar inclusive de uma certa superioridade em relação a elas.

Apesar de admitirem a existência de uma superioridade masculina na escola, André esclarece que não se trata de discriminação, tratando-se de algo praticamente natural, que é explicado logo em seguida por Eduardo da seguinte forma: “Principalmente porque é escola agrotécnica, né.” A situação apresenta-se inicialmente um pouco desconfortável. Entretanto, o fato de estarem em uma escola agrotécnica parece confortá-los um pouco, como se nesta instituição a superioridade masculina estivesse justificada.

Muitos exemplos são citados pelo grupo para ilustrar a forma como as mulheres são tratadas na instituição, tais como: os homens podem sair, dormir e acordar a hora que quiserem, já as mulheres não podem fazer o mesmo e o tempo delas é sempre limitado, não podendo inclusive fazer uma telefonema²⁷, pois não existe tempo nem autorização para isso. André conclui concordando de certa forma com a situação ruim em que as jovens se encontram, como se eles não pudessem fazer muita coisa sobre a situação. Apesar de estarem conscientes dela, tenta explicar mais uma vez ressaltando o baixo número de moças matriculadas na escola: “... também são minoria né,”.

O fato de mulheres estudarem na escola é visto pelo grupo como positivo, mas os jovens esclarecem que as moças não têm muito interesse na área técnica (agricultura e zootecnia). No entanto, com a criação de novos cursos o número de mulheres está aumentando (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 184 a 201):

²⁷ Os alojamentos femininos se situam numa direção oposta ao único telefone público existente, que se localiza na entrada da escola. Como as jovens têm que se recolher aos alojamentos a partir das 19:30h, essas ficam impossibilitadas de realizarem uma ligação telefônica, por não terem autorização para tal.

Y: O que vocês acham de ter mulher estudando aqui na escola?

Am: @Bom:::??@ aí::: @ é bom::: @ () diversifica mais (1)

Dm: Geralmente a escola (1) um nível mais alto de homens (1) que é escola técnica, eu acho que as mulheres não se interessam muito com a parte técnica que é agricultura e zootecnia(1) aí já vem.

Am: Mesmo assim eh de acordo com o passar do tempo (1) dos anos agora (1) o aumento das mulheres aqui na escola (1) tá se tornando bem:: favorável.

Dm: Em 2006 mesmo (1) era pouco o nível de mulheres na escola tinha(1) quatro numa sala(1)

Am: Eh principalmente mulher bonita, né @(2)@

?m: @eh@

Em: Tá abrindo novos cursos né também (1)

?m: Eh:::

?m: Eh:::

Cm: Nesses três anos vai ter mais mulheres do que homem (1)

Am: Mesmo pelo fato de uma mulher mesmo vir (1) ter experiência de estudar aqui e=e passar pra: outras pessoas de sua cidade entendeu, (1) aí: as outras pessoas também se interessam e quer(1) sentir essa experiência e: (1) acaba e acaba sendo assim ().

Entrecortados por risos, André concorda com a permanência de mulheres na instituição, dizendo que isso é bom para a diversidade. Contudo seus risos denunciam o que ele aparenta acreditar, que a presença de mulheres numa escola agrotécnica não tem sentido. Essa assertiva é complementada por Danilo, dizendo que as mulheres não se interessam pela parte técnica, ou seja, as atividades de agricultura e zootecnia, segundo ele, essas atividades dizem respeito apenas aos homens, e que as mulheres não estariam interessadas nesta área.

Todavia, a percepção do aumento do número de mulheres na instituição é notória, e essa situação é atribuída aos novos cursos que estão surgindo. O número de mulheres na escola já foi bem menor do que o existente hoje, e, segundo os jovens, esses números tendem a aumentar à medida que novos cursos vão surgindo.

As diferenças entre o sexo feminino e masculino na escola são visíveis e são destacadas pelos jovens. Inicialmente, essas diferenças são justificadas pela educação recebida na família desde a infância. Em seguida surge uma nova visão que é colocada como solução para essas diferenças na escola (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 202 a 232):

Y: E:: na opinião de vocês existem diferenças entre jovens do sexo feminino e masculino(1) eh acham que a vida é diferente para rapazes e moças? Por quê?

Am: Claro.

?m: Acho que sim.

?m: É meio difícil falar, né.

Am: Eh:: em relação a tudo(1) né, a liberdade (2) homem tem mais liberdade que a mulher(1) desde=desde a=a infância que os pais

educam(1) o pai sempre dá mais liberdade ao homem(1) o pai e a mãe sempre- o homem () quando o homem chega na=na adolescência(1) pra sair pra festa(1) o homem já sai com mais frequência já a mulher é mais presa(1) mais caseira entendeu?

?m: [mais caseira.

Fm: E assim: no contexto aqui da escola (1) é lógico, (1) muito visível essa diferença que tem entre masculino e o feminino. as meninas por exemplo elas são mais limitadas: a=a questão de horário pra sair(1) pra tá circulando na escola(1) a partir da=das sete elas já devem tá no internato não podem sair(1) () por exemplo cá:: os meninos não os meninos já tem uma liberdade maior () pode sair aí na escola pode: dá umas voltas na escola sem maiores problemas; então: as meninas elas sempre: lógico; que- a escola; é tem devia mudar a percepção disso aí:: eu acho que assim a maioria do pessoal que vem pra cá (1) tem:: se não tem uma certa maturidade então a escola deveria atuar nisso aí pra(1) transmitir(1) () fazer com que: as meninas ficassem: mais educadas com relação a isso aí; que o maior medo da escola é: o contato que: as meninas poderiam ter com os meninos aqui em baixo; então eu acho- que esse- se houvesse eu acho que esses limites: eles são muito: até prejudicial: e a escola deveria atuar na:: educação dessas meninas aí: e dos próprios meninos em ta: falando explicando: qual o motivo de não tá deix- limitando as meninas ao sair daqui do internato e não(.)prender e não falar porque que é.

Am: Tipo assim: é:: uma maneira de=de poder gerar essa tal educação poderia dá palestra entendeu? (relacionamento) relação a droga a sexualidade entendeu? Até o convívio do homem com a mulher; isso dá mais liberdade e:: faz:: responsabilidade

Fm: [e até mais responsabilidade né (7)

?m: É isso

André inicia afirmando enfaticamente que existem diferenças: “claro”. A forma como responde à pergunta deixa transparecer uma certa concordância de que uma pergunta destas não precisava vir respondida detalhadamente por se tratar de um aspecto lógico. O quesito “liberdade” parece ser o mais importante para explicar essas diferenças, e para isso André vai até a infância, passando pela adolescência para esclarecer que os pais têm uma grande parcela de responsabilidade nesta situação. Os pais, desde a infância, concedem maior liberdade aos meninos, permitindo-os saírem para festas, enquanto as meninas são mantidas em casa. Neste sentido, André explica que esse problema já vem de longe, e que dificilmente irá mudar, pois a educação que é dada aos filhos por seus pais e mães já é para a liberdade do homem e para a prisão da mulher, e parece que isso se prolonga na instituição em comum acordo com seus pais.

Em seguida Fábio tenta esclarecer o que viria a ser “lógico” no contexto da escola. Essa afirmação deixa transparecer que ele não concorda totalmente com a posição de que as mulheres devam ser privadas de liberdade, isto é, em outros contextos a mulher tem tanta liberdade quanto o homem. Entretanto, na escola, essa liberdade é esvaecida. Um ponto deve ser destacado. É que Fábio reconhece perfeitamente a maneira repressiva com que as mulheres estão sendo tratadas na escola e vai mais longe,

dizendo que a escola devia mudar essa concepção, ou seja, ao invés de reprimir, deveria educar. Para Fábio essa situação não deveria nem existir, ou se existisse, deveria ser no sentido de educar, através de campanhas de conscientização e mobilização da comunidade escolar para se tentar sanar esses problemas.

Segundo Fábio a escola tem medo em relação ao que poderia acontecer se acontecesse o contato das meninas com os meninos em outros momentos que não fosse o escolar. No entanto, o que deveria estar vindo da escola é a sugestão de que a solução para isso é o diálogo e não a repressão, sendo que deveria pelo menos explicar o porquê de mantê-las com menos liberdade.

Ao propor uma pergunta sobre como veem as diferenças de gênero na comunidade, as posições divergem um pouco em relação ao que percebem na instituição. Parece que na sociedade as coisas estão um pouco além do que eles aprendem na escola (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 233 a 246):

Y: E assim: como:: veem isso na comunidade (3) como veem isso na comunidade como um todo?

Am: Eh como sempre né a comunidade sempre né tem=tem a=a ilusão de criticar né (1) os jovens.

Fm: Já na minha opinião o contexto aqui é diferente como eu acabei de dizer mais:: já:: fora daqui dos limites da escola eu percebo que já existe um=uma igualdade entre os gêneros a mulher e o homem eh você pode ver que as mulheres com- ao longo do tempo aí elas con=conquistaram mais liberdade () às vezes você vê eh comumente você tá vendo mulheres aí ((arrastam a cadeira))

?m: |exercendo função de homens.

Fm: De homens né então cê num:: eh:: vários tabus aí já foram quebrados com relação ao cargo por exemplo que a mulher poderia ocupar; eu já percebo que já existe mais igualdade entre homem e mulher e: a tendência é essa desse preconceito acabar à medida que o tempo passa (5) é isso (1)

O contexto exterior ao da escola nos mostra uma disputa mais saudável. Para Fábio, o que acontece entre os homens e as mulheres se mostra muito mais igualitário fora do que dentro da escola. Esclarece que as mulheres já conquistaram bastante espaço e já quebraram muitos tabus para que a sua voz pudesse ser ouvida, inclusive assumindo cargos.

Embora seja colocado em algum momento do discurso que as mulheres estariam assumindo algumas funções “de homens”, transparecendo que são consideradas como intrusas em um meio não pertencente a elas e, ao mesmo tempo, disputando com eles na sociedade em condições de igualdade, Fábio tenta amenizar o discurso dando um tom de maturidade e respeito, apostando na tendência do fim do preconceito: “... a tendência é essa desse preconceito acabar à medida que o tempo passa...”.

O discurso da igualdade está presente nas falas do grupo, mas, em muitos momentos, eles próprios se traem, mesmo que involuntariamente, ao tentar igualar a situação entre mulheres e homens (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 247 a 277):

Y: E assim; como vocês veem aí:: o papel do homem e da mulher no local de trabalho futuro (1) ou seja, como é que vocês veem esse papel do homem e como vocês veem o papel da mulher ((barulho)) nesse mercado de trabalho futuro?

Am: Tirando como modelo; o presente eu vejo que tende a manter uma igualdade como meu colega Fm disse né; manter um:: igualar a mulher e o homem em relação ao trabalho mulher=mulher pode=pode eh ocupar eh exercer as práticas de trabalho que um homem e o homem também muito bem sem preconceito nenhum poderia exercer as práticas que uma mulher exerce e=em su=a casa entendeu,

Em: É certo que alguns=algumas funções que o homem faz que a mulher não pode fazer devido a parte física né:: algum serviço pesado assim

?m: É e já tem alguns casos também que a mulher faz que o homem não pode fazer e que a mulher faz entendeu?

Y: Como assim?

Bm: Mais cuidado.

Am: A mulher é mais delicada que o homem

Bm: É::

Am: Tem mais jeito pra fazer algumas coisas; até mesmo você pode perceber (1) o nascimento de um filho (1) cê percebe que o filho tá chorando muito(1) num berço assim cê vê que quando o pai levanta e vai pegá

Cm: É sem jeito pra pegá.

Am: É sem jeito de pegar o filho tudo e a mulher tem mai-cê pensa quando a mulher; encosto- coloco- um filho encostou um filho assim no braço da mãe cê percebe que ele acalma mais entendeu? Jamais; pú-sei lá:: instinto (3)

Dm: No caso eu acho o homem pode exercer a mesma função que a mulher pode fazer e a mulher pode fazer a mesma função que o homem pode fazer exceto algumas funções física né que a mulher é bem mais fraca; que o homem; em relação

?m: É limitada

Dm: É: em relação a algumas cargos assim.

Am: Mas o ideal é que mantenha (1) sempre(1) ()

Em: Mas de qualquer forma vai ficar sempre equilibrado né.

Cm: e com o passar do tempo vai acabar se equilibrando (3)

André tenta concordar com o discurso do seu colega Fábio feito anteriormente, inclinando-se para a igualdade entre os gêneros. No entanto, ao exemplificar que a mulher pode fazer o mesmo que o homem faz no mercado de trabalho e vice-versa, a palavra “preconceito” surge apenas quando o homem é citado como podendo “exercer as práticas que a mulher exerce”. Observamos que as mulheres podem exercer tranquilamente as atividades masculinas, mesmo se suas “forças” não derem conta. Entretanto, os homens para exercerem essas atividades não se sentem confortáveis para

tal, uma vez que a expressão “sem preconceito” é citada como uma maneira de reforçar que existe o preconceito para este exercício, mas pode ser amenizado.

Embora o grupo tente acenar para uma igualdade entre os sexos no mercado de trabalho, os seus discursos são contraditórios, sempre colocando que o homem é mais forte e que a mulher é mais delicada. Devido a isso muitos papéis não podem ou não devem ser feitos por um ou por outro. O papel de cuidar dos filhos, por exemplo, é atribuído à mulher que “leva mais jeito” e é mais “delicada”. Já o homem, este fica a cargo dos trabalhos mais pesados, pois são mais fortes, e esses trabalhos dificilmente serão realizados pelas mulheres devido às suas condições fragilizadas.

Há uma incoerência nas colocações, pois ao mesmo tempo em que eles tentam defender a igualdade de gênero no mercado de trabalho, deixam claro que existem papéis masculinos e femininos na sociedade e no mercado de trabalho. Neste sentido, as ideias de Fábio parecem influenciar o grupo, pois este apresenta um discurso um pouco mais crítico em relação aos papéis de todos no mercado de trabalho, na sociedade e até na escola.

A reação do grupo à pergunta sobre situações de preconceito por ser homem soa quase como uma piada, como se isso não tivesse a mínima chance de acontecer. Os risos e as indagações a respeito denotam que os jovens desconhecem que os homens sofram qualquer tipo de preconceito (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 278 a 292):

Y: Eh vocês já viveram algumas situações de preconceito por ser homem?

Em: Por ser homem?@(2)@

Am: Por ser homem?@ é mei difícil @(1) @eu já vi por não ser@

Fm: Assim por mulheres assim até que:: brincadeira é claro mais num deixa de ser algo que:: existe ainda na sociedade do que aquela questão da mulher perceber o homem como(2) sua utilidades é=é somente:: na maioria dos casos mais em função de trabalhos pesados né.

Am: Mas no=no caso (2) no caso eu acho que a mulher exerce isso essa=essa opinião pelo fato da consequência que o homem exerceu sobre ela também e do preconceito que exerceu sobre ela aí tipo ela rebate (1)entendeu?(1) eh tem também é: mau a falar a=ao sobre o homem viu eu acho assim.

Cm: É o caso de alguns:: () alguns é prop- trabalho na escola aqui tem as meninas né() as meninas pode sair do trabai (1)aí tem que ser os homens (1) faz igual aos homens a muié fala assim ah não sei se fosse mulher tava aqui ó(1) não vai trabalhar (1) isso () não que é uma forma de preconceito mais:: (3)

Na tentativa de visualizar uma situação de preconceito sofrida por homens, Fábio tenta citar um exemplo, dizendo que “... aquela questão da mulher perceber o homem

como (2) sua utilidades...” e acrescenta, mais à frente que é “... mais em função de trabalhos pesados...” Isso mostra que ele tenta encontrar uma situação de preconceito exercidos pelas mulheres e nas quais seriam eles as vítimas. Um exemplo seria quando os homens têm que resolver determinados trabalhos, principalmente quando são trabalhos pesados. Neste sentido, Fábio tenta explicar sobre algumas explorações vividas por muitos homens quando se encontram em uma situação inferiorizada em relação às suas mulheres, ou por não terem um emprego digno com um bom salário, ou por estarem desempregados e que por isso se sujeitam às mais diversas explorações.

André tenta explicar essa exploração exercida pelas mulheres como uma forma de reação aos vários anos de supremacia masculina, e isso se dá como uma consequência do preconceito sofrido por elas. Caio exemplifica citando um caso acontecido na própria escola, em que as jovens não são convocadas para o trabalho pesado, enquanto os homens teriam que arcar com toda situação de trabalho. Ao concluir, Caio diz não que isso seja uma situação de preconceito, mas as meninas ficam numa posição prestigiada, e os meninos não podem fazer nada, apenas aceitar.

5.1.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família: “eu pretendo trabalhar né? um um ou dois anos depois (1) ver se consigo entrar numa faculdade”

Percebe-se algo em comum entre os jovens quando se trata do futuro profissional, pois todos eles querem continuar estudando, isto é, fazer um vestibular e também trabalhar. O que difere é que uns já querem trabalhar antes ou durante os estudos de nível superior para tentarem se manter, devido às baixas condições financeiras, pois não conseguem visualizar terem que estudar mais às custas de seus pais, porque esses não teriam condições de mantê-los (Passagem Projetos de futuro, linhas 460 a 482):

Y: Eh ass::im e os projetos de futuro de vocês (1) profissional(1) vocês pretendem trabalhar depois que conclui=concluir o curso o::u pretendem continuar estudando?

Cm: Eu principalmente e::u; eu pretendo trabalhar (1) pode ser que a::í daqui um ou dois anos que e::u(1) qu- qu- acho; se eu for estudar agora acho que minha família no vai ter o dinheiro sufici- pra me sustentar ami- pra me bancar (1) numa universidade (1) eu pretendo te- trabalhar uns dois anos quem sabe ; depois faz::er vestibular; aí sim estudar.

Am: Já:: minha pessoa (1) e::u:: eu pretendo fazer um vestibular um curso superior e:: futuramente exercer minha carreira poder trabalhar entendeu? sobre aquilo que eu estudei no meu nível superior.

Em: No meu caso eu pretendo primeiro passar um:: no vestibular (1) e:: (1) consorciar os dois né não igual=no ca:so estudar e trabalhar já que minha família não vai ter condições de=de mim bancar na faculdade (1)

Fm: No meu caso já:: o trabalho pra mim pelo menos nesses próximos cinco seis anos aí(1) eu só: (1) eu tenho ele como a única finalidade é:: me manter durant- durante o tempo acadêmico aí de faculdade (1) se por ventura eu for aprovado em algum vestibular mais eu ainda não me preocupo tanto em ter que trabalhar e somente trabalhar (1) nesses próximos anos aí.

Bm: No meu caso também eu pretendo trabalhar né? um um ou dois anos depois (1) ver se consigo entrar numa faculdade aí (1)°aí depois eu posso continuar trabalhando° não é?

Dm: Como Em disse(1) eu quero tentar associar trabalho e es- estudo num:: curso superior (4)

Caio pretende trabalhar e só mais tarde fazer o vestibular e ingressar em uma universidade, pois destaca que seus pais não teriam condições financeiras suficientes para mantê-lo enquanto estudante de nível superior. Diferentemente de Caio, André quer primeiramente tentar o vestibular para só então, depois de finalizar o curso superior, poder trabalhar na área que escolher. As condições financeiras de um ou de outro são preponderantes para definir o futuro profissional dos jovens, pois, a depender disso, é que eles irão ou não trabalhar para se manter.

Essa necessidade de conciliação de estudo e trabalho apresenta-se como normal para eles. A escolha de um curso médio profissionalizante neste momento parece fazer sentido, já que a maioria desse grupo pretende trabalhar antes ou pelo menos durante o curso superior almejado. Apesar de não esclarecerem quais cursos superiores pretendem cursar, são unânimes em relação a isso, deixando claro que apenas um curso médio profissionalizante não seria suficiente para atender todas as suas necessidades e anseios, embora fosse o caminho mais rápido para alcançar esses objetivos.

Casamento e filhos fazem parte dos planos dos jovens, mas sempre com muita cautela, pois isso só será possível depois da realização de alguns projetos, ou depois de “curtir” bastante (Passagem Projetos de futuro, linhas 460 a 482):

Y: Assim e:: projetos pessoais (1) eh vocês pretendem casar e ter filhos?

Em: Com certeza né, depois de formar (1) ter (1) construir alguma coisa né, ()

Cm: |é=é primeiro curtir né, um ou dois anos de=de (1) ninguém é de ferro (1) es- estudar seis anos

Am: |uns dez anos só de curtição aí

Cm: |só de curtir agora- depois vai pensar em casamento.

?m: Ali é o que se pensa né, curtir né.

Am: Primeiro pra casar né, cê já tem que seus projetos realizados entendeu, como const- ter sua casa(1) já ter já ter se::u seu meio de transporte (1) seu quatro port- seu quatro rodas e e:: isso (1) ter um bom emprego tanto você se=se puder também sua esposa entendeu, @(1)@ num mundo atualizado como esse ((outro membro faz algum comentário)) onde temos a chamada igualdade(1) todos exercerem exercerem a sua eh:: a sua função dentro do lar (1) e:: se puder como consequência desse romance (1) gerar os:: menininhos né? (2) isso aí

?m: °gerar uma muleque°

Dm: Ou quem sabe adotar que o mundo do jeito que anda (1) a população muito alta.

Am: Ah::

Dm: Botar mais @filho no mundo@

Eduardo deixa bem claro que pretende se casar e ter filhos, mas para isso é necessária a realização de alguns projetos para só então chegar a atingir esse objetivo. Caio e André relatam que casamento e filhos só serão possíveis depois de “curtir” bastante. Essas visões de mundo mostram que o casamento e os filhos são bastantes presentes na projeção de futuro dos jovens, mas deve-se ressaltar que só depois de terem realizados alguns desejos mais iminentes, e poderíamos dizer menos responsáveis.

Casamento e filhos aparecem para o grupo como algo de bastante responsabilidade, mas só devem ser concretizados quando estiverem em uma posição mais segura e estável. André por exemplo, enfatiza a realização de vários projetos, tais como: aquisição de casa própria, carro, emprego. Só depois disso tudo vem o casamento e, por fim, os filhos. Formar, construir algo, curtir e estudar são objetivos mais concretos para este grupo, e, apesar de não negarem que vão se casar e ter filhos, esses objetivos ainda não são tão palpáveis.

Oferecer uma escola de qualidade para os filhos está como um dos objetivos mais significativos do grupo, mas o que realmente seus integrantes pensam em educação diz respeito ao que eles receberam de seus pais, com experiências e exemplos de vida (Passagem Projetos de futuro, linhas 527 a 551):

Y: Como vocês gostariam de educar os filhos de vocês?

Cm: Dand::o uma boa educação; né, um estudo(1) colocar eles em escola de qualidade foi o q- (1)eu acho assim o que eu não tive até a minha oitava série(1) °isso aí°

Bm: Também eu acho assim com alguma experiência de vida assim também () muito tempo né, °pra que eles não passe por alguma coisa que a gente não passou°

Em: Eu daria a mesma educação que meus pais deram pra mim mudando algumas coisas né, () incentivar só estudar; (1) num- ao lazer s:::ó

Dm: [no caso também incentivava a isso; a:::a educar meus filhos como meus pais educou mais tem alguma coisa que eu fiz que eu não quero que filho @meu faça não@

Tds: [@(5)@

Am: [coisas que cê passou também que cê não quer que eles passam também né.

Dm: Eh:: coisas que eu passei também que eu não quero que filho meu passe também não.

Am: Como=como=como Em disse=Em disse eu daria a mesma educação que meus pais me deram mais (1) com algumas (1) alguns cortes né, também procuraria dá a meu fi- dá é:: desde pequeno dá uma certa é:: obrigação pra meu filho entendeu, não uma forma muito complexa entendeu, mais tipo assim já:: botar na cabeça dele sobre=sobre o mundo abrir os olhos dele sobre que passa no mundo procuraria dá=dá um bom ensino pra ele entendeu, coisa que eu ao tive(1) um bom ensino pra que ele se prepare e tenha já:: e garanta já um futuro é:: prom- é:: promissor né, e não deixar de lado o lazer as amizades né, que é fundamental na=na não deixar de lado como que eu posso dizer a sua infância entendeu, (2) vivendo cada=cada fase (vend) cada fase de=de=de como posso dizer eh:::

Cm: [°no seu tempo°

Am: No seu tempo entendeu,(3)

É importante observar que sinônimo de uma boa educação para este grupo diz respeito a uma escola de qualidade. Escolher uma boa escola é a forma mais fácil e simples de se atingir uma boa educação. Esse grupo também enfatiza as experiências de vida que possam ser passadas para os filhos como outro exemplo de se educar. Para os jovens, os exemplos dos pais são imprescindíveis para a formação do caráter e da personalidade dos filhos, não devendo ser desvalorizados. Dessa forma, percebe-se que a visão de educação para esses jovens não se resume apenas à escola, mas à família também, não deixando de lado o lazer, as amizades e o bom aproveitamento da infância.

Para os jovens o pai e a mãe têm um peso diferente na educação. Por um lado, destaca-se a mãe com um “jeitinho melhor”, isto é, mais carinhosa e compreensiva, sendo considerada a melhor para educar os filhos, enquanto o pai, com rigorosidade e imposição de respeito, é mais duro e rígido. Por outro lado, tenta-se o equilíbrio, com a contribuição tanto de um quanto de outro (Passagem Projetos de futuro, linhas 552 a 573):

Y: E quem assim vocês acham (1) que leva mais jeito pra educar uma criança o homem ou a mulher?

Am: No caso a mulher na minha opinião a mulher ela tem mais um jeitinho entendeu, de:: (1) sei lá::: de tratar os filhos já o homem o pai ele=ele é mais rigoroso impõe mais respeito viu,

Em: [impõe mais respeito né.

Am: Impõe mais respeito o pai

Cm: | o pai eh:: a mãe fica mais com dó ()
o filho já olha pro pai assim e o pai **minino?** já olha pra ele assim já fica mais () a mãe não cê grita ela ().

Fm: Eu penso diferente com relação a isso aí eu acho que:: isso aí você não tem como generalizar falar que a mulher tem mais habilidade e o homem tem menos isso aí é algo individual (1) tem mulheres que realmente tem essa habilidade materna mais existem homens também que diferentes de muitas mulheres que talvez ne- nem saibam na verdade educar seus filhos (1) possuem também um certo (1) eh:: habilidade e manuseio da educação do filho do filho:: eu digo da criança no caso.

Dm: No caso da educação dos filhos eu acho que há a necessidade de intervenção da mãe e do pai e no caso é ideal o pai saber educar seu filho também assim como a mãe=a mãe dá(1) ela in- eu acho que ela interfere mais no sentimento dos filhos no=no o pai no caso eu acho que::

Am: | nas atitudes

Dm: | é já é nas atitudes(1)°o filho pode fazer e tal°

Educar os filhos não é tarefa fácil e, para os jovens, destacam-se duas visões de educação na família. A primeira valoriza a participação da mãe como sendo a mais importante, enfatizando o “jeitinho” que ela tem para lidar com as mais adversas situações. A mãe é aquela que distribui carinho, amor, sendo sempre mais compreensiva. O pai por sua vez se destaca pela rigorosidade, rigidez e dureza com que educa, impondo o respeito acima de tudo. Nesta duplicidade, a mulher/mãe ganha em ser aquela que atende melhor os anseios da educação dos filhos.

Em contrapartida Fábio e Danilo tentam buscar o equilíbrio entre os dois, pai e mãe. Para eles tanto um quanto o outro têm igual participação na educação dos filhos. Fábio destaca que tudo vai depender da individualidade de cada um, pois há mulheres que “tem essa habilidade materna”, mas existem homens também que possuem “habilidade e manuseio da educação do filho”. Danilo, por sua vez, diz que há necessidade de intervenção tanto da mãe quanto do pai, sendo que a primeira seria a maior responsável pela formação dos “sentimentos”, enquanto que o segundo seria responsabilizado pelas “atitudes”.

O fato é que de forma geral todos concordam com os posicionamentos diferentes de pai e de mãe na educação dos filhos, destacando a mãe em relação aos sentimentos, carinho, compreensão e o pai na rigorosidade, rigidez e atitudes.

5.2 Grupo União (1º ano, do curso Técnico em Agroindústria)

A realização deste grupo foi aos vinte dias do mês de novembro de dois mil e oito, no Auditório da EAJT. Participaram seis estudantes do sexo masculino da 1ª série do curso Técnico em Agroindústria. A discussão durou cinquenta e sete minutos e vinte e um segundos.

Gm (Gérson) tem 17 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor/etnia parda, religião Católica, natural de Guanambi – BA, mas reside em Igarorã - BA. Nunca trabalhou, sempre estudou em escola pública e nunca abandonou a escola. Sua mãe possui ensino médio incompleto, é vendedora e tem renda de R\$415,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental completo, é agricultor e tem renda de R\$415,00 por mês. Pretende trabalhar, estudar e quer tentar o vestibular para Medicina. Seu lazer preferido é ler. Não faz parte de grupo ou associação.

Hm (Hélio) tem 17 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor/etnia parda, não possui religião, natural de Guanambi – BA, onde sempre morou. Trabalha e faz bicos. Estudou em escola pública e escola privada, abandonou a escola uma vez, ou seja, já repetiu o ano. Sua mãe possui ensino superior completo, é dona de casa. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é motorista. Pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular para Agroindústria. Seu lazer preferido é namorar. Não faz parte de grupo ou associação.

Im (Ítalo) tem 17 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Salvador – BA, mas reside em Guanambi - BA. Nunca trabalhou, estudou em escola pública e em escola privada, nunca abandonou a escola. Sua mãe possui ensino médio completo, é secretária e tem renda de R\$1.000,00 por mês. Seu pai possui o ensino médio completo, é aposentado e recebe R\$1.500,00 por mês. Pretende continuar estudando e quer tentar o vestibular, mas não se decidiu em relação ao curso. Seu lazer preferido é jogar futebol. Não faz parte de grupo ou associação.

Jm (Jorge) tem 15 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, declarou ser de cor/etnia pardo, religião evangélica, natural de Guanambi – BA, mas reside em Carinhanha - BA. Nunca trabalhou, estudou em escola pública e escola privada, nunca abandonou a escola. Sua mãe possui ensino fundamental completo, é professora e tem renda de R\$350,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental completo, é motorista e recebe R\$500,00 por mês. Pretende trabalhar, estudar e quer

tentar o vestibular para Enfermagem ou Medicina. Seu lazer preferido é futebol. Não faz parte de grupo ou associação.

Lm (Luís) tem 17 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, declarou ser de cor/etnia parda, religião católica, natural de Guanambi – BA, onde sempre morou. Possui trabalho fixo remunerado, estudou em escola pública e escola privada, abandonou a escola uma vez, ou seja, já repetiu o ano. Sua mãe possui ensino superior, é balconista. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é vendedor e tem renda de R\$2000,00 por mês. Pretende trabalhar, estudar. Seu lazer preferido é andar de moto nos finais de semana e namorar. Não faz parte de grupo ou associação.

Mm (Mauro) tem 16 anos, estuda a 1ª série do curso Técnico em Agroindústria, de cor/etnia parda, religião católica, natural de Guanambi – BA, onde sempre morou. Nunca trabalhou, estudou em escola pública e escola privada, nunca abandonou a escola. Sua mãe possui ensino médio completo, é agente comunitária de saúde e tem renda de R\$460,00 por mês. Seu pai possui o ensino fundamental incompleto, é motorista e recebe R\$1.200,00 por mês. Pretende trabalhar e tentar o vestibular para Odontologia. Seu lazer preferido é andar de moto nos finais de semana. Não faz parte de grupo ou associação.

5.2.1 A opção pela Escola Agrotécnica Federal Antônio José Teixeira (EFAJT) e pelo curso de Agroindústria: “... a gente acha que vai abrir novas portas pro mercado de trabalho...”

As perspectivas de mais vagas de emprego juntamente com a fama da escola em ter um ensino de qualidade, ressaltando um mercado de trabalho em crescimento, a relação com a indústria e não com o campo são alguns dos itens que trazem boas expectativas em relação ao curso de Agroindústria para o grupo União (Passagem Escola Agrotécnica, linhas 11 a 38):

Mm: Eu acho assim que é um (1) a escola Agrotécnica de Guanambi que esse curso de Agroindústria que é um curso novo pudesse tá abrindo mais eh mais vaga (1) mais emprego

Hm: L mais portas

Gm: L e pelo fato também da escola pelo fato também da:: pelo nome da escola ser repercutido por toda a região em si eh a gente optou pela pela escola pelo fato de ser bem repercutida e pelo pelo curso por ser um curso novo e a gente acha que vai abrir

novas portas pro mercado de trabalho e a gente tá querendo ser um dos primeiros a ingressar nesse mercado.

Im: Eu particularmente escolhi o curso porque (1) eu sou de Cidade-E e eu acho que lá em Cidade-E eu vou ter mais chance com esse curso e agropecuária lá eu não vou ter muita chance (8)

Gm: E também pelo pelo fato de atualmente o campo eh o mercado de campo tá crescendo muito e principalmente na parte da indústria e eu escolhi esse curso também pelo fato assim de tá mais ligado a indústria por ser um trabalho assim mais ligado a gente mesmo acho que no campo a gente não ia tão bem quanto na agroindústria

Mm: | na agroindústria cê pode trabalhar pra você mesmo e no campo não cê tem que

Jm: | e nós também esperamos que o curso seja assim bem formado bem estruturado.

Gm: Apesar de ser o primeiro ano esperamos que eh seja produtivo esse curso e que a partir do eh dos anos seguintes que ele venha melhorando a cada ano apesar de ser o primeiro ano não tá como a gente queria mais acho que tá satisfatório ainda devido a ser o primeiro ano de agroindústria eh um curso que envolve ah muitos artificios e muitas coisas que embora a gente não tá tendo nesse primeiro ano é óbvio por ser o primeiro ano eh a gente não ter todos os recursos mais eh espero que futuramente a partir dos outros anos as outras turmas que vierem tenha eh encontre encontre um curso mais bem estruturado do que encontramos no primeiro ano.

A preocupação inicial dos alunos diz respeito ao mercado de trabalho. Relatam que por ser um curso novo, este poderá trazer maiores possibilidades de emprego e eles seriam os primeiros nesta área. As suas expectativas passam também pela fama que a escola tem na região, relatado por Gérson da seguinte forma: “nome da escola ser repercutido por toda região”.

Ítalo fala da escolha pelo curso devido à sua afinidade com as atividades urbanas e pelo fato de ser oriundo de uma grande cidade. Segundo ele, esse curso se aproxima mais das características urbanas do que o curso de Agropecuária, e, que dessa forma, teria mais chances no mercado de trabalho. Gérson acaba complementando essa ideia dizendo que no campo eles não iriam tão bem quanto na agroindústria. Essas proposições nos levam a afirmar que quem escolhe esse curso são aqueles que têm maior afinidade com “as coisas” da cidade, ou seja, são pessoas que não querem ir para a zona rural e sim trabalhar na zona urbana, destacando assim a fama da instituição em relação à empregabilidade no campo e que essa seria transferida para a agroindústria.

As expectativas em relação ao curso são excelentes também para Jorge e Gérson. Destacam que embora não sejam satisfatórias as condições do curso, têm grandes esperanças no sucesso do mesmo, dizendo que esses problemas iniciais são normais devido ao começo do curso, e que com o passar do tempo tudo isso irá melhorar. As carências e os problemas do curso são perfeitamente percebidos por eles.

Entretanto, conseguem manter a expectativa de que o curso tem tudo para melhorar, tanto em estrutura quanto em condições de ensino.

A interação com outros colegas e a amizade com pessoas de outras regiões e cidades são colocados como os principais pontos positivos da escola. Entretanto, a perda de antigos amigos e o preenchimento de todo o tempo pela escola são alguns dos pontos negativos que ofuscam as qualidades dela, que só voltam a ser evidenciadas devido ao ensino de boa qualidade (Passagem Escola Agrotécnica, linhas 39 a 65):

Y: E vocês estão gostando de estudar aqui como vocês veem a escola?
(2)

Gm: A gente tá gostando pelo fato de não ser pessoas de um lugar só pelo fato de ter várias pessoas de vários lugares e a interação entre essas pessoas é muito grande

Mm: | a gente pode conhecer pessoas de outras cidades, interagir, criar novas amizades assim que a gente fica o dia inteiro aqui como se fosse uma família e também que o ensino médio daqui é muito bom e pra nós é muito bom isso aí

Lm: | e é bem estruturada assim a escola tem muitos artifícios que faz os alunos

Hm: | além desses pontos a favor que cês tão falando com a amizade que a gente cria aqui com as pessoas de fora e tal mas a gente que mora aqui mesmo na Cidade-B perde muita amizade lá porque a maioria do tempo da gente a gente tá qui chega em casa tem que estudar

Lm: | mais outra coisa o ensino daqui é outra coisa

Hm: | é:: exato que o ensino daqui é mil vezes melhor do que o de lá.

Im: Eu via alguns alunos do terceiro ano que perdeu muito tempo da vida deles passando aqui na Agrotécnica perdeu muitas amizades que só vivia estudando que ficava aqui de manhã e de tarde e à noite só tinha tempo pra estudar.

Jm: Também praticamente três anos nego só estuda.

Gm: Agora que aqui tem seus pontos positivos e tem seus pontos negativos agora é muito importante também pelo fato da gente nos preparar não só pelo curso também que o objetivo de muitos que estão aqui é:: a escola o objetivo aqui da escola é o curso mais o objetivo de muitos aqui é o vestibular então a escola acho que prepara bem a gente nisso porque pelo fato de ser integrado ter dois turnos acho que a gente se dedica mais a gente só sobra a noite acho acho que se a gente estudasse só pela manhã e tivesse a tarde e a noite a gente não estudava o quanto estuda agora (3)

Gérson e Mauro destacam que gostam da escola porque encontram muitas pessoas diferentes, de outras cidades, enfatizando a interação e as amizades. Encontrar pessoas diferentes, de outras cidades e ao mesmo tempo interagir com essas pessoas é muito gratificante e faz com que o prazer em estar na escola apareça logo. Dessa forma, Gérson e Mauro apontam a interação entre pessoas de várias cidades, a amizade e o ensino médio que dizem ser muito bom. A avaliação inicial que esses alunos fazem da

Instituição não perpassa primeiramente pela expectativa de emprego ou pelo ensino de boa qualidade que a princípio pensaríamos, mas sim pela valorização da interação com pessoas de várias regiões e pela amizade que surge desses encontros. Talvez isso aconteça devido à mudança de rotina que todos passam, ficando um tempo maior longe de seus pais e mães e de seus antigos amigos.

Hélio concorda com os pontos positivos levantados por seus colegas. Entretanto, ressalta que perde muitos amigos de sua cidade de origem, pois fica o dia inteiro na escola e à noite tem que ficar estudando para reforçar o que aprendeu durante o dia. Contudo, Luís e Hélio falam do bom ensino. O fator “bom ensino” é citado várias vezes como uma forma de compensar essas perdas citadas por Hélio. E, mais adiante, Ítalo complementa o fato de “perder tempo da vida”, amizades, por ficar na escola o dia inteiro e ter que estudar à noite também. O que se observa é que apesar de concordarem com os muitos pontos positivos citados por seus colegas, Hélio e Ítalo falam da perda de tempo e de amizades devido à mudança de rotina nos estudos. No entanto, acabam aceitando como se concordassem com seus colegas que isso valeria à pena devido ao “bom ensino” que existe na Instituição.

Gérson concorda que realmente existem pontos positivos e negativos, mas procura enfatizar bastante a importância de se estudar durante o dia inteiro e até complementar os estudos durante a noite. Lembra da característica de Integrado do curso que eles fazem, destacando que estudar bastante seria muito bom para quem quer tentar o vestibular, e que a escola prepara bem para esse objetivo também.

5.2.2 As relações de gênero na escola e na sociedade: “... os homens aqui na escola têm mais direito que a mulher, a mulher não tem direito...”

As questões de gênero são sempre polêmicas na escola, pois ao serem indagados a esse respeito, as narrativas privilegiam sempre os homens, que têm sempre mais direito que as mulheres. Citam, por exemplo, os horários do Internato feminino que as mulheres têm que seguir a risca diferentemente dos homens, o baixo número de mulheres existentes na Instituição e até a questão do namoro como sendo algo que deve ser observado e monitorado (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 394 a 427):

Y: Agora nós vamos falar sobre as relações de gênero aqui na escola (1) eh vocês poderiam falar um pouco sobre o que é ser homem e como é ser mulher aqui na escola?(1)

Gm: Ser homem (1) os homens aqui na escola têm mais direito que a mulher, a mulher aqui não tem direito (1) pra gente mesmo (1) as meninas do internato as meninas do internato elas ficam aqui até na hora da janta, acabou a janta elas tem que subir elas não tem mais direito de ficar aqui. há um tempo atrás elas ficavam aqui até sete e meia, hoje mesmo já não ficam (1) **homem** pode ficar pra jogar até dez e meia (1) as mulher não pode ir ver (1) cada um tem () as meninas só podem ficar presas lá em cima elas só podem ficar aqui em baixo só no horário de aula.

Im: Como a gente tem que falar a questão de moral, os homens tem mais moral que as mulher.

Lm: Uma coisa mesmo (1) aqui no colégio eu sei que não é proibido namoro no colégio, mais aqui no colégio com- tem muita gente de fora

Jm: e como fica o dia inteiro aqui

Lm: e sempre vai rolar namoro num colégio interno desse

Mm: fica carente gente @

Tds: @ (2) @

Lm: aí sempre rola namoro de fora pelo menos assim (1) pelo menos assim eu sei que na hora de aula conta mais tem o horário do almoço que é de meio dia a onze e meia (1) o quê que tinha liberar nesse horário (1) e à noite pros que é interno (1) porque antes o namorado fazer na frente do povo e vocês vendo, do que elas fazer escondida (2)

Gm: Eh eu concordo um pouco com Lm também só que em alguns termos eu acho que a escola acho que fez bem em colocar em colocar eu tô falando minha opinião sabe, o que acho eh em colocar a gente @ eh essas regras a respeito das meninas eh que assim os homens os homens é claro que sempre não sempre mas sei que os homens tem mais priva- assim eles podem fazer mais coisas que as mulheres eu acho que pelo número de mulher assim não pelo fato do número de mulheres ser pequeno pequeno eu acho que é não necessita tanto ficar:: a::qui

Mm: não eu acho que é um preconceito seu isso aí porque a gente tem que ter aqui direitos igual direito igual

Gm: eu acho que todo mundo tem que ter direitos iguais

Hm: direitos iguais para todos @

A liberdade masculina é percebida com bastante clareza na instituição, pois embora esse grupo faça parte de uma turma que está há apenas um ano na escola, seus integrantes já percebem e concordam que a mulher não tem direito algum, afirmando que “os homens têm mais moral”. O fato dos homens ter mais “moral” quer dizer que esses são privilegiados em relação às mulheres em diversos espaços e situações. Segundo Gérson os homens têm mais direito que as mulheres e cita os horários do Internato feminino que as mulheres têm que seguir à risca, diferentemente dos homens que podem ficar passeando pela escola até altas horas da noite.

Esse tratamento diferenciado, que por um lado parece resguardar as moças de alguns perigos, que por sinal não são esclarecidos, faz parte de um tratamento preconceituoso que exclui as jovens de muitas atividades e dos mais diversos espaços, mantendo-as presas a partir de determinado horário sem poderem usufruir de outras opções.

O namoro também é alvo das atenções, que é citado como algo colocado pela escola como proibido, e que dessa forma será mais fácil “proteger as meninas dos meninos”. Seguindo essa lógica, Ítalo e Luís citam o namoro como proibido, mas fica implícito que a forma de proibição se refere apenas às mulheres, pois diminuem o tempo livre que elas teriam para poderem desenvolver outras atividades que não as escolares

No entanto, os jovens tentam amenizar esse discurso atribuindo essa situação ao baixo número de meninas, como se esse fato explicasse o tratamento diferenciado aplicado a elas na instituição. Mas sabemos que essa proposição só serve para reforçar o preconceito e o tratamento diferenciado, pois não é pelo fato de constituírem uma minoria que qualquer classe ou setor deva ser discriminado ou excluído de qualquer espaço ou situação. Muito pelo contrário, essas minorias devem ser incluídas, de forma a participarem de maneira igualitária em todos os setores ou situações.

A bandeira dos direitos iguais é levantada a todo instante pelos meninos uma vez que essa situação os impedem de estabelecer relações de amizade ou namoro nos horários livres. Mauro, por exemplo, considera a situação um grande preconceito e por isso preconiza os direitos iguais para todos e todas.

Alguns atritos também são colocados por alguns, devido a diferenças estruturais existentes principalmente nos internatos. Os privilégios femininos no internato servem para ilustrar um pouco as diferenças e os valores que são atribuídos a cada sexo na escola. As meninas “têm tudo”, mas não têm a mesma liberdade dos homens. Embora os homens tenham um horário para seguir, este é bem flexível, enquanto o das meninas é mais rígido (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 435 a 460):

Gm: L mas é isso que ocorre na escola ocorre muito tititi muito atrito aqui na escola porquê? Ah hoje mesmo as meninas estão no CGAE por quê? Pelo fato pelo fato que tem muitos homens e ter poucas meninas acho que pelo fato delas se respeitarem mesmo (1) assim pelo fato pelo fato pela falta de ética assim eh em termos dela eu acho que elas também tem que não é claro que falta um pouco de lazer pras meninas também só que também tem que falar que também no internato masculino os homens não tem geladeira os homens não tem fogão eh acho que nem todos aqui conhece o internato masculino (1) o mau cheiro de urina no internato masculino é horrível os banheiros do internato masculino não

parece ser banheiro de escola de uma escola Agrotécnica Federal é imundo- são imundos (2)

Im: Mas aí já são os próprios alunos os alunos (1) se for visitar o das meninas lá tá tudo cherosim tudo limpim

Gm: [mas esse que é o problema Im não há um incentivo há um incentivo pras meninas e não há um incentivo pros homens (1) eh porque as meninas podem fazer i- as meninas têm o fogão pra fazer miojo os meninos não têm os meninos não tem mesa pra estudar (2)

Hm: Estuda na cama.

Gm: Mas esse é que é o problema cê estuda na cama e o trabalho cê vai fazer como.

Im: Mas se as meninas têm tudo isso, mas não têm a liberdade que os homens

Lm: [não têm a liberdade que os homens têm (1) cê vê cê mesmo tá qui todo dia (1) vê até que hora cê fica jogando bola aí todo dia

Gm: [eh mais também os meninos também tem que cumprir um determinado horário por ele por estar no internato (2)

Mm: Os horários parece que () até dez e meia tem gente jogando aí (2) as mulher fica sem:: depois da janta tem que subir.

Algumas situações diferenciadas são evidenciadas pelo grupo. Gérson esclarece que os atritos são colocados por alguns devido às diferenças estruturais existentes principalmente nos internatos. Enquanto que as mulheres têm geladeira e fogão e está “tudo cherosim, tudo limpim”, no internato masculino o que se destaca são os banheiros “imundos”. Esse tratamento é consequência ainda de uma sociedade em que a mulher deve ser aquela dona-de-casa prendada, cuidando da casa e da cozinha, embora na escola exista um refeitório que oferece refeição de graça para todos e todas. Os homens, por sua vez, devem manter a sua fama de não cuidar da “casa”, ou melhor, do banheiro, como prova de sua virilidade, isto é, limpeza de casa, de banheiro, não é “coisa de homem”.

A geladeira e o fogão são tidos como um privilégio dado às meninas. Entretanto, o fato de limpar ou não os banheiros não é colocado como preconceito, pois são diferenças de atitudes de um e de outro e que não implicam em tratamento diferenciado e sim em atitudes, em preferências por parte dos meninos ou das meninas. Citam, por exemplo, que os banheiros femininos são mais limpos que os masculinos.

Como uma forma de apoio às meninas, Ítalo e Luís relatam que elas têm tudo. Apesar disso não têm a mesma liberdade dos homens. A liberdade é vista como um bem muito precioso pelo grupo e que precisa ser valorizado. Assim, eles percebem que a liberdade que é dada a eles não é a mesma que é dada às meninas. Exemplificando, Mauro lembra que, embora os homens tenham um horário para seguir, estes podem ficar até depois das vinte e duas horas e trinta minutos “jogando bola” e a mulher tem que

subir “depois da janta”. Ou seja, as mulheres têm que seguir à risca tudo que é imposto pela instituição, como uma forma de manter a ordem e o bem-estar entre elas e eles, como se fossem as únicas culpadas e a causa de qualquer transtorno que venha a acontecer entre os rapazes e as moças.

A ideia de não haver mulher estudando na escola causa um grande temor, um grande susto. Isso lhes parece inviável, inconcebível. Ao mesmo tempo, se não houvesse mulheres estudando na escola seria um grande preconceito, pois há mulheres que gostam dessa área ligada ao campo (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 463 a 475):

Y: E o que vocês acham de ter mulher estudando aqui na escola?
Hm: O::Xe
Mm: [mo::co? se não tiver?
Hm: [se não tivesse eu não estudava aqui não
Tds: [@ (2) @
?f: [°só
 marmanjo°
Mm: [@ e ficar aqui o dia inteiro e não ter mulher aqui @
Lm: [não ter mulher
 aqui a gente endoia
Gm: [até pelo fato de que se não tivesse mulher aqui (1) seria
 um grande preconceito tremendo contra as mulheres que tem muitas
 mulheres que eh também gostam dessas matérias ligadas ao campo

Inicialmente esta ideia causa um profundo mal-estar no grupo. Se não houvesse mulheres estudando na escola a permanência deles seria inviável, inconcebível ou eles enlouqueceriam. Percebe-se o preconceito que algumas pessoas têm em relação às mulheres trabalharem no campo, pois quando Gérson diz que existem aquelas que gostam, fica implícita uma coisa: ou a maioria das mulheres destaca que não gosta, ou a sociedade impõe essa concepção como uma forma de conceber profissões masculinas e femininas.

No trecho a seguir observa-se uma reação do grupo em relação à pergunta feita pelo entrevistador sobre as diferenças entre o sexo masculino e o feminino. (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 481 a 501):

Y: E na opinião de vocês existem diferenças entre jovens do sexo feminino e masculino (1) o que acham que é diferente assim para rapazes e moças? (4)
Hm: Não entendi a pergunta? (1)
Y: assim o que vocês acham (1) vocês acham que existem algumas diferenças entre jovens do sexo masculino e feminino? (3)
lm: Diferença? (1)

Y: O que é diferente entre rapazes e moças o que vocês acham disso? (5)

Hm: Realmente essa pergunta eu achei sem sentido.

Y: Não, qual a diferença que vocês acham que existem entre rapazes e moças entre homens e mulheres?

Gm: °Entre as mulheres e homens que tem na escola que que você acha de diferente°

Im: Só no corpo só

Tds: L@ (3) @

Gm: A diferença que existem aqui é que o número de mulheres que se escrevem aqui pra vim aqui pra escola é muito pequeno ainda (1) acho que essa é uma diferença e muitas pessoas ainda tem muito preconceito a- ao fato de ser uma escola Agrotécnica Federal as meninas acham que vem pra qui (1) trabalhar no campo pegar fazer pegar no pesado, mas na realidade não tem nada disso.

Im: A maioria das mulheres que entra aqui é só pra fazer o ensino médio nem tanto do curso técnico agora com ensino técnico

Gm: L acho que essa que é a mais diferença (4)

Diferenças entre rapazes e moças parecem, inicialmente, não ter sentido para o grupo, tanto é que num primeiro momento eles não conseguem compreender a pergunta. Duas situações são colocadas: ou o entrevistador não soube esclarecer o suficiente a questão, causando assim uma certa confusão; ou eles não conseguiram entender, por esse tema não estar presente em suas discussões ou não fazer tanto sentido para eles.

A princípio parece não ter sentido, mas após alguns esclarecimentos prestados pelo entrevistador, Gérson destaca que a diferença está no pequeno número de mulheres que se inscreve para a escola. Para ele muitas ainda têm preconceito, pois pensam que por ser uma escola agrotécnica, terão que “trabalhar no campo”, “pegar no pesado”, e, dessa forma, as que entram preferem “o ensino médio”, isto é, as disciplinas teóricas.

A avaliação que fazem a respeito da percepção que as meninas têm em relação à escola explicaria para o grupo a princípio o fato de terem poucas mulheres matriculadas na instituição. Para este grupo trabalhar no campo causa um certo mal-estar entre as mulheres, que estariam mais acostumadas a serviços “mais leves”, e essa situação explicaria o fato das que entram preferirem em grande parte se aplicarem mais às disciplinas teóricas a “pegar no pesado”.

Ao serem questionados sobre a percepção dessas diferenças na comunidade, a aceitação das diferenças é algo evidenciado, além da capacidade feminina (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 502 a 514):

Y:E se vocês acham (1) o que vocês acham disso na comunidade? (3) na comunidade como um todo, essas diferenças? (4)

Im: Acho que todo mundo tem que aceitar as diferenças entre homens e mulheres °independente se ()° (3)

Hm: () elas também são capacitadas (1) por que não?
Lm: ° e do mesmo jeito que homem elas também corre atrás né basta querer°
Mm: () que elas estão se próprio se rebaixando por que se elas não achar que ela não tem capacidade pra fazer (1) o que a gente pode fazer (1) igual antigamente mulher num- num tem o direito de trabalhar (1) de sair de casa esses negócios agora vem conquistando o espaço (1)
?f: No mercado de trabalho
Mm: L é
Gm: É como Mn falou e atualmente a gente tá constantemente a gente tá vendo o trabalho.

O discurso inicial parte do princípio de que todos têm que aceitar as diferenças, ressaltando a capacidade das mulheres de serem capazes de fazer tudo aquilo que o homem faz. O problema que percebemos neste discurso não diz respeito a entender as mulheres como incapazes de fazer tudo aquilo que os homens fazem, mas nos parece um discurso que transfere a culpa para as próprias mulheres, isentando o homem do preconceito em relação à inserção das mulheres em profissões tipicamente masculinas. Quando Mauro diz que elas próprias estão se rebaixando, transfere o problema para as colegas ou denuncia algo de muito grave que é a autodiscriminação. Porém, em seguida, diz que a mulher está conquistando o seu espaço no mercado de trabalho, o que presume a aceitação da conquista do espaço pelas mulheres.

O baixo número de mulheres em relação aos homens na escola é novamente inserido como justificativa para o tratamento diferenciado. Essa situação é atribuída à comunidade, dizendo que ela tem um pouco de preconceito e que esse preconceito não são das meninas, mas dos pais (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 515 a 535):

Im: L no começo aqui era trinta e cinco alunos para cinco mulheres dentro de uma sala de aula (2)
Lm: E hoje já é quase a metade já chegou a ter eu fiquei sabendo que já chegou a ter seis mulheres no colégio inteiro (1) logo no começo da Agrotécnica no começo (1) eh eu tenho um amigo é irmão de Lm Jailson ele falou mesmo que que era três mulheres o resto era tudo homem (1) no primeiro ano.
Jm: Pensa aí como é que era () três mulher.
Im: cê passava assim tava tipo um monte de mulher tipo urubu na carniça @
Tds: L @ (3) @
Jm: L tem uma mulher pra vinte homem (1)
Gm: Agora eu acho que assim a respeito que assim na comunidade que tem um pouco de preconceito não acho que um pouco de preconceito não tanto das meninas por que a gente conhece muitas meninas que querem vir pra qui mas um pouco de preconceito dos pais de não deixar as meninas vir pra qui porque assim acho que pelo fato de estar um

tempo integrado tem muitas pessoas que vem pra qui e muda bastante principalmente que é semi-interno de outra cidade que vem pra qui pra escola assim sua forma de pensar pelo tempo que fica aqui muda bastante então eu acho que ah pra deixar as suas filhas vir pra qui: assim ficar um tempo aqui e por achar que é uma escola como eu já disse que trabalha mais só ligado ao campo e talvez o seu filho não vai ter uma perspectiva boa de trabalho futuramente (1)

O baixo número de meninas na Instituição é justificado pelo preconceito que, segundo o grupo, está mais ligado aos pais do que às próprias jovens. Ítalo e Luís enfatizam que esse número de mulheres em relação aos homens já foi muito menor no início da escola, mas que agora esse número está se equiparando. Gérson atribui essa situação à comunidade. Diz que ela tem um pouco de preconceito e que esse preconceito não são das meninas, mas dos pais, que se sentem receosos em deixarem as meninas virem para a escola, talvez por ser uma escola ligada ao campo, e, por isso, sem perspectivas profissionais para as filhas. Neste sentido, parece que os pais vislumbram outra forma de trabalho para elas que não seja ligada ao campo, como se esta área interessasse apenas aos homens.

Um “brincadeira”, o uso de drogas, a facilidade em se tornar homossexual, malandro ou maconheiro são alguns dos mitos destacados pelos jovens como uma barreira para que eles não fizessem a prova para o ingresso na escola (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 536 a 548):

Hm: A mãe de uma amiga minha ela ficou sabendo de umas brincadeiras que tem aqui ela nem queria deixar a filha dela fazer a prova e já tinha feito a inscrição (1) e não foi fazer aprova por causa das brincadeiras.

Im: Eu também tinha o maior medo quando o povo falava das brincadeiras falava muito de drogas também (1) aí eu ficava meio assim não sei se vou não sei num vou aí quando eu cheguei aqui não era tudo que o povo falava também não.

Gm: Acho que é um pouco de mito acho que uma coisa muito fundamental na escola foi é o regimento da escola que pega muito no pé

Im: | eu via muito falar também que (1) quem estudava aqui ou era usuário de drogas ou era homossexual °sempre falava°

Gm: Isso é um preconceito que o povo falava assim vai pra Agrotécnica cuidado rapaz hora que cê voltar de lá

Lm: | ou cê sai malandro ou cê sai maconheiro.

Hélio fala de umas “brincadeiras” existentes na escola e que por causa disto a mãe não deixou a filha fazer a prova, Ítalo relata que também teve medo dessas “brincadeiras”, entretanto, Gérson esclarece dizendo que é mito, preconceito. Nesta mesma linha Ítalo cita também o mito de quem estuda na escola ou usaria drogas ou se

tornaria homossexual. E esse preconceito se prolonga ainda mais quando Luís complementa dizendo que se sai da escola malandro ou maconheiro.

O preconceito sobre a escola é muito evidente, e não contribui para a percepção dos pais em relação à instituição. As “brincadeiras” relatadas por Hélio são os famosos trotes aplicados aos novos alunos como uma forma de “interação”, mas que acaba, na maioria das vezes, em violência e constrangimentos. Além disso, outros mitos, como são colocados por eles, perseguem a escola, como o uso de drogas, o medo dos filhos se tornarem homossexuais, malandros ou maconheiros. Entretanto, essas percepções são desfeitas pelo grupo logo ao ingressar, pois se já existiu isso um dia, para esse grupo se tornou mito e já não existe mais.

Se por um lado os mitos preconceituosos são defeitos, por outro, muitas mudanças são observadas por eles no comportamento das pessoas, e, neste sentido, o grupo enfatiza as transformações ocorridas com as meninas que se “soltam mais”, pois apesar de tudo, adquirem mais liberdade. Essas mudanças são consideradas positivas (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 550 a 578):

Jm: Mas às vezes a escola assim muda muita assim as pessoas
Tds: | @ (3) @
Im: | no
 seu caso cê mudou Jm? @
Hm: Até as mulheres assim ficam um pouco @
Im: | ó
Hm: | elas se soltam um pouco
 mais sem os pais
Jm: | elas tem como eh se expressar ela se expressar o que ela
 acha o que deve fazer.
Gm: Eu acho que isso acontece eu acho que às vezes isso acontece por
 culpa dos pais pelo fato deles deixarem eh prenderem muito os filhos e
 num num num aí quando eu cheguei aqui pra escola se depara com um
 mundo totalmente diferente pessoas diferentes aí elas vão elas vão
 tentar fazer uma eh expressar a liberdade eh coisa que elas não faziam
 quando os pais deixavam aí aqui na escola muitas pessoa tentam fazer
 isso porque muitas pessoas não fazem em casa ou eu conheço muitas
 pessoas que não fazem na sua cidade ou em casa o que fazem aqui na
 escola (1) o fato dos pais prenderem muito aí vem aqui pra escola aí
 acontece isso (2)
Hm: Pai tem sempre que mostrar a verdade pra o filho (2) a realidade e
 não prender não porque quando soltar ele vai querer descobrir o mundo
 e acaba fazendo coisa errada () por não conhecer a verdade
Gm: | então
 como () falou é até uma forma de preconceito dos pais eh
 ainda muitos pais que muitas pessoas que iam fazer a prova daqui aí a-
 os pais ficam falando dando pilha pra eh pra falando pras pessoa ah não
 vai fazer a prova pelo fato de ter muito homem pelo fato da sua filha sair
 da sua cidade pra ficar aqui semi-interna convivendo com um monte de
 homem achando que eles vão sempre estar interagindo junto e apesar
 que o regimento é muito pesado as meninas ficam num lugar bem longe

e as meninas ficam em outro lugar então num num tem nada a ver acho que eles podem deixar as suas filhas vir pra qui sem preocupação nenhuma que a escola tem um cuidado muito grande principalmente com as meninas aqui da escola (2)

A mudança de comportamento evidenciada por Hélio como um ponto positivo, principalmente nas meninas, destaca valores como a liberdade, que é colocada como uma característica que sempre foi sufocada por seus pais. Gérson complementa, colocando a culpa dessa clausura nos pais das próprias meninas, porque prendem demais as filhas. Na escola, elas adquirem um pouco mais de liberdade. Essa mudança chega a ser quase uma incoerência devido à forma diferenciada com que elas são tratadas na escola em relação aos rapazes. Talvez, por mais que isso aconteça, o que pode contribuir para esse ganho de liberdade e autonomia por parte das meninas seja o fato de elas terem que lidar com uma série de problemas sem ter que recorrer aos pais para resolvê-los.

Outro fator a ser ressaltado é o mito das estudantes que convivem em uma escola “que só tem homens”. Segundo os jovens muitos pais têm preconceito, com medo de suas filhas conviverem com muitos homens. A velha fama da escola agrotécnica ser meramente masculina acaba por interferir no ato de ingresso das mulheres na instituição. Os próprios pais em casa já tratam de uma forma diferenciada as suas filhas, como se essas precisassem ser protegidas o tempo todo, e não gostam da ideia de elas fazerem parte de uma “escola com características masculinas”.

Muitos exemplos de preconceitos sofridos pelas jovens são citados várias vezes também pelos grupos masculinos. O entrevistador pergunta se já sofreram algum preconceito por ser homem, na tentativa de saber se apenas o fato de ser homem poderia implicar algum preconceito vivido por eles (Passagem Relações de gênero na escola, linhas 585 a 605):

Y: Vocês já sofreram algum tipo de preconceito por ser homem ? (2)

Gm: não aí não não por a gente ser homem agora pelo fato da nossa turma ter pessoas que falam diferente agem diferente aí generaliza bastante

Mm: Lgeneraliza bastante

Gm: L generaliza nossa turma e começa a chamar nossa turma pelo pela acho assim que eles deveriam ter um pouco mais de respeito por nossa turma pelo fato de ser o nosso primeiro ano acho que a gente () todas as turmas aqui e pelo fato de chamar não sei o quê cheio de viadinho, não sei o quê, gayindústria excluindo a turma excluindo a turma C apesar de qual a diferença da A e B aqui(1) A e B já aconteceram coisas passadas aqui a gente é uma turma nova tá aqui pra mostrar o que a gente é entendeu acho que tem até um pouco de inveja a respeito do nosso curso

Im: L é
Gm: L acho que isso acontece muito que muitas atividades que a gente faz e eles não fazem (1) a gente trabalha muito na área da agroindústria e eles trabalham muito na área do campo aí a gente tá um pouco e- eles tem assim eh a gente só ficou com preconceito eh em dizer em=em dizer assim generalizando aqui que toda nossa turma é isso não sei o quê aqui chamando a gente é viadinho não sei o quê é gay-indústria e acho que isso é uma forma de preconceito muito grande eu acho que a escola já devia ter tomado uma alguma coisa a respeito porque a gente pa::ssa como teve a gincana como teve a gincana agora eles acharam acharam que pelo fato assim de assim=assim

Segundo Gérson, por ser homem, nunca sofreu preconceito, mas, como alunos, sofrem preconceito pelo fato de na turma haver pessoas que agem diferente. Os outros acabam generalizando e tachando a turma de “gayindústria”, excluindo-a das demais. Explica que deve ser por causa de algumas atividades que fazem, referentes ao curso de Agroindústria e que o outro curso trabalha na área de campo, concluindo que isso é preconceito. As expressões “falam diferente” e “agem diferente” retratam a forma diferenciada com que eles agem em relação ao tradicional curso de Agropecuária, e, devido a isso, atribuem-lhe muitas atitudes preconceituosas. Podemos afirmar que a partir dessas expressões muitos alunos e alunas do curso de Agropecuária declaram que alguns rapazes do outro curso teriam propensões à homossexualidade e que por isso toda a turma do curso de Agroindústria passaria a ser considerada como homossexual. Além disso, as atividades realizadas pelo curso de Agroindústria são bastante diferentes das que são feitas pelo de Agropecuária, e o fato de o primeiro trabalhar com atividades relacionadas à transformação dos alimentos, essas seriam atribuídas às mulheres e, conseqüentemente, quem faz este curso deve também ter um gosto bastante afeminado.

A turma parece sofrer preconceito por se diferenciar da tradicional turma de Agropecuária, que, segundo eles, trabalham no campo, o que não acontece com o de Agroindústria. Assim, essa forma de tratamento – “gayindústria” – parece atribuir ao curso características femininas, e que os homens que o fazem não teriam como fugir da homossexualidade, sendo “machos” apenas aqueles que fazem o curso de Agropecuária.

5.2.3. Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família: “... acho que o sonho de todo mundo é ter uma boa formação, trabalhar, construir uma família, comprar sua casa, seu carro...”

As pretensões do grupo são voltadas para o mercado de trabalho na área do curso, pois as suas expectativas são muito boas. Trabalhar é o foco principal dos jovens (Passagem Projetos de futuro, linhas 865 a 886):

Y: E assim e os projetos de futuro profissional de vocês (1) vocês pretendem trabalhar depois que concluírem o curso ou pretendem continuar estudando?

Jm: Eu pretendo trabalhar se eu achar um emprego no:: na:: na área (1) técnica

Tds: L@(2) @ não é sério na área técnica que a gente tá fazendo assim vou trabalhar se não

Gm: L na Parmalat

Im: L eu pretendo concluir o curso de Agroindústria aqui e ir pra Cidade-E e vê se lá eu tenho uma chance melhor porque eu acho que lá

Hm: L aqui eh (1) ouvi falar que no ano que vem já vai começar a faculdade e um dos cursos vai ser Agroindústria se eu gostar do curso eu pretendo (1) aprimorar (1) aprimorar o curso.

Gm: Como como como Hm falou esse curso esse curso pra gente vai ser uma experiência, eu mesmo a gente vai pegar um pouco eu tô um pouco gostando do curso, aí se a gente vê que assim a gente vai ser apegado assim com o curso vai tentar buscar mais pelo curso mais eu acho que (1) quando eu sair daqui

Mm: L quero tentar o vestibular

Gm: L se se se se o curso assim; se eu gostar do curso e até o terceiro ano o curso for bem favorável a mim eu acho que eu vou procurar fazer alguma coisa ligada à área do curso caso se não for acho que eu vou procurar investir em outra área (1) ou então talvez assim como atualmente a concorrência tá muito grande no vestibular (1) a gente procurar (1) quem sabe a gente arruma um emprego na na Sadia.

Trabalhar na área do curso parece a principal opção que o grupo elegeu como meta para si próprio. Embora o vestibular seja também citado, essa opção fica um pouco para segundo plano. Quando se fala nisso, a tendência é continuar na área em questão. Jorge e Ítalo, por exemplo, destacam que querem trabalhar na área, sendo que Ítalo ainda complementa que pretende ir para outra cidade, pois teria mais chance de emprego. As expectativas em relação ao curso se apresentam excelentes para o grupo, uma vez que encontrar emprego é um discurso bastante presente em suas falas. Os jovens vislumbram grandes chances no mercado de trabalho.

Entretanto, continuar estudando parece também ser uma opção viável, mesmo que a área escolhida seja a mesma do curso de Agroindústria, o que mostra que estão bastante focados e interessados no curso que escolheram. Entretanto, há pequenas dúvidas. Hélio afirma que, se gostar do curso, pretende continuar estudando para se aprimorar na área. Parece que uma incógnita é observada nos presentes discursos, uma vez que, embora a maioria diga que pretende continuar na área, dúvidas surgem em relação ao sucesso da área escolhida. Para Gérson tudo vai depender de gostar ou não do curso, do contrário terá que “investir em outra área”.

A aposta no sucesso do curso para que possam ingressar no mercado de trabalho é muito grande. Contudo um pouco de cautela também é observada, talvez pelo fato do curso ser novo e não apresentar ainda nenhum dado concreto em relação a empregabilidade.

Ao serem questionados sobre as questões de casamento e filhos, os jovens se apresentam um tanto desinteressados por essas questões, apesar de concordarem que isso também faz parte de seus sonhos (Passagem Projetos de futuro, linhas 895 a 904):

Y: E assim vocês pretendem casar e ter filhos e o que acham sobre o casamento?

Hm: Tem que ter um gurizin aí né.

Gm: Eu acho assim Y acho que o sonho de todo mundo é ter uma boa formação, trabalhar, construir uma família, comprar sua casa, seu carro acho que é o sonho de todo mundo aqui (1) todo mundo aqui acho que agora eu não sei né quem é que sabe tem alguém aí que tá construindo família mas futuramente quem é que sabe, @

Tds: L @ (4) @

Gm: L @ mas futuramente quem é que sabe aí mais tudo daqui até daqui até lá quem sabe tudo pode ocorrer né (1) vai que a gente arruma um filho antes da hora (10)

Para Hélio, filho faz parte da vida e diz que “tem que ter um gurizin”. Mesmo falando de forma despojada, as suas pretensões também incluem filhos. Já Gérson parece resumir o pensamento ou a vontade de todos no grupo incluindo o desejo de casamento e de ter filhos, mas de forma bastante sutil, quase que não aparecendo em seu discurso.

Projetos em torno de casamento e de filhos não são relevantes, apesar de fazerem parte de seus sonhos. Gérson, por exemplo, diz que ter uma boa formação, trabalhar, construir uma família, comprar casa e carro fazem parte dos planos de qualquer pessoa. No entanto, o sorriso de todos e a grande pausa no final das falas parece denunciar a imaturidade e a falta de interesse em discutir esse tema.

Em seguida o entrevistador faz uma nova pergunta no sentido de dar continuidade ao tema, tentando saber como gostariam de educar os próprios filhos. O exemplo de educação passado pelos seus pais é o que predomina como um modelo a ser seguido (Passagem Projetos de futuro, linhas 905 a 916):

Y: Assim como vocês gostariam de educar os filhos de vocês? (2)
Mm: Diálogo, diálogo manter o diálogo assim da família.
Gm: Eh eu acho eu acho que a gente tem que se espelhar ou assim o que a gente for dos pais da gente e espelhar o que eles fizeram pra gente então a gente tem que passar o que eles passaram pra gente
Im: _____ que foi uma boa educação
Gm: _____ então sempre se os pais passam uma boa educação pra gente a gente quer passar uma ótima, melhor pra os nossos filhos (1) sempre vai ser assim.
Hm: Resumindo a gente (1) vai querer passar sempre o certo pra eles sempre o certo pros filhos da gente (2)
Gm: E sempre fazer assim o que os pais da gente falava assim porque a gente deveria fazer, a gente sempre tá com aquela cultura passando pros filhos da gente falando ó isso olha (3)

Nas narrativas dos jovens, como se confirma, predomina o modelo dos seus pais como aquele que deve ser seguido como exemplo para a educação de seus filhos. Inicialmente Mauro destaca o diálogo que deve ser mantido na família como uma forma de realizar a educação dos filhos. Na realidade, educar através do diálogo é bem recebido pelos jovens, partindo do pressuposto de que vão ouvir também os posicionamentos dos filhos, e não simplesmente falar e impor.

Em seguida, as elaborações se concentram em educar a partir da educação recebida por eles de seus pais. Para Gérson, “a gente tem que passar o que eles passaram pra gente”, ressaltando que a educação recebida dos pais é considerada boa e deve ser seguida ao máximo possível. Pode-se confirmar que educação para eles é a forma de querer bem e de se fazer o possível para que o melhor aconteça para os filhos, mesmo que isso não pareça o melhor em determinado momento.

Quando se fala em quem educa melhor, se é o homem ou a mulher, são quase que tachativos - o homem. Em suas elaborações o homem tem um papel fundamental na educação dos filhos, principalmente no que se refere ao respeito, que para eles não deve faltar nas relações de pais e filhos (as) (Passagem Projetos de futuro, linhas 917 a 942):

Y: E o que vocês acham que leva mais jeito pra educar uma criança o homem ou a mulher?
Im: Acho que o homem
Lm: _____ acho que o homem por que::

Hm: [o homem é mais rigoroso o homem é mais rigoroso e a mulher não; o filho desobedece a mãe (2) e aí o pai não o pai falou tá falado, minha mãe lá fala (1) não é que eu não dou muita importância pra o que ela fala mais se meu pai falar aí tem que fazer na hora

Lm: [ela vai falar cê dá a metade () calma

?f: [mulher paparica demais

Mm: [acho que é porque o homem

Gm: [é porque homem homem tem uma postura (1) homem tem uma postura mais diferente diante dos filhos ele sempre tem um carinho com seu filho só que ele sempre fica sério se seu filho fez uma coisa errada ele continua sério. Agora a mãe vai lá passa a mão na cabeça e ele não se a postura é aquela ele não muda aquela nunca aí tem uma postura tem que ter uma postura firme assim pra educar seus filhos pra impor respeito neles porque atualmente o que a gente vê aí é o filho matar o pai; o pai matar o filho então acho que isso é uma coisa tremenda porque se passar e não impor respeito no filho da gente eles impor passar respeito pra gente também.

Hm: Se meus filhos me me re- me desrespeitar cai na madeira @ simplesmente eu não quero que ele tenha medo simplesmente respeita

Lm: [é isso aí que cê falou (2) eh (1) acho que respeito é tudo, o medo de () é tanta surra de pai (2) eu quero saber qual é o filho que não tem medo da surra de pai (4)

A rigorosidade, a postura firme, e a imposição de respeito são alguns dos preceitos colocados pelo pai na educação dos filhos(as). O homem é a principal referência de educação na família e numa comparação com a mulher no quesito educação dos filhos(as), esta apresenta uma postura diferenciada, um tanto liberal demais, que não condiz com a apropriação do respeito e de valores necessários à boa convivência com a família.

Ítalo e Luís destacam, mesmo que moderadamente, o homem como aquele que tem as rédeas da educação da família. Hélio complementa enfatizando a rigorosidade do homem, e em comparação à mulher, essa não impõe segurança, pois para ele “o filho desobedece à mãe.” Essa comparação parece permear todo o grupo. Gérson acrescenta a postura firme de seu pai, que, mesmo sem abdicar do carinho, se mantém sério e firme nas suas colocações, com um objetivo único que é o de educar os filhos.

Os jovens compactuam com seus pais no sentido de concordarem com um comportamento mais rigoroso, de postura firme, defendendo assim uma posição masculinizada da educação, uma vez que a presença da mãe aparece apenas no sentido de dizer que a sua voz não é obedecida. Além disso, a forma como a mãe educa é vista por eles como “passar a mão pela cabeça”, ou seja, entende-se que as suas percepções em relação ao pai e à mãe são bem diferentes, chegando a não se referir ao que a mãe faz como educação, mas como “paparico”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS: ANÁLISE COMPARATIVA DOS GRUPOS DE DISCUSSÃO E ALGUMAS PROPOSIÇÕES A PARTIR DESTE ESTUDO

6.1 As percepções e expectativas sobre a escola e o curso

As Influências externas são os principais motivos que motivaram as jovens do grupo **Esperança** a escolherem o curso e a Instituição. Neste sentido, a ênfase recai sobre o incentivo da família e a boa qualidade da Instituição para essas escolhas. Outras influências também são destacadas tais como a de professores e amigos que já haviam estudado na escola. Por ser um curso que se aproxima demasiadamente das características da zona rural – Agropecuária – a identificação ficou mais fácil, contribuindo para uma rápida assimilação de suas características. Uma das principais preocupações das famílias em incentivar suas filhas a ingressarem na escola diz respeito à notoriedade que a instituição tem em relação à empregabilidade e também aos altos índices de aprovação nos vestibulares. Nesta direção, as oportunidades de mudança de vida e de transformação se veem mais próximos devido à qualidade do ensino e dos professores, enfatizados o tempo todo. A comparação com as escolas anteriores se apresenta inevitável, devido à grande lacuna que aparece entre a estrutura física, humana e pedagógica de uma e de outra. Entretanto, a explicação para essas discrepâncias recai necessariamente sobre os políticos que não dão o devido valor à educação, em todas as esferas de poder.

A fama adquirida de um ensino de qualidade e de possuir bons professores foram também destacados pelas jovens do grupo **Liberdade**. O fato de o curso ser novo – Agroindústria – também influenciou bastante na sua escolha, pois era uma forma de serem os primeiros no mercado de trabalho, tendo assim maiores chances de emprego. Diferentemente das jovens do grupo **Esperança**, essas apostaram no “novo” em relação ao mercado de trabalho, apesar de continuar acreditando na antiga fama de qualidade de ensino. Nesta mesma ordem se destaca também o incentivo e até a pressão da família para o ingresso de suas filhas. As mudanças no estilo de vida, bem como a distância da família e dos amigos e a pressão sofrida ao chegarem à EFAJT são fatores que fazem as jovens pensarem um pouco mais sobre a permanência na instituição. Entretanto,

vários aspectos contribuem para que isso não se traduza em desistência, uma vez que a expectativa de um ensino de qualidade, de conseguir uma profissão com maior facilidade, isto é, de ascensão econômica, muitas vezes fazem com que as dificuldades sejam enfrentadas e vencidas.

Embora a influência da família como fatores de escolha do curso e da escola apareça sutilmente nas narrativas dos jovens do grupo **Vitória**, o que se destaca mesmo são três pontos: A ênfase no Ensino Médio de qualidade como uma forma de investimento no caminho para a universidade, preparando-os melhor para o vestibular; a relação que têm com o campo, isto é, a afinidade com a zona rural, facilitando assim a busca pelo emprego; e, por fim, as experiências de vida. Assim como nos outros grupos, essas atribuições destacadas por esses jovens também são citadas, contudo, o que é novo e nos chama mesmo a atenção nesse grupo é o que é colocado por Fábio, quando realça as experiências de vida adquiridas durante a sua permanência na Instituição. Para Fábio, a experiência de viver sozinho, longe de casa e de sua família, adquirindo mais responsabilidade e usufruindo de maior liberdade são formas de aprender a “caminhar com as próprias pernas” e que isso será válido por toda sua vida.

Voltamos a afirmar que a preocupação da maioria dos (as) jovens pesquisados (as) está relacionada à busca por emprego e por um ensino de melhor qualidade. Dentre os fatores destacados pelos grupos do curso de Agropecuária, nota-se que, além da opção por um ensino médio de qualidade, existe uma afinidade dos (as) jovens com a zona rural e a forte esperança de adquirir um emprego no setor, devido à afirmação que o curso já tem no mercado e na região. A forte influência da família na escolha do ensino médio integrado é destacada principalmente pelo grupo feminino; entre os jovens do sexo masculino, embora a influência da família apareça levemente, chama a atenção a opção pela escola e seu respectivo internato como uma forma de adquirir maior liberdade e responsabilidade bem como novas experiências de vida.

Já os jovens do grupo **União** assim como os jovens do grupo **Liberdade** apostam no fator “novo” para poderem ingressar com maior facilidade no mercado de trabalho, ressaltando que essa área – Agroindústria – encontra-se em fase de expansão e, por isso, seriam favorecidos por serem os primeiros a entrarem em uma área ainda nova na região. Apesar disso, alguns problemas são evidenciados, principalmente em relação ao fato do curso estar apenas no primeiro ano de funcionamento, causando-lhes certa preocupação. Contudo, a certeza de que a qualidade do curso irá melhorar é partilhada por ambos os grupos. A interação com colegas de outras regiões ganha bastante destaque para os jovens do grupo **União**, principalmente como uma forma de compensar

a perda de amigos porque todo o tempo pode ser preenchido pelas atividades escolares. Assim, a preocupação com a empregabilidade e com o vestibular perde um pouco de espaço em relação às novas amizades.

Esses dados refletem a baixa oferta de cursos de boa qualidade na região e os cursos médios integrados aos profissionalizantes prevalecem como melhor opção. Os pais, preocupados em oferecerem uma formação de melhor qualidade, optam pelo Ensino Médio Integrado, que prepara seus filhos tanto para o vestibular e posterior ingresso na Universidade, quanto para o mercado de trabalho existente na região.

6.2 As relações de gênero na escola e na sociedade

As diferenças entre os sexos são percebidas principalmente pelos grupos femininos, que sofrem mais com a discriminação estabelecida na instituição. Essas discriminações são apontadas pelas jovens do grupo **Esperança** antes mesmo do ingresso na Instituição, principalmente pela família. As jovens destacam o medo de suas famílias em deixá-las sozinhas em outro ambiente – a escola e o internato, além de enfatizarem a fragilidade do sexo feminino. Dentre os problemas mais citados e que reivindicam mudanças, estão as poucas vagas oferecidas para o alojamento feminino, e principalmente o tratamento diferenciado entre as moças e os rapazes. As jovens esclarecem que há maior liberdade para os jovens do que para elas, por exemplo:

- As jovens precisam retornar aos alojamentos a partir das 18:30h²⁸, enquanto os jovens não têm horário específico para o recolhimento e descanso noturno;
- Os papéis dos homens e mulheres nos alojamentos são diferenciados: as mulheres têm que manter tudo limpinho, os homens nem tanto;
- Os jovens podem estudar à noite nos pavilhões até a hora que quiserem, as jovens não;
- Existe uma grande preocupação com relação às meninas encontrarem (namorarem) com algum menino durante a noite. Conseqüentemente estão proibidas de circularem nesse período pelos pavilhões; os rapazes não sofrem

²⁸ De acordo com Regimento Disciplinar Discente o horário para as estudantes se recolherem ao alojamento é às 19:30h.

o mesmo tipo de controle e não existe uma justificativa formal para o tratamento discriminatório;

- Nesta mesma direção, as jovens também não podem fazer nenhum telefonema depois das 19:30h pelo fato de existir apenas um telefone público na instituição localizado na entrada da escola. Como não podem sair do alojamento depois do horário determinado, tampouco podem conversar com seus familiares no horário livre das atividades escolares;
- Nas aulas práticas os jovens gozam de maior atenção por parte dos instrutores e técnicos. Prevalece a ideia de que as mulheres são frágeis e não podem exercer certas atividades do ramo, como, por exemplo, conduzir uma "inseminação artificial" em um animal.

Na visão dos grupos femininos, essa diferenciação na sociedade e no mercado de trabalho é detalhada da seguinte forma:

- Existe pouco espaço no mercado de trabalho relacionado à agropecuária e quando aparece está relacionado a atividades de "escritório";
- Em outras situações as mulheres só são admitidas quando acompanhadas pelos esposos, sob o argumento de que faltam alojamentos femininos nas fazendas.

Os grupos de discussão aparecem como uma forma de desabafo para estas jovens. Apesar de haverem destacado uma série de pontos positivos acerca da instituição elas também citam aspectos que precisam ser mudados mesmo não perceberem por parte da administração iniciativas que apontem para essa direção.

Embora estejam há pouco tempo na Instituição, as jovens do grupo **Liberdade** (curso de Agroindústria) já perceberam a diferenciação entre os sexos, em que se evidenciam os papéis masculinos e femininos. Diferentemente das jovens do grupo **Esperança** (curso de Agropecuária), que citam moderadamente as diferenciações nas opções de lazer na escola, destacando com maior veemência outras situações de preconceitos, estas jovens dão uma ênfase maior a estes espaços, dentre eles: o centro de convivência, a quadra e os momentos noturnos. Talvez isso aconteça por este grupo estar apenas iniciando as suas experiências na escola, ou por fazer um curso com características diferentes do tradicional curso de Agropecuária, o que suscitaria outras

relações, valores e avaliações. Mesmo assim, as discrepâncias entre o sexo masculino e feminino são bastante visíveis:

- O centro de convivência é percebido como um espaço exclusivamente masculino, como se jogar sinuca, pombolim ou até mesmo assistir televisão fossem atividades meramente masculinas, e as jovens que se atrevem a entrar naquele espaço se sentem hostilizadas;
- A quadra poliesportiva é outro espaço que dificilmente é frequentado pelas jovens com exceção dos momentos de aulas de Educação Física, pois elas têm que se recolher a partir das 19:30h, não podendo frequentar este espaço a partir de então;
- A exclusão das moças dos Jogos entre os *Campi* (JEIF), uma vez que a prioridade é dada aos rapazes;
- Faltam opções de lazer para as meninas, pois o centro de convivência e a quadra são “masculinos”;
- Assim como as jovens do grupo Esperança, o namoro é citado como proibido para as meninas, entretanto, aos meninos nada é questionado a esse respeito. Os rapazes podem, as meninas não;
- Além dos horários diferenciados, já que as jovens têm que se recolher aos alojamentos a partir das 19:30h e os jovens não, as opiniões femininas não são valorizadas pela Instituição.

Além da visão que se tem em relação ao curso de Agropecuária outro tipo de discriminação é percebido por esse grupo e que deve ser ressaltado: Geísa se refere ao curso de Agropecuária com características masculinizadas, e elege o de Agroindústria como feminino, colocando isso como uma possível explicação por tê-lo escolhido. Reforça-se inclusive o que as jovens do grupo Esperança relataram, percebendo-se também a grande prioridade masculina que é dada a esta modalidade de Ensino na Instituição. Outra forma de discriminação enfatizada é o tratamento dos (as) estudantes do curso de Agropecuária em relação ao de Agroindústria, uma vez que este possui mais mulheres na composição da turma e tem outros objetivos, o que acarreta uma série de comentários pejorativos:

- O tratamento como “calouros” é muito acirrado pelo 2º e 3º anos;

- A hostilidade é bastante evidenciada, inclusive denegrindo a imagem do curso, chamando-os de “viados” e “sapatões”;
- O curso é definido como “gayindústria”, principalmente por aqueles que deveriam ser colegas, pois são contemporâneos – as outras turmas do 1º ano de Agropecuária.

Os grupos masculinos percebem essas discriminações. Entretanto, não são consideradas tão significativas assim, uma vez que eles é que são os privilegiados nesta história toda. O grupo **Vitória**, por exemplo, deixa bem claro que ser homem na instituição é gozar de maior liberdade e superioridade em relação às mulheres. Os jovens tentam explicar que, por ser uma “Agrotécnica” os homens teriam mais direito. Para tanto, chegam a citar diversos exemplos que ilustram as discriminações existentes: Os homens podem sair, dormir e acordar a hora que quiserem, enquanto que para as mulheres tudo é limitado, não podendo inclusive fazer uma “ligação” telefônica. Tentam mais uma vez explicar essa situação citando o baixo número de mulheres matriculadas na Instituição. Observamos a limitação nos horários, bem como a falta de liberdade que as jovens têm para a realização de algumas atividades, e que também são citadas por esse grupo masculino em questão. No entanto, eles não parecem estar muito preocupados, uma vez que os mais prestigiados são eles mesmos.

Mesmo assim, eles não conseguem visualizar uma escola sem mulheres e atribuem aos novos cursos que estão surgindo o aumento no número de matrículas femininas. Para os jovens do grupo **Vitória**, as discriminações já existem desde a infância, inclusive por influência da família, que educa os filhos para terem mais liberdade e as filhas para ficarem mais reservadas, e que essa educação continua na Instituição e é apoiada pelos pais. Fábio, entretanto, destaca que a escola não deveria reprimir e sim educar. Reconhece o medo que a escola tem se houvesse contato entre as meninas e os meninos. Este ponto é bastante enfatizado também pelos grupos femininos, uma vez que elas não têm a liberdade de circulação no âmbito da escola, enquanto que para os rapazes isto é totalmente liberado. Em suma, não de forma coesa, os jovens concordam que o homem é mais forte e a mulher mais delicada e frágil. Embora tentem imprimir um discurso igualitário, acabam se contradizendo, concordando com a desigualdade. Além do mais, os jovens dizem não sofrer nenhum preconceito por serem homens, apesar de citarem algumas vezes em que são colocados como “utilitários” pelas mulheres, em que servem apenas para o trabalho pesado e são explorados por elas.

Os jovens do grupo **União** reconhecem também a supremacia masculina na Instituição, assim como os do grupo **Vitória**. No entanto, os primeiros têm uma sensibilidade maior em relação aos problemas e restrições sofridas pelas jovens, diferentemente dos últimos, que não se sensibilizam tanto. Em concordância com as jovens, este grupo cita as restrições aos horários delas, o namoro que parece ser proibido apenas para elas, e tentam explicar esta situação se referindo ao baixo número de moças matriculadas na Instituição. No entanto, também citam algumas situações em que as mulheres são privilegiadas na escola, tais como: a estrutura do internato, que oferece para as jovens fogão a gás e geladeira e onde tudo sempre fica “limpim”, enquanto que os homens não têm nada disso e permanecem numa sujeira constante. Apesar disso, eles percebem que a liberdade falta a elas e que isso é muito mais importante do que algumas regalias como geladeira e fogão a gás.

Para os jovens dos grupos masculinos o fato de existirem poucas mulheres na Instituição está relacionado ao preconceito de alguns em relação ao serviço no campo, embora concordem que elas estão adquirindo o seu espaço a cada dia, e que muitas mulheres gostam desse trabalho. O preconceito dos pais e das mães é visto por eles como um dos principais motivos para que as mulheres não procurem esta área de formação. Além disso, outros mitos, como algumas “brincadeiras”, um possível convívio com “malandros”, “maconheiros” ou “homossexuais” são disseminados entre as famílias, reforçando essa ideia.

6.3 Projetos de futuro profissional e perspectivas em relação à constituição da família

Os projetos de futuro das jovens do grupo **Esperança** estão pautados na vontade de melhorar de vida e para isso elas pretendem trabalhar e continuar estudando, mesmo que esses objetivos não estejam tão detalhados. O desejo de casar e de ter filhos só será possível depois da conquista da estabilidade pessoal e profissional, pois temem que isso possa atrapalhar seus planos de encontrar um trabalho estável. A mulher/mãe é a mais indicada para educar os filhos (as), apesar de ponderarem um pouco, quando afirmam que o filho se aproxima mais do pai e a filha da mãe.

Trabalhar e continuar estudando também são os objetivos das jovens do grupo **Liberdade**. Entretanto, este grupo apresenta projetos profissionais mais detalhados,

indicando, por exemplo, os cursos que pretendem seguir na universidade: Agroindústria, Engenharia de Alimentos e Educação Física. O desejo de casar e de ter filhos não é tão destacado por estas jovens que pretendem namorar e se divertir bastante e só depois, “infelizmente”, casar. Para este grupo a educação dos filhos deve ser uma prerrogativa da escola, e vê isso como uma forma de ascensão e não entendem que elas como mãe ou o pai tenham um papel importante para esta ação.

Os jovens do grupo **Vitória** pretendem continuar estudando, mas para isso precisam trabalhar para se manterem e poderem ingressar em um curso superior. Casamento e filhos só depois de “curtir” bastante, pois as realizações de alguns projetos estão em primeiro lugar: casa, carro e emprego estável. Em relação à educação dos filhos destacam uma escola de qualidade como essencial. Além disso, as experiências e os exemplos passados pelos pais e mães para os (as) filhos (as) são bastante ressaltadas. Para esse grupo tanto o pai quanto a mãe são responsáveis pela educação dos filhos, cada um a seu modo. Enquanto o pai é mais rígido, durão e impõe respeito, a mãe é carinhosa e compreensiva.

O mercado trabalho é o objetivo principal do grupo **União**, sendo que a continuidade dos estudos fica em segundo plano, e, ainda assim, tem que ser na mesma área em questão. Casamento e filhos não são muito importantes para estes jovens, apresentando a boa formação e a busca pelo mercado de trabalho com maior destaque. Assim como o grupo Vitória a educação dos filhos se baseia no modelo dos pais – o bom exemplo. Todavia, esses deixam bem claro que é o homem/pai que educa melhor, com maior rigidez, postura firme e imposição de respeito.

O fato de trabalhar para continuar estudando parece se repetir bastante em todos os grupos. Apesar de não detalharem, mostram a necessidade que todos têm para se manterem financeiramente ao fazer um curso superior. Esses desejos refletem a vontade de melhorar de vida e ter um emprego estável. O casamento e filhos só são citados a partir de uma situação mais estável e segura, ou depois de “curtir” bastante. Não se traduz em uma constância a relação sobre quem educa melhor, se é o homem ou a mulher e como seria essa educação. Enquanto para um grupo é a mãe, para outro é o pai, sendo que a maioria tenta ponderar entre um e outro. Todavia a característica que prevalece é a que o pai impõe respeito, é durão e rígido, enquanto a mãe é mais carinhosa, compreensiva e frágil. A educação escolar aparece também como importante nas narrativas como a grande chance de poderem mudar de vida e de dar uma possibilidade de transformação aos (as) filhos (as).

6.4 Algumas proposições a partir deste estudo

O presente trabalho encontra-se permeado por uma comparação entre jovens do sexo masculino e jovens do sexo feminino, bem como entre cursos com características diferentes de uma mesma instituição. Observamos que o anseio por uma vaga no mercado de trabalho bem como o próprio ingresso no Ensino Superior são os objetivos mais claros que fizeram estes (as) jovens optarem por uma instituição que oferecesse um ensino com maiores possibilidades, neste caso, o ensino Técnico-profissionalizante.

A busca por melhores condições de vida e ascensão econômica atrai tanto os (as) jovens do meio rural como os (as) jovens da zona urbana. Cada um (a) desses (as) procura aqueles cursos que mais se aproximam de suas características – urbana ou rural – daí a importância de se oferecerem diferentes cursos com características peculiares, e que possam atender a diversidade ou pluralidade do que é ser jovem. A chance de mudar de vida, de sair de repente de uma condição de miséria ou de pobreza motiva cada vez mais esses (as) jovens a procurarem uma opção melhor para atingirem seus objetivos: trabalho, lazer e até a constituição da família.

Em contrapartida, ao lado dessas situações de crescimento, ascensão e mudança de vida estão também a exclusão, o preconceito e a discriminação. As relações de gênero entre os (as) jovens do curso de Agropecuária são destacadas como sendo bastante discriminatórias. Essas situações de preconceito não se resumem apenas aos alunos e alunas, mas perpassa também pelo (as) docentes, bem como por muitos componentes da administração escolar. Queremos evidenciar, todavia, que, na maioria das vezes, essa situação nem mesmo é percebida, por se apresentar muitas vezes como “natural” diante da comunidade escolar, principalmente a docente. A forma como as estudantes são tratadas em relação aos estudantes acabam por deixar uma grande marca de discriminação e revolta nessas jovens. Constatamos que esses traços são bem mais marcantes nas jovens que já estão no seu último ano de estudos do curso de Agropecuária (Esperança), mas essas atitudes também são percebidas nas jovens do curso de Agroindústria (Liberdade), apesar de estarem no primeiro ano de sua formação.

Neste sentido, as políticas de expansão da Rede Profissional e Tecnológica devem ser priorizadas e evidenciadas, como uma forma de oportunizar maiores chances para os (as) jovens que não conseguem visualizar outra oportunidade de ascensão que não passe pela educação. A alta procura dos cursos de Ensino Médio Integrado, ano após ano mostra a grande lacuna que tem o Ensino Médio no Brasil e que deve ser

repensado o mais urgente possível, devendo ser colocado em pauta nas políticas públicas como prioridade. Além disso, outras questões devem ser discutidas dentro do contexto escolar. As questões de gênero, por exemplo, muitas vezes não são abordadas em muitas das instituições públicas de ensino. No entanto, sabemos que essas questões já ganham grandes proporções em todos os campos, principalmente nas políticas públicas. Dessa forma, a supremacia e os privilégios masculinos dentro da instituição exigem que algumas ações que abordem as questões de gênero - como cursos, seminários e palestras - devam ser implementadas no próprio contexto interno, não só para os discentes, mas para toda a comunidade escolar.

A educação deve, pois, dentro do contexto atual, procurar desmitificar a ideia de que as mulheres são consideradas como sexo frágil e que devem ser preparadas apenas para procriarem ou cuidarem da prole e da casa, além do que, isso acaba sendo propagado pela mídia, pela igreja, pelas famílias e até pelas escolas. O (a) professor (a) deve também ter a consciência de que fazemos parte de uma sociedade machista, advinda de uma cultura que exclui as mulheres de diversos setores. A partir de uma imposição cultural e histórica foi construída a ideia de que existem papéis sociais equivalentes aos homens e outros equivalentes às mulheres, e que nenhum deles devem interferir no campo do outro. Todavia, essas concepções acabam sendo equivocadas e como tal podem ser modificadas.

Neste sentido, incluir no agir pedagógico do (a) professor (a) o entendimento sobre as diferenças culturais, de raça/etnia, de gênero, enfocando a igualdade de direitos para que possa somar para o enriquecimento do processo ensino e aprendizagem, poderá contribuir para a superação desses indicadores e para que possamos buscar uma sociedade mais justa e igualitária, que respeite e valorize as diferenças. Portanto, a escola pode contribuir substancialmente para a superação desses problemas, desde que tenha um projeto político pedagógico voltado para um entendimento mais amplo da construção social do feminino e do masculino, de sociedade, de educação e de mundo, que venha dar o salto qualitativo que tanto esperamos.

REFERÊNCIAS

BOGDAN, R. C.; BIKLEN, S. K. **Investigação qualitativa em educação**: Uma introdução à teoria e aos métodos. Porto: Porto Editora, 1994.

BOHNSACK, Ralf. A interpretação de imagens e o Método Documentário. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 9, nº 18, jun./dez. 2007, p. 286-311. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n18/n18a13.pdf>. Acesso em: 02 de jul. de 2008;

BOHNSACK, Ralf; WELLER, Wivian. O método documentário e sua utilização em grupos de discussão. **Educação em Foco**. Juiz de Fora, v.11, n. 2, p. 19-38, mar./ago. 2006.

BRASIL, Constituição (1988). **República Federativa do Brasil 1988**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constitui%C3%A7ao.htm. Acesso em: 02 de set. de 2007.

CABRAL, Aparecida de Souza; AMARAL, Helena Pereira do. **A avaliação do Ensino-aprendizagem na década de 50, na cidade de Guanambi – Bahia**. Monografia (Especialização). Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade estadual do Sudoeste da Bahia, 2000.

CAMARANO, Ana A.; MELLO, Juliana L.; KANSO, Solange. Semelhanças e diferenças nas transições ao longo do ciclo da vida por regiões e cor/etnia. In: CAMARANO, Ana A. (Org.). **Transição para a vida adulta ou vida adulta em transição?** Rio de Janeiro: IPEA, 2006 (cap. 3), p. 61-93. Disponível em: http://www.ipea.gov.br/sites/000/2/livros/transicaovidaadulto/capitulo%203_semelhanca.pdf. Acesso em: 13 de ago. de 2008.

CIAVATTA, M. Os Centros Federais de Educação Tecnológica e o ensino superior. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 27, n. 96, p. 911-934, Especial – out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a13v2796.pdf> ; Acesso em: 20 de ago. 2008.

DAYRELL, Juarez. Um olhar sobre a juventude. In: _____. **A música entra em cena: o rap e o funk na socialização da juventude**. Belo Horizonte: UFMG, 2005, p. 21-44.

FERRETTI, Celso João; JÚNIOR, João dos Reis Silva. Educação Profissional numa sociedade sem empregos. **Cadernos de Pesquisa**, nº 109, p. 43- 66, março/2004. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/cp/n109/n109a03.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2008.

FLICK, Uwe: **Uma introdução à pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman. 2004.

FRIGOTTO, Gaudêncio; CIAVATTA, Maria; RAMOS, Marise. A política de educação profissional no Governo Lula: um percurso histórico controvertido. **Educ. Soc.**, out. 2005, vol.26, n. 92, p.1087-1113. ISSN 0101-7330. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a17.pdf> . Acesso em: 20 de ago. 2008.

GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. In.: BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. Um manual prático. Petrópolis, Vozes, 2002.

GATTI, Bernadete A. Implicações e Perspectivas da pesquisa educacional no Brasil contemporâneo. **Cadernos de Pesquisa**, n. 113, p. 65-81, julho/ 2001.

GROPPO, Luis Antonio. A juventude como categoria social. In: _____. **Juventude: Ensaio sobre sociologia e história**. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 7-27.

GRÖSZ, Dirce M. **Representações de gênero no cotidiano de professores e professoras**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2008.

HEILBORN, Maria Luiza; AQUINO, Estela M. L.; BOZON, Michel; KNAUTH, Daniela Riva (Orgs.). **O aprendizado da sexualidade: reprodução e trajetórias sociais de jovens brasileiros**. Rio de Janeiro: Garamond e Fiocruz, 2006, p. 212-266 (cap. 6).

HEILBORN, Maria Luiza; SORJ, Bila. Estudos de gênero no Brasil. In: MICELI, Sérgio (Org.). **O que ler na Ciência Social brasileira**. São Paulo: Sumaré; ANPOCS Brasília: CAPES, 1999;

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Municípios Brasileiros. Disponível em: <http://www.ibge.gov.br>. Acesso em: 02 de jul. de 2008;

KERLINGER, F. N. **Metodologia da pesquisa em ciências sociais**. São Paulo: EDUSP, 1980.

KUENZER, Acácia Zeneida. A Educação profissional nos anos 2000: a dimensão subordinada das políticas de inclusão. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 96 Especial, p. 877-910, out. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v27n96/a12v2796.pdf>. Acesso em: 20 de ago. 2008.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MANNHEIM, Karl. Sobre a interpretação da Weltanschauung. In: _____. **Sociologia do conhecimento** (vol. I). Porto: RÉS-Editora, 1986, p. 49-116.

MANFREDI, Sílvia M. **Educação Profissional no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2002.

MARGULIS, Mario. Juventud: uma aproximación conceptual. In; Burak, solum D. (org.). **Adolescencia y Juventud em América Latina**. Costa Rica: LUR, 2001, p. 41-56.

MATOS, Carmen Lúcia Guimarães. Estudos etnográficos da educação: uma revisão de tendências no Brasil. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v.11, n. 1, p. 39-57, mar./ago. 2006.

MEC. **Centenário da Rede Federal de Educação Profissional e Tecnológica**.

Disponível em:

http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/centenario/historico_educacao_profissional.pdf.

Acesso em: 27 de jan. de 2009.

OLIVEIRA, Ramon. Empresariado industrial e a Educação brasileira. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v.29, n.2, p. 249-263, jul./dez. 2003 26; Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n22/n22a06.pdf>. Acesso em 20 de ago. 2008.

OTTE, Janete. **Trajetória de mulheres na Gestão de instituições públicas profissionais**: um olhar sobre os centros federais de educação tecnológica. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2008.

PERALVA, A. T. O jovem como modelo cultural, In: **Revista Brasileira de Educação**, nº 5 - 6: Juventude e Contemporaneidade, SP: Anped, p. 15-24, maio-dezembro 1997.

Disponível em:

http://www.anped.org.br/rbe/rbedigital/RBDE05_6/RBDE05_6_04_ANGELINA_PERALVA.pdf . Acesso em: 13 de ago. de 2008.

PROBST, Elisiana Renata. **A Evolução da mulher no mercado de trabalho**. Disponível em: <http://www.icpg.com.br/artigos/rev02-05.pdf> . Acesso em: 02 de set. 2007.

PFAFF, Nicolle. Etnografia em contextos escolares: Pressupostos gerais e experiências interculturais no Brasil e na Alemanha. In: WELLER, Wivian; PFAFF, Nicolle (orgs.). **Metodologias da Pesquisa Qualitativa na Educação**: teoria e prática. Petrópolis: Vozes, 2010 (Livro em edição).

PISCITELLI, Adriana. Recriando a (categoria) mulher? In: ALGRANTI, Leila Mezan (Org.). **A prática feminista e o conceito de gênero**. IFCH/UNICAMP.No. 48 – novembro de 2002.

SANTOS, Jailson Alves dos. A trajetória da educação profissional. In: LOPES, Eliane Marta T. (Org). **500 anos de educação no Brasil**. Belo Horizonte: autêntica. 2000.

SCOTT, Joan. Gênero: Uma categoria útil de análise histórica. **Educação e Realidade**, v. 20 n. 2, jul./dez. 1995.

SILVA, Catarina Malheiros da. **Escola, saberes e cotidiano no meio rural: um estudo sobre os (as) jovens do sertão da Bahia**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2009.

VALVERDE, Danielle Oliveira. **Para além do ensino Médio: A política de cotas da Universidade de Brasília e o lugar do/a jovem negro/a na educação**. Dissertação (Mestrado). Faculdade de Educação. Universidade de Brasília, 2008.

WEEKS, Jeffrey. O corpo e a sexualidade. In: LOURO, Guacira L. (org.): **O corpo educado. Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2001, p. 37-82.

WELLER, W. A contribuição de Karl Mannheim para a pesquisa qualitativa: aspectos teóricos e metodológicos. **Sociologias**, v. 7, n. 13, p. 260-300, jan./abr. 2005. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/n13/23564.pdf> . Acesso em: 20 jul. de 2008.

_____.A presença Feminina nas (Sub) culturas Juvenis: a arte de se tornar visível. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13 n.1: 216, janeiro-abril/2005c. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a08v13n1.pdf> . Acesso em: 20 de jul. de 2008.

_____.Gênero e juventude. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v.13 n.1: 216, janeiro-abril/2005b. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ref/v13n1/a07v13n1.pdf> . Acesso em: 20 de jul. de 2008.

_____. Grupos de discussão na pesquisa com adolescentes jovens: aportes teórico-metodológicos e análise e uma experiência com o método. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 32, n. 2, p. 241-260, maio/ago. 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v32n2/a03v32n2.pdf> . Acesso em: 20 de jul. 2008.

YANNOULAS, Silvia C. **A convidada de pedra: mulheres e políticas públicas de trabalho e renda: entre a descentralização e a integração supranacional**. Um olhar a partir do Brasil 1988 – 2002. Brasília: FLACSO; Abaré, 2003.

_____. Notas para a integração da perspectiva de gênero na educação profissional. In: VOGEL, Arno. (Org.). **Trabalhando com a Diversidade na Educação Profissional**. São Paulo: FLACSO/Brasil - Fundação Editora da UNESP, 2001, v. 1, p. 69-105.

APÊNDICES

APÊNDICE – A

QUESTIONÁRIO

ESTE QUADRO DEVE SER PREENCHIDO PELO (A) PESQUISADOR (A)

Data da entrevista ____ / ____ / ____ Local: _____

Duração da entrevista: Início: _____ término: _____

Nome dos (as) entrevistadores (as): _____

Universidade de Brasília, Faculdade de Educação.

**Ensino Médio Integrado, representações de gênero e perspectivas profissionais:
um estudo com jovens dos cursos Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA**

Equipe: Nivaldo Moreira Carvalho (mestrando), Profa. Dra. Wivian Weller (orientadora).

QUESTIONÁRIO PARA OS (AS) JOVENS DOS CURSOS AGROPECUÁRIA E AGROINDÚSTRIA

Prezado/a jovem,

estamos desenvolvendo uma pesquisa sobre relações de gênero entre os (as) jovens da escola Agrotécnica Federal Antônio Teixeira – Guanambi – Bahia. O objetivo deste questionário é o obter informações sócio-econômicas e as perspectivas de futuro de alunos e alunas do ensino médio. Para isso, pedimos sua colaboração voluntária no sentido de responder, individualmente, a este questionário. A sua colaboração é muito importante para esta pesquisa. Afirimo que todas as informações serão tratadas com rigor e sigilo e que os nomes não serão divulgados.

Agradecemos a sua colaboração!

Nome:

Nome fictício (como gostaria de ser chamada/o):Série

Curso:

1) Idade: () anos

2) Sexo: 1 () feminino 2 () masculino

3) Cor ou etnia:

1 () Branco

2 () Pardo

3 () Preto

4 () Amarelo

5 () Indígena

4) Qual a sua religião?

1 () Católica

2 () Evangélica

3 () Espírita

4 () Umbanda/Candomblé (religiões de matriz africana)

5 () Outra. Qual?

6 () Nenhuma

5) Você mora em que cidade?

6) Você nasceu na cidade onde mora? 1. () Não 2. () Sim (pule para a questão 8)

7) Se não, em que cidade você nasceu?.....

8) Atualmente, você desenvolve algum trabalho?

1 () Não. Nunca trabalhei.

2 () Não. Estou procurando trabalho.

3 () Sim. Trabalho fixo remunerado.

4 () Sim. Faço bicos.

5 () Sim. Faço estágio remunerado.

9) Em que tipo de escola você já estudou?

- 1 () Somente em escola pública.
2 () Somente em escola privada.
3 () Em escola pública e em escola privada.

10) Você já abandonou a escola e voltou para a mesma série no ano seguinte?

- 1 () Sim, uma vez.
2 () Sim, por duas vezes.
3 () Não.

11) Gostaríamos de saber sobre a escolaridade de seu pai e sua mãe (marque o último grau de escolaridade):

11.1) Qual é o grau de escolaridade de seu **pai**

- 1 () Sem escolaridade
2 () Ensino fundamental incompleto
3 () Ensino fundamental completo
4 () Ensino médio incompleto
5 () Ensino médio completo
6 () Ensino superior incompleto
7 () Ensino superior completo

11.2) Qual é a o grau de escolaridade de sua **mãe**

- 1 () Sem escolaridade
2 () Ensino fundamental incompleto
3 () Ensino fundamental completo
4 () Ensino médio incompleto
5 () Ensino médio completo
6 () Ensino superior incompleto
7 () Ensino superior completo

12) Qual a profissão do seu pai?..... Renda R\$:.....

13) Qual a profissão da sua mãe?..... Renda R\$:.....

14) O que você pretende fazer quando concluir o curso?

- 1 () continuar estudando
2 () trabalhar
3 () trabalhar e estudar
4 () Outra atividade. Qual?.....

15) Você pretende fazer o vestibular? 1 () Não 2 () Sim

16) Se você pretende prestar o vestibular, qual o curso que pretende realizar?
.....

17) Lazer Preferido:

18) Você faz parte de algum grupo ou associação? sim () não ()
Se sim, quais são as principais atividades realizadas pelo grupo do qual participa?
.....

19) Você gostaria de participar de um grupo de discussão? 1 () Não 2 () Sim

20) Outras observações:
.....
.....
.....
.....
.....

Muito obrigado!

APÊNDICE – B

Roteiro – Grupos de Discussão com jovens

Projeto de Pesquisa

**Ensino Médio Integrado, representações de gênero e perspectivas profissionais:
um estudo com jovens dos cursos Agropecuária e Agroindústria em Guanambi/BA**

BLOCO I - ESCOLA ATUAL

Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :

- Vocês poderiam falar um pouco sobre a escolha do curso e porque resolveram estudar aqui na EFAJT?

Outras Questões:

- Vocês estão gostando de estudar aqui? Como vocês veem a escola?
- O que vocês pensam sobre os conteúdos ensinados na escola? Quais são os temas que vocês consideram mais importantes?
- O que vocês acham que está faltando na escola? O que poderia ser diferente?
- Além das aulas a escola organiza algum tipo de atividade? Poderiam falar um pouco sobre o que é realizado na escola?

BLOCO II – ESCOLAS ANTERIORES

Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :

- Vocês poderiam falar um pouco sobre as escolas onde vocês estudaram no ensino fundamental? Como que era estudar nessas escolas?

Outras Questões:

- Como era a relação dos professores com os alunos?
- E como era a relação dos alunos com os alunos?
- Vocês viveram alguma situação de preconceito ou de discriminação nessas escolas? Tem alguma experiência que marcou assim que vocês ainda se lembram?

BLOCO III - RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA

Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :

- Vocês poderiam falar um pouco sobre como que é ser homem e como que é ser mulher aqui na Escola?

Outras questões:

- *Só para os grupos masculinos*: O que vocês acham de ter mulher estudando aqui na Escola?
- Como é ser jovem e mulher aqui em na Escola (ou jovem e homem?)
- Na opinião de vocês existem diferenças entre jovens do sexo feminino e masculino? Acha que a vida é diferente para rapazes e moças? Por quê?
- E como veem isso na comunidade?
- Como veem o papel do homem e da mulher no local de trabalho futuro?
- Vocês já viveram algumas situações de preconceito por ser homem (por ser mulher)?

BLOCO IV – FAMÍLIA**Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :**

- Vocês poderiam falar um pouco sobre a família de vocês? - Como é a relação de vocês com os pais?

Outras questões:

- Como os pais reagiram quando vocês resolveram vir para essa Escola?
- O que os pais de vocês gostariam que vocês fizessem no futuro?

BLOCO V – LAZER/CULTURA**Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :**

- O que vocês costumam fazer nos fins de semana ou no tempo livre de vocês?

Outras questões:

- Aqui na Escola são realizadas festas, gincanas, torneios esportivos? Poderiam falar um pouco sobre o que é realizado?
- O que vocês gostariam de fazer no tempo livre se vocês tivessem outras possibilidades? (se vocês tivessem mais dinheiro para gastar)

BLOCO VI – PROJETOS DE FUTURO PROFISSIONAL**Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :**

- Vocês pretendem trabalhar depois que concluírem o curso de vocês ou pretendem continuar a estudar?

Outras questões:

- Poderiam falar sobre os seus projetos para o futuro? - O que vocês gostariam de fazer depois de terminarem o curso?

BLOCO VII- PROJETOS DE FUTURO PESSOAL**Pergunta inicial (igual para todos os grupos) :**

- Vocês pretendem casar e ter filhos?

Outras questões:

- O que vocês pensam sobre casamento?

- Como vocês gostariam de educar os filhos de vocês?

- Quem vocês acham que leva mais jeito para educar uma criança. O homem? Ou a mulher?

BLOCO - FINAL

- Nós não temos mais perguntas. Vocês gostariam de falar sobre mais alguma coisa?

Muito obrigado!

APÊNDICE – C

Divisão Temática do Grupo de Discussão Esperança (Turma da 3ª série Agropecuária - grupo feminino)

Organização temática da entrevista

PASSAGEM: ESCOLA AGROTÉCNICA (02:07 – 35:52)

02:07 – 35:52	Tema Principal (TP): Opção pela Escola, avaliação da Instituição e do curso
02:07 – 08:05	Subtema (ST): Opção pela escola
08:05 – 16:48	ST: Avaliação da escola
16:48 – 18:40	ST: Alimentação precária
18:40 – 19:12	ST: Água de baixa qualidade
19:12 – 20:41	ST: O internato feminino
20:41 – 22:02	ST: Acesso a internet
22:02 – 23:04	ST: Local para estudar (sala de estudos)
23:04 – 25:44	ST: Lazer para todos e todas?
25:44 – 27:57	ST: Segurança e comunicação?
27:57 – 31:53	ST: Homem pode quase tudo, mulher, quase nada
31:53 – 35:52	ST: Atividades realizadas pela/na escola

PASSAGEM: ESCOLAS ANTERIORES (35:52 – 01:02:50)

35:52 – 01:02:50	TP: Avaliação das Escolas anteriores
35:52 – 46:05	ST: Percepção das Escolas anteriores
46:05 – 53:57	ST: Relação professores/alunos alunos/alunos
53:57 – 01:02:50	ST: Situação de discriminação ou Preconceito

PASSAGEM: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA (01:02:50 – 01:12:25)

01:02:50 – 01:12:25	TP: Análise das relações de gênero na escola, comunidade e no mercado de trabalho futuro
01:02:50 – 01:06:20	ST: Diferenças entre rapazes e moças
01:06:20 – 01:12:25	ST: Papel do homem e da mulher na comunidade, no mercado de trabalho futuro e situações de preconceito

PASSAGEM: FAMÍLIA (01:12:25 – 01:31:49)

Segunda parte da entrevista

PASSAGEM: FAMÍLIA (00:06 – 11:04)

PASSAGEM: LAZER E CULTURA (11:04 – 32:20)

PASSAGEM: PROJETOS DE FUTURO (32:20 – 48:46)

32:20 – 36:11 TP: Projetos de futuro profissional e pessoal

32:20 – 33:34 ST: Trabalhar e estudar

33:34 – 36:11 ST: Mercado de trabalho futuro com oportunidades iguais entre homens e mulheres

36:11 - 48:46 TP: Projetos de futuro pessoal

36:11 – 40:49 ST: Casamento e filhos

40:49 – 48:46 ST: Educação dos filhos

Observação: As passagens destacadas em negrito foram selecionadas para as análises comparativas.

APÊNDICE – D

Divisão Temática do Grupo de Discussão Liberdade (Turma da 1ª série Agroindústria - grupo feminino)

Organização temática da entrevista

PASSAGEM: ESCOLA AGROTÉCNICA (01:27 – 17:30)

01:27 – 17:30	Tema Principal (TP): Opção pela Escola, avaliação da Instituição e do curso
01:27 – 03:51	Subtema (ST): Opção pela escola
03:51 – 07:23	ST: Avaliação da escola
07:23 – 12:17	ST: O que falta na escola
12:17 – 17:30	ST: Atividades realizadas pela/na escola

PASSAGEM: ESCOLAS ANTERIORES (17:30 – 26:35)

17:30 – 26:35	TP: Avaliação das Escolas anteriores
17:30 – 20:06	ST: Percepção das Escolas anteriores
20:06 – 22:58	ST: Relação professores/alunos alunos/alunos
22:58 – 26:35	ST: Situação de discriminação ou Preconceito

PASSAGEM: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA (26:35 – 40:47)

26:35 – 40:47	TP: Análise das relações de gênero na escola, comunidade e no mercado de trabalho futuro
26:35 – 32:56	ST: Ser homem e ser mulher na escola
32:56 – 37:01	ST: Diferenças entre rapazes e moças
37:01 – 39:11	ST: Relações de gênero na comunidade
39:11 – 40:47	ST: Papel do homem e da mulher no mercado de trabalho futuro

PASSAGEM: FAMÍLIA (40:47 – 39:34)

40:47 – 39:34	TP: Família
40:47 – 43:11	ST: Relações com os pais
43:11 – 46:21	ST: Reação dos pais ao virem para a Escola
46:21 – 39:34	ST: Desejo dos pais em relação ao futuro dos filhos

PASSAGEM: LAZER E CULTURA (39:34 – 01:04:51)

39:34 – 01:04:51	TP: Lazer e cultura
39:34 – 51:52	ST: Final de semana e tempo livre
51:52 – 54:42	ST: Eventos culturais na escola
54:42 – 59:51	ST: O namoro na escola
59:51 – 01:01:52	ST: Menina e aluna/aluno não tem prioridade
01:01:52 – 01:03:38	ST: Possibilidades de lazer
01:03:38 – 01:04:51	ST: Expansão do internato feminino

PASSAGEM: PROJETOS DE FUTURO (01:04:51 – 01:12:36)

01:04:51 – 01:12:36	TP: Projetos de futuro profissional e pessoal
01:04:51 – 01:05:35	ST: Trabalhar ou estudar?
01:05:35 – 01:07:46	ST: Casamento e filhos
01:07:46 – 01:10:33	ST: Educação dos filhos
01:10:33 – 01:12:36	ST: Diferenças na amizade entre pai e filho/filha e entre mãe e filho/filha
01:12:36 – 01:14:57	ST: Mulher é um “cristal”

Observação: As passagens destacadas em negrito foram selecionadas para as análises comparativas.

APÊNDICE – E

Divisão Temática do Grupo de Discussão Vitória (Turma da 3ª série Agropecuária - grupo masculino)

Organização temática da entrevista

PASSAGEM: ESCOLA AGROTÉCNICA (01:43 – 11:15)

01:43 – 11:15	Tema Principal (TP): Opção pela Escola, avaliação da Instituição e do curso
01:43 – 04:06	Subtema (ST): Opção pela escola
04:06 – 07:10	ST: Avaliação da escola
07:10 – 10:23	ST: O que falta na escola
10:23 – 11:15	ST: Atividades realizadas pela/na escola

PASSAGEM: ESCOLAS ANTERIORES (11:15 – 16:54)

11:15 – 16:54	TP: Avaliação das Escolas anteriores
11:15 – 13:16	ST: Percepção das Escolas anteriores
13:16 – 16:14	ST: Relação professores/alunos alunos/alunos
16:14 – 16:54	ST: Situação de discriminação ou Preconceito

PASSAGEM: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA (16:54 – 27:15)

16:54 – 27:15	TP: Análise das relações de gênero na escola, comunidade e no mercado de trabalho futuro
16:54 – 18:11	ST: Ser homem e ser mulher na escola
18:11 – 19:19	ST: Ter mulher estudando na escola
19:19 – 22:24	ST: Diferenças entre rapazes e moças
22:24 – 23:30	ST: Relações de gênero na comunidade
23:30 – 25:27	ST: Papel do homem e da mulher no mercado de trabalho futuro
25:27 – 26:44	ST: Situações de preconceito
26:44 – 27:15	ST: A mulher nesta área de trabalho (pergunta imanente)

PASSAGEM: FAMÍLIA (27:15 – 34:16)

27:15 – 34:16	TP: Família
----------------------	-------------

27:15 – 29:33	ST: Relações com os pais
29:33 – 32:31	ST: Reação dos pais ao virem para a Escola
32:31 – 34:16	ST: Desejo dos pais em relação ao futuro dos filhos

PASSAGEM: LAZER E CULTURA (34:16 – 39:29)

34:16 – 39:29	TP: Lazer e cultura
34:16 – 36:02	ST: Final de semana e tempo livre
36:02 – 38:04	ST: Eventos culturais na escola
38:04 – 39:29	ST: Possibilidades de lazer

PASSAGEM: PROJETOS DE FUTURO PROFISSIONAL (39:29 – 41:28)

39:29 – 41:28	TP: Projetos de futuro profissional
39:29 – 41:28	ST: Trabalhar ou estudar?

PASSAGEM: PROJETOS DE FUTURO PROFISSIONAL (41:28 – 48:57)

41:28 – 48:57	TP: Projetos de futuro pessoal
41:28 – 42:51	ST: Casamento e filhos
42:51 – 44:57	ST: Casamento!?
44:57 – 46:46	ST: Educação dos filhos
46:46 – 48:57	ST: Quem educa melhor: o homem ou a mulher?

Observação: As passagens destacadas em negrito foram seleccionadas para as análises comparativas.

APÊNDICE – F

Divisão Temática do Grupo de Discussão União (Turma da 1ª série Agroindústria - grupo masculino)

Organização temática da entrevista

PASSAGEM: ESCOLA AGROTÉCNICA (01:32 – 19:28)

01:32 – 19:28	Tema Principal (TP): Opção pela Escola, avaliação da Instituição e do curso
01:32 – 04:34	Subtema (ST): Opção pela escola
04:34 – 07:38	ST: Avaliação da escola
07:38 – 15:40	ST: O que falta na escola
15:40 – 19:28	ST: Atividades realizadas pela/na escola

PASSAGEM: ESCOLAS ANTERIORES (19:28 – 24:28)

19:28 – 24:28	TP: Avaliação das Escolas anteriores
19:28 – 21:15	ST: Percepção das Escolas anteriores
21:15 – 23:00	ST: Relação professores/alunos alunos/alunos
23:00 – 24:08	ST: Atividades de lazer na escola atual
24:08 – 24:28	ST: Situação de discriminação ou Preconceito

PASSAGEM: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA (24:28 – 36:51)

24:28 – 36:51	TP: Análise das relações de gênero na escola, comunidade e no mercado de trabalho futuro
24:28 – 28:27	ST: Ser homem e ser mulher na escola
28:27 – 29:04	ST: Ter mulher estudando na escola
29:04 – 30:27	ST: Diferenças entre rapazes e moças
30:27 – 32:32	ST: Relações de gênero na comunidade
32:32 – 35:27	ST: Preconceito sobre a escola
35:27 – 36:51	ST: Situações de preconceito

Segunda parte da entrevista**PASSAGEM: FAMÍLIA (00:06 – 06:54)**

- 00:06 – 06:54** TP: Família
00:06 – 02:37 ST: Relações com os pais
02:37 – 06:54 ST: Desejo dos pais em relação ao futuro dos filhos

PASSAGEM: LAZER E CULTURA (06:54 – 12:44)

- 06:54 – 12:44** TP: Lazer e cultura
06:54 – 08:33 ST: Final de semana e tempo livre
08:33 – 11:01 ST: Eventos culturais na escola
11:01 – 12:44 ST: Possibilidades de lazer

PASSAGEM: PROJETOS DE FUTURO (12:44 – 20:28)

- 12:44 – 20:28** TP: Projetos de futuro profissional e pessoal
12:44 – 14:20 ST: Trabalhar ou estudar?
14:20 – 15:11 ST: Casamento e filhos
15:11 – 17:34 ST: Educação dos filhos
17:34 – 20:28 ST: A necessidade de desabafar

Observação: As passagens destacadas em negrito foram selecionadas para as análises comparativas.

APÊNDICE – G

Códigos utilizados na transcrição das entrevistas²⁹

Y:	abreviação para entrevistador (quando realizada por mais de um entrevistador, utiliza-se Y1 e Y2)
Am / Bf:	abreviação para entrevistado/entrevistada. Utiliza-se "m" para entrevistados do sexo masculino e "f" para pessoas do sexo feminino. Numa discussão de grupo com duas mulheres e dois homens, por exemplo, utiliza-se: Af, Bf, Cm, Dm e dá-se um nome fictício ao grupo. Essa codificação será mantida em todos os levantamentos subseqüentes com as mesmas pessoas. Na realização de uma entrevista narrativa-biográfica com um integrante do grupo entrevistado anteriormente, costuma-se utilizar um nome fictício que inicie com a letra que a pessoa recebeu na codificação anterior (por ex.: Cm, <i>Carlos</i>)
?m ou ?f:	utiliza-se quando não houve possibilidade de identificar a pessoa que falou (acontece algumas vezes em discussões de grupo quando mais pessoas falam ao mesmo tempo)
(2)	o número entre parêntesis expressa o tempo de duração de uma pausa (em segundos)
┌	Utilizado para marcar falas iniciadas antes da conclusão da fala de outra pessoa ou que seguiram logo após uma colocação
;	ponto e vírgula: leve diminuição do tom da voz
.	ponto: forte diminuição do tom da voz
,	vírgula: leve aumento do tom da voz
?	ponto de interrogação: forte aumento do tom da voz
exem-	palavra foi pronunciada pela metade
assim=assim	palavras pronunciadas de forma emendada
<u>exemplo</u>	palavras pronunciadas de forma enfática são sublinhadas

²⁹ Modelo criado pelos pesquisadores do grupo coordenado por Ralf Bohnsack.

°exemplo° palavras ou frases pronunciadas em voz baixa são colocadas entre pequenos círculos

exemplo palavras ou frases pronunciadas em voz alta são colocadas em negrito

(exemplo) palavras que não foram compreendidas totalmente são colocadas entre parêntesis

() parêntesis vazios expressam a omissão de uma palavra ou frase que não foi compreendida (o tamanho do espaço vazio entre parêntesis varia de acordo com o tamanho da palavra ou frase).

@exemplo@ palavras ou frases pronunciadas entre risos são colocadas entre sinais de arroba

@(2)@ número entre sinais de arroba expressa a duração de risos assim como a interrupção da fala

((bocejo)) expressões não-verbais ou comentários sobre acontecimentos externos, por exemplo: ((pessoa acende cigarro)), ((atendimento do celular e breve interrupção)), ((risos)).

sinais de feedback: ah, oh, mhm

APÊNDICE – G

Modelo de transcrição de um grupo de discussão:

PASSAGEM: RELAÇÕES DE GÊNERO NA ESCOLA (01:02:50 – 01:12:25) do Grupo de Discussão Esperança (Turma da 3ª série Agropecuária - grupo feminino)

- 694 **Y:** E assim na op- opinião de vocês existem diferenças entre jovens do sexo feminino e
695 masculino? Acha que a vida é diferente para rapazes e moças?
- 696 **Ff:** Existe
- 697 **Tds:** com certeza
- 698 **Ff:** Eu quero até relatar um fato que aconteceu aqui na escola na aula de Osmar (1) aí tava
699 ensinado como que fazia as podas da da manga °pé de manga° aí @ e José dando
700 Osmar a ajeitar lá né (1) aí ele tava lá com a ferramenta e tava podando os pés de
701 manga as galhas do pé de manga (1) aí depois Osm- Osmar chegou e falou pra ele
702 que dasse a ferramenta pra os alunos também aprenderem aí ele foi lá e passou pros
703 meninos (1) aí eu falei pra ele passe pra mim que eu também quero aprender (1) aí ele
704 chegou lá e me deu a=a eh (2) ferramenta tal e eu só olhei e puxei assim aí depois ele
705 foi e pegou de minha mão aí eu falei não eu quero é fazer aí ele não isso não é serviço
706 pra mulher não (1) aí eu falei tudo bem já que não é serviço pras meninas; as meninas
707 nenhuma tinha tentado (1) apenas eu que fui lá tal
- 708 **Ef:** depois ele ficou chamando os
709 meninos pra ir porque ninguém queria ir
- 710 **Ff:** isso pra ir porque ninguém queria ir e as meninas; as
711 meninas não eu que queria ir que eu era menina ele não me queria deixar fazer pelo
712 fato que isso não era trabalho de mulher era trabalho de homem
- 713 **Ef:** ué porque você tava fazendo o
714 curso?
- 715 **Cf:** Ff falou que eu ia falar sobre Bf tava falando de discriminação a única discriminação que
716 eu acho que eu já sofri nessa vida foi aqui na escola pelo fato de ser mulher (1) em
717 todos os aspectos sobre os horários sobre o internato que a gente já falou aqui na
718 escola e nas aulas práticas (1) tudo bem que é uma aula lá tipo (1) no ano passado
719 aula de dar ração:: °as galinhas alguma coisa assim° eu não ia pegar um saco de ração
720 @ mais @ isso aí era serviço dos mais fortes dos homens né mais pelo menos a gente
721 **Ff:** não pelo sexo,
722 mas pela força né
- 723 **Cf:** a gente tinha que=que colocar e aqui cê vê na aula prática ela falou ela citou
724 um exemplo aí; na nossa sala ocorre a mesma coisa tem aula prática que vários
725 meninos eh:: Fernando (1) Zói e pronto (1) é inseminação é uma coisa que todo mundo
726 faz não mas os meninos quer fazer tudo só os meninos vai (2)
- 727 **Ff:** com certeza
- 728 **Cf:** dá prioridade aos homens (1) então::
- 729 **Ef:** agora tinha um
730 professor aqui que dava prioridade pras mulheres que era:: (1) aquele professor de
731 zootecnia (1) suíno::
- 732 **?f:** Mácio

- 733 **Tds:** L Mácio
734 **?f:** L ()
735 **Ff:** Porque tem muitas coisas assim que são que nem Cf falou serviços mais pesados (1) não
736 com razão de gênero e sim por razão de força muitos não agüenta fazer certos tipos de
737 trabalho isso todo mundo entende (1) entendeu (1) mais:: tem muitas coisas que
738 **Df:** L mais na nossa
739 sala () mais forca que todo mundo mais que a maioria dos outros
740 meninos
741 **Tds:** L @ (2) @
742 **Ff:** Aí tem muitas coisas assim que tanto homem quanto mulher podem fazer normal e eles
743 falam que não ah isso é coisa de homem isso é coisa de homem
744 **Cf:** O tipo dessa aula prática de Osmar mesmo eu acho que não teve uma menina de vocês
745 (1) alguma menina que fez na nossa sala (1) eu lembro dos meninos mostrando pra
746 gente o pé de manga @
747 **Tds:** L @ (3) @
748 **Cf:** L mas a gente mesmo nenhuma @
749 **Bf:** A gente é assim quando tem aula prática (1) principalmente assim as meninas ficavam
750 bem separado do=do local de trabalho e ficava olhando (1) sabe porque os meninos
751 também os meninos tem aquele instinto de ir logo e querer fazer tudo (1) aí na hora
752 todo mundo pega sua ferramenta os meninos aí as meninas ficam (1) os meninos
753 gostam de fazer e a gente fica sobrando
754 **Cf:** L e o que dá raiva é que na hora de dá a nota os
755 professores viram pra gente ah não mas nan sei quem tem mais incentivo trabalhou
756 não sei o quê (1) ué porque que não deu oportunidade pra gente trabalhar mostrar que
757 a gente quer também
758 **?f:** ° com certeza.
759 **Cf:** A discriminação acho que ocorre mais é isso (1) com a mulher
760 **Ff:** ° realmente° (2)
761 **Y:** E assim como vocês vêem isso na comunidade ? (2)
762 **Cf:** Geral?
763 **Df:** Ah eu acho que acontece muito talvez ta ta () mulher
764 não sabe dirigir mulher não sabe fazer isso tudo tudo é mulher ()
765 **Cf:** L eu acho assim que tudo
766 bem que a mulher tá (1) tá (1) tendo espaço depois de um certo tempo agora na
767 sociedade mais ainda falta
768 **Bf:** L cê quer dizer a comunidade escolar ou em geral ?
769 **?f:** °Em geral°
770 **Y:** Em geral.
771 **Bf:** Ela tem que conquistar muito porque (1) até pra trabalhar na área homens aqui (1) são
772 bem () só que assim as meninas vão são chamadas pra trabalhar em escritórios::
773 eu mesmo daqui são poucas meninas que conheço que trabalham eh assim não mais
774 eu acho eu eu se falar assim Bf cê vai (1) cê:: vai vai trabalhar na análise de praga (1)
775 eu sei que ia crescer lá dentro e eu não ia achar que isso era emprego de homem então
776 se eu achasse eu ia trabalhar eh trabalhar lá eu ia crescer quem sabe eu não ia ser até
777 uma gerente
778 **Df:** L mas a maioria das fazendas também
779 **Bf:** L mas a maioria também das meninas vai só pro
780 escritório (1) pra mim isso é discriminação a mulher não tem capacidade
781 **Cf:** L pra mim a maioria
782 dessa discriminação (1) no meu caso mesmo (1) eu já conversei com Edna que eu
783 quero trabalhar (1) aí ela falou que (1) ah cê fica aí esperando porque a maioria das
784 fazendas tem dificuldade pra alojamento (2) por que isso? Tem fazenda que só pega
785 casal (1) só pega a mulher se a mulher for casada (1) com alguém que é da fazenda ou
786 alguma coisa

- 787 **Bf:** Lmulher só pra escritório, mas têm algumas
- 788 **Cf:** Lmulher só pra escritório tem algumas realmente
- 789 **Ff:** L o espaço
- 790 pra o mercado de trabalho pra mulher na área técnica em agropecuária (1) assim:: tem
- 791 mercado tem mas agora ela ainda é muito discriminada nessa área
- 792 **Ef:** L e em comparação quando alguém vai comparar (1) não (1) o homem é superior à
- 793 mulher (1) pro trabalho não (1) se por mulher e homem mulher e homem não (1)
- 794 homem primeiro **mulher** (1) **depois** se não achar outra melhor
- 795 **Bf:** L mas mulher é mais inteligente
- 796 que homem né (1)então:: só sendo um trabalho forte ou:: homem pode até ser primeiro
- 797 (1) só que o homem pra conseguir fazer tarefa bem feita que uma mulher faz (1) fazer
- 798 mil e uma tarefas (1) o homem só sabe fazer:: mexer naquilo ali
- 799 **Ff:** L tem muitos trabalhos que
- 800 são de homens que uma mulher pode mui- que uma mulher faz igual ou até melhor que
- 801 o homem
- 802 **Tds:** L **bem melhor que o homem**
- 803 **Cf:** L porque mulher é mais é mais delicada
- 804 **Bf:** Na área de avicultura mulher eh eh é mais exigido mulher do que homem que mulher é
- 805 mais delicada né (1) então aí fala que homem vai lá só pra quebrar os ovos @ (2) @
- 806 que homem é aquela coisa rápida (1) então mulher ela é mais chamada (1) na área de
- 807 agricultura lá quando a mulher eh ela luta muito assim esforça ela acha emprego
- 808 porque eu acho que na área tem muito emprego, mas homem (1) homem é assim ó
- 809 ()
- 810 **Ef:** L o salário mesmo em comparação as mesmas profissões as mesmas
- 811 quantidades de horas o homem tem um salário maior do que a mulher (1) a mulher não
- 812 a mulher sempre está ali afastada de tudo
- 813 **?f:** L mas isto já vem da história
- 814 **Cf:** L um exemplo bem claro pra
- 815 gente mesmo perceber (1) é sobre os trabalhos da escola (1) por que ninguém vê uma
- 816 mulher trabalhando na agricultura é só homem ? no setor (1) é só homem que toma
- 817 conta
- 818 **?f:** L as mulheres daqui trabalham onde?
- 819 **Cf:** L as que não for secretária ou professora o- ou no
- 820 refeitório trabalha aqui varrendo
- 821 **Ff:** L faxina
- 822 **Cf:** L faxina isso é uma for- forma de discriminação
- 823 **?f:** L com certeza
- 824 **Cf:** L não tem
- 825 um homem faxineiro na escola (1) só tem mulher num tem uma uma mulher que
- 826 trabalha nas nos nos setores de avicultura e agricultura né (1) lá de suíno não tem uma
- 827 mulher que fica aqui não é
- 828 **Ff:** L não tem uma mulher vigilante
- 829 **Bf:** L e porque que não tem uma mulher
- 830 pra vigiar as mulheres também assim já que homem (1) não é tão ruim eh guarda
- 831 chegar pra vigiar nossas coisas fazer a revista ficar olhando nossas coisas assim mais
- 832 íntimas (1) então coloca uma mulher pra ser assim um guarda um guarda feminino aqui
- 833 (1) né então eu acho que vai acabar botando um guarda aqui (1) mulher (1) ela não vai
- 834 dar conta né então
- 835 **Ff:** L colocar uma vigilante mulher eu acho que seria a coisa mais anormal do
- 836 mundo assim sabe uma surpresa pra todo mundo mais eu acho que deveria ser um
- 837 coisa normal assim (1) e seria uma forma de ta incluindo a mulher em tudo °na
- 838 verdade né°

- 839 **Af:** A mulher é tão discriminado aqui na escola (1) tem até no alojamento da escola no
 840 internato em questão de limpeza nosso alojamento tem que ta brilhando (1) o dos
 841 meninos não (1) o dos meninos o dos meninos vai um homem lá e olhe lá
- 842 **Ff:** L ah isso aqui é
 843 porque o internato masculino tem um desconto porque é tudo homem (1) mulher mulher
 844 tem que tá limpo
- 845 **Df:** L aí porque vocês não exigem as mesmas coisas dos meninos como da
 846 mulher (1) não porque vocês são mulher mulher
- 847 **Bf:** L porque é como eles dizem mulher já nasceu só pra
 848 parir e cuidar da casa né pra ficar dentro de casa pra reproduzir e pra perpetuar as
 849 espécies e pra cozinhar e esperar o marido chegar de noite e:: aí:: continuar a espécie
 850 @ só pra isso @ só que eles tem que vê que isso está mudando né mulher era pra
 851 mulher mandar em tudo era pra mulher está no auge (1) se não fosse isso daí essa
 852 separação essa questão que a mulher não tinha direito a absolutamente nada eh tinha
 853 até mulher que tinha as su- as sua mediunidades lá que eram chamadas de feiticeiras
 854 tinham que morrer não podia ter poderes @ então @ é uma questão da história mas
 855 isso aí tá mudando o homem que abra o olho @ porque ele vai ficar debaixo dos
 856 nossos pés @
- 857 **Ff:** L vai chegar um tempo que as mulheres vão governar o mundo
- 858 **Tds:** L @ (3) @
- 859 **Cf:** L pois eu acho que o exemplo mais claro
 860 começa daqui da escola (1) pelo fato dos setores
- 861 **Ff:** L pois é e a gente olha também pelos
 862 representantes (2) presidente eh prefeito (1) eh essas coisa assim representantes de
 863 cidades não existem representantes mulheres como eh é a primeira vez na história de
 864 Cidade-Y mesmo que foi eleita a vice prefeita de Cidade-Y (1) a primeira vez na história
 865 que está tendo uma representante uma vice prefeita mulher e pra gente ver o quanto
 866 que é difícil uma presidenta mulher não existe não tem ()
- 867 **Cf:** Olha já tava questionado esses dias que disse que Lula vai apoiar agora um:: uma mulher
 868 né? Aí todo mundo já tá falando nisso ah como é que vota nunca teve
- 869 **Ff:** L uma mulher e tal e tal (1)
- 870 **Ef:** Só botando uma mulher pra ver se o pais vai pra frente mesmo
- 871 **Cf:** L tem discriminação sim (2)